

Além do Pensamento

Esta poderia ser uma viagem ao interior do pensamento, numa envolvente-artifício de descobrir-se de mim mesmo ante o Outro, pelo Outro. Será que além do pensamento está metafísica, Deus, será que Deus está além do pensamento? Será algum dia que o vou encontrar, nesta minha viagem? De algum modelo, abdicar de pensar seria, exceto Hannan Arendt ou Simone e Sartre, abdicar dos sentidos, quando, por outra via, diria o meu colega Gonçalo, ser a mente se estranha nos sentidos, quando sabemos todos que os sentidos são, a seu tempo e em certa mediada, os Outros. Sim, o que haverá para além do sentimento, do pensamento. É lícito pensar, nos dias de hoje? Não estará a descoberta da felicidade que ver com o facto de podermos manusear bem, de modo conveniente, a relação entre normalidade e patologia? É que nem todos somos normais, como também nem todos somos doentes. Mas nem todos pegam em armas, preferem arranjar um explicação sobre a violência que lhes é exercida, de vários géneros e chegam a casa descansados, à cama descansados... Na verdade, só se está bem quando deixamos a nossa velha carcaça do Ego, quando deixamos de ser quem sempre formos. Pois bem, se eu mesmo é também ser o Outro e ser o Outro é uma forma mais do que elevada de ser Eu Mesmo...a doença, física ou psíquica, é uma separação do mundo, o Ego é uma separação do mundo, contudo o mundo não é qualquer coisa que está patente, é em mesmo em relação a Mim. Talvez, a única forma de escapar à morte, à morte do Mundo, de Mim mesmo e dos seu constituintes, seja ficando louco, porque a normalidade é maquinal e agressiva e tende para uma certa forma de eliminação do diferente. Ou não, estarei eu confuso ou enganado? Pensando pouco, pensando apenas para mim mesmo, especulando? Terei apenas o síndrome do coletivo?

Depois, não é uma questão patrimonial, mas percebi essencialmente que Nina tinha estado comigo dois meses para servir de capacho e acabar por gozar um pouco comigo, este pessoal das artes de Lisboa, sobretudo se forem das artes do espetáculo, não perdoam um, talvez seja mesmo por isso que os respeito e eles a mim. Sim, talvez estivesse chegando a um lugar, talvez uma forma de existência superior e tal se devia a um sentido de coordenação em termos interno/externo da consciência, sim, era essa a palavra: vigília, depuração, inconsciente ligado ao consciente, todas as portas da percepção (Huxley) abertas e uma certa forma de felicidade quase tântrica (Castañeda). Sim, afinal eu não poderia aderir a uma outra forma de religião ou filosofia que não fosse a minha, a minha mesma na razão do Método Taigen, uma forma de escrever, de ler (o universo) e de experienciar o Mundo, na voragem do Estar, do Ser, do Acabar, do Regenerar. Dentro da minha mente não havia somente corpos misturados (Serres, Bataille) mas essencialmente uma porta para outra forma de pensamento, além da finitude e do existente, uma coisa que roçava o sacerdócio, não fosse eu Bahá'í, encontrava sempre uma forma de me sentir feliz mesmo na infelicidade, na bancarrota, no desalento, na falta de afeto de uma mulher que partilhasse comigo os meus projetos, por isso muitos me julgavam pela aparência e me chamavam todos os nomes e até as pessoas mais queridas que diziam que iria acabar na miséria, esquecido, pobre, só. E eu pensava, estando a trabalhar de certo modo para a minha imortalidade através das Letras-que era um dos poucos tipos que sabe ver coisas positivas e boas numa ou noutra situação má e, ainda assim, face à sua finitude, certos homens eram tão desequilibrados que abusando da sua condição de existentes, nem sequer tinham por referência a sua finitude. Mas tudo bem, eu entendia isso e estava de certo modo disposto a ceder, face à sociedade,

do meu respeito pela minha própria finitude e, mesmo considerando as duas posições -fim e imortalidade- nada disso alteraria a paixão com que arremetia o meu espírito aos meus projetos. Nisto tudo, fui ter à questão-cerne, essencial nas minhas deambulações metafísicas infundáveis: qual a diferença entre um homem e uma mulher? Eu sei, responde o Carlitos: “é que o homem tem pêlos no cú e a mulher não”....Assim, eu sentia a potenciação do ser super-homem em mim mesmo, procurava trabalho, podia escrever sobre praticamente tudo nos termos da condição humana, mas queria ir mais além, além do mais, num regímen de metafísica pós-metafísica, ou seja, superar a saturação do pensar e do viver numa geografia e antropologia de curto curso e definitivamente trabalhar entre Lisboa e Riachos: no fundo tinha dois estudos e ainda por cima com os pais vivos, sempre prontos a dar-me ideias, e eu conseguia, ainda que meu pai praticamente não falasse, desenvolvendo uma espécie de comunicação telepático-sentimental com ele, ainda que a mãe estivesse rabugento, ao menos tinha ideia do meu primo ou do Arlindo, que depois de uma doença grave, que o pôs perto da cova, se dedicava a disparar concertos e mais concertos de pianos na net...ideia brilhante a dele...Depois, no terreno teórico mais manifesto, tive saudades de Priscila, enquanto o meu pensamento ia, a partir do lugar onde estava, para Brígida, enfim, era um pouco inusitado da minha parte, não era uma mulher fácil, eram bem viva, devia ter os seus 35 anos, já tivera desaguizagos com ela, mas ela sabia que eu, de certo modo, gostava dela assim, destrambelhada e louca debaixo de mim, seu corpo era perfeito e eu temo que devia manter isto em segredo, todos o fazem para comer pela calada, sim, eu ao menos, legitimando-me etica e moralmente, não tinha receio nenhum em ir a uma boa puta, dona de umas boas mamas, pondo em risco a minha reputação social, enfim, isto seria como a religião, o que era mais saudável seria a pessoas

sentirem-sem, havendo uma certa dose de loucura nisso, ou seja, deixar tocar os pífaros do sentimento, das paixões, do corpo.

Por vezes, sentia a influencia em mim de Sade, sim, o meu pensamento aproximava-se corporalmente do seu, como do de Bataille. E Caruso, e Bruno, eu sentia o peso disso mesmo. Curioso, o filme de Borat também é Bruno. Será isto algum tipo de ofensa à figura do metafísico? Um metafísico só quer cuscar umas coisas e ser deixado em paz, quer essas coisas fora do pensamento, como um Besugo, diria eu mesmo, esgueirar-se como um mocho de uma luz na escuridão e depois reportar tudo isso, nomeando o mundo, como se fizesse parte do mundo, a si mesmo e à sua reflexão, escrita ou não, até rima. De algum modo, o que a solidão dá, a solidão tira: estamos entregues aos nossos pensamentos, vindo de uma certa anterioridade da mente e do pensamento e projetamos a nossa ação além de nós mesmos e da consideração dos outros, isso faz-nos sermos maiores do que os mesmos e de certo modo, em certo sentido, humanos, inhumanos no sentido de nos misturarmos naquela mesma substância que habita o sangue, tomando o halo dos deuses no nosso ânimo, tal qual numa batalha dos Mil Homens, de Xenofonte. O *déjà-vu* repetia-se: eu estava escrevendo um livro e, no auge da inspiração, batia-me à porta uma mulher maravilhosa, de corpo e conservação, sem elevadas filosofia, pois em certo sentido, o filósofo se **abs-trai** porque é misógeno.

O cientista social diz ao literato, sob a forma de escritor, "não se pode dizer tudo, nós vamos consertar a sociedade". Mas o autor, escritor, não dá a tenção a isso e bebe um copo, afinal, também o cientista social, na forma de antropólogo, sempre quis ser escritor, literato, literário, assinalar o refulgor da sua emanção puramente literária, mesmo com droga e álcool, ou seja, enquanto a literatura dá para pouco mais do que papel de impressão e perda de tempo, o cientista social também vive teso, porque a sociedade se transforma por obra de todos, mesmo este, uns e outros, não sabendo, não tendo consciência disso, ou seja, o planeamento, seja urbano seja humano, é sempre político, diria mais, politicamente correto, alimentando-se nos meandros académicos um afã de um certo ódio aos políticos, que não lêem tratados de ciência social mas leis, como em diversão as interpretar e nessa longa ladaíinha, mesmo à TV, andam todos os dias. O Escritor tem a tendência, bem como o cientista social, de escrever tanto o que lhe apetece, com a agravante de apenas escrever quando está "tudo bem", ou seja, reprova as coisas escritas "em cima do joelho", tipo ficção colaborativa, andando de uma lado para o outro sem ter nada grande coisa que fazer. O cientista social toma por certas, verdadeiras, as asserções sobre a sociedade ou a natureza humana, numa espécie de teatro da evolução humana em regimen capitalista onde a industrialização do saber e das práticas vai em voga com o arfar dos amantes. Todo o mundo académico sabe que os grandes cientistas e literatos eram na sua grande parte grandes bêbados e alcoólatras, para não dizer nevróticos, psiquiátricos, paralelipédeos que eram balanceados de um lado para os outros, uns e outros mais e menos perto do poder. Assim se arranja inspiração para grassar um pouco mais na substância da vida, já que por questões político-económicas não nos é lícito entrar no

domínio onde realmente queríamos estar, além da filosofia e da metafísica, para além do pensamento. Mas pensamento do quem? O meu? Ora, na maior parte do tempo não diz nada a ninguém, mas na outra parte do pensamento-cérebro, há qualquer coisa de invulgar e único, qualquer coisa que talvez não seja deste mundo e que vá comigo para o Outro, ou seja, talvez haja uma porta de comunicação entre essas duas divisões da mente que realmente ninguém vê, ou vê mesmo, isto porque a sociedade tem mais de mil olhos, sim, mais de mil homens, mais de mil olhos.

Fosga-se. Estava apaixonado. Mas viveria para sempre. Viveria para sempre em Riachos. Curiosamente, o sentimento de saturação havia-me deixado. Deixe-me pensar melhor; não, não estou apaixonado, nem por Meme nem por Brígida, apenas estou entregue ao trabalho da mente em continuar esta obra, por mais que me custe dormir sozinho, pouco implicado em realidades contextuais. Se sinto remorso por ter escolhido esta profissão? Não, nunca, a vida desenhou-se assim, na falta por vezes, na maior parte dos dias, por troça e humilhação. Hoje em dia, pouca gente se preocupa em ler, pouca gente se preocupa em escrever. O mundo está assim, a maior parte vive nas cavernas, na caverna, roendo um osso, uma raiz de árvore, procurando firmar o salto, fazer alguma coisa por si. É este o mundo e de certa maneira eu estou lá fora, na realidade, sózinho, enquanto a maior parte está na caverna e me vê, refletido no seu céu pelas sombras da fogueira que os aquecem... Assim, a pouco e pouco fui desistindo, sob pena de imaginar dinheiro para os meus projetos, que eram demasiado pessoais, pessoalíssimos. Podia fazer como a maior parte dos artistas, não me importar, uma metodologia distinta daquela que havia pro-sseguido até agora. Sonhava em discutir a tese mas não tinha dinheiro, além do pensamento estava a minha mente, projetada no além das estrelas, sim, desistira da ideia da América, mas sem deitar tudo a perder, adiar de modo alinhavado certas coisas, como a *Teoria da Sociedade*, a inscrição (de novo) na faculdade e no doutoramento em Filosofia, concorrendo de novo a uma bolsa, poderia finalmente dar-me a hipótese discutir a bolsa, a bola, estava em tudo isto, perdendo saúde, em nome de qualquer coisa como um ideal ou coisa parecida. Nunca fora de desistir das coisas, mas neste caso teria, nem que fosse por caso ou ocaso de saúde, desistir de tudo, deixando porém tudo

em standby. Apenas remotamente me imaginava a dar aulas, fosse no secundário, fosse na faculdade, estava sendo demasiado visto, demasiado comentando, analisado, criticado, quando na verdade eu fora sempre claro sobre os meus propósitos. Enfim, cadeias de conhecimento, mafias até no sentido acadêmico do termo. Poderia estar saindo de um ninho de formigas para me meter num de cobras...

Sim, talvez a felicidade estivesse não numa visita a Nova Iorque, mas num caminho contínuo entre Lisboa e Riachos, pensando que tinha lá um *Oficina do Saber* e por cá tinha a outra. Acredito que não há experiências excepcionais, umas melhores do que outras, porque somos nós que fazemos essas experiências, a nossa mente, a nossa preparação espiritual. Podia, como conta e avisa a minha mãe e irmã, ir à América e ficar por lá, ir à América apenas passar um fim de semana, não sentia o apelo particular de um certo tipo de profissão, fosse antropólogo, sociólogo ou filósofo. Talvez fosse, um dia. Aliás, creio que a maioria dos antropólogos (que eu conheça) escrevem bastante mal e, de certa forma, a experiência antropológica é baseada numa *démarche* que de certo modo a enquina enquanto ciência (ou arte), a saber, a suscitação de experiências e visões a propósito de diversas culturas e culturas diversas. O antropólogo é, então, um escritor desinspirado, que precisa de dados legitimados por certos grupos sociais para escrever, para além de a sua *visée* ser etnocentrista e diletante, ou seja, ele pertence sempre a uma casta europeia e superior, o que não aconteceu comigo, pois ainda estou em Riachos e vejo, numa tarefa de visionários singular (muitos me chamam de louco e nem me falam) sempre coisas novas, portanto é de presumir que seria um grande antropólogo se tivesse feito trabalho de campo em duas ou três sociedades europeias. Mas concordo, no sentido lévi-straussiano, que a cultura e sua interpretação é um trabalho de

artesanaria, de artesão que lida com coisas concretas e não são somente os conceitos, sob a forma de técnica social ou de mitos.

Sim, estava livre agora, não insistiria mais, voltaria ao vício de viver, Lisboa, por exemplo, onde tinha um papel a desempenhar. Estava pensando em três mulheres e seu cabelo e num título, "O Cabelo de Três Mulheres": Grace, que perdera na adolescência e agora estava casa, Brígida, que estava solteira e que me servir um café há poucas horas, Meme, que estava casada. Tinha uma forte empatia com a terceira, todas tinham um filho criança, ou dois, duas delas foram meus amores de adolescente; talvez estivesse pagando por isso, por ter tido vários amores ao longo da minha curta vida e de nunca tendo assumido um em particular, que seria obviamente, virado para Madalena. Mas é certo que quando pomos os dados nas mãos de uma mulher ela sente-se poderosa e não há coisa mais forte e que cause maior temor num homem que uma mulher com poder, é capaz de tudo para defender o seu redil, os seus interesses, o seu homem se for caso disso. De modo que estava apanhado por isto e de certo modo perdia nisto uma oportunidade para "flashar" numa carreira académica, plena de admiradores e meninas temporãs. Mas isso não seria para mim, eu talvez preferisse *en passant*, a rua, o risco, o perigo, e vivêsse disso. Podiam-lhe chamar aparência, que nada ganhava com isso, que era um lorpa, tal como a minha irmã teria poder sobre mim por me ajudar e o facto de ser minha congénita de nada servia, por isso vim naquele dia, a meio da semana, parar de novo a Riachos, onde encontrei os meus pais e os miúdos. Sim, como diz a canção, somos todos iguais, tudo se resume à geografia, é preciso, urgente, levar a palavra além dela mesma, do conceito, levar a palavra para um "domínio" onde não há pensamento, que domínio é esse, o do cérebro (Espinosa), uma área onde somente há impulso e jogo, além do bem e do mal? Porque referenciamos o pensamento filosófico apenas a certos autores

que não têm a sensibilidade das mulheres, a anterioridade, lateralidade e profundidade delas? Porque é preciso uma antropologia para reivindicar direitos igualmente prescritos pelas diversas (voláteis) leis, enquadramentos jurídicos, para dar preponderância, por exemplo, ao papel e pensamento da mulher? Não é o pensamento do homem, em geral, um pensamento do àquem, enquanto o da mulher, labial,. Sensitivo, o é da posteridade, em certo sentido, além do pensamento-cérebro? Sim, Ibsen diria: "Desisti há muito de viver, por isso me tornei uma pessoa feliz". Saramago ou Antunes reiterariam: desisti de escrever e continuei a fazê-lo por imperativo kantiano da quantidade de pensamentos produzidos por entre as flores da minha floresta sentimental, no pensamento de uma ocidental, na geografia do ganho para mim e para os outros nesta época de reflorescimento das artes num império pós-romano, pós-ocidental.

O português é o tipo de homem tão intelectual, tão rico em sua raça identitária, que dá tudo para que tenha uma mulher fiel ao fim dos dias, todos os dias. Haverá maior lição de amor? Para aqueles das faculdades, se me revoltasse, podia ser complicado para eles, mas eu não estava para me ralar, estar ali seria estar dentro desse pensamento e eu estava fora, portanto, deixei de insistir, de reclamar, passei a viver e aí ganhei mais do que tinha imaginado. As emoções coletivas podem fazer sentir-nos bem, mas desgastam mais do que as particulares, que se alimentam ao mesmo tempo que soçobram. Essa espera dava cabo de mim e nem conseguia pensar direito, chegar a alguma forma de superação, parecia que estava num labirinto, Meme tinha a mania que era boa, todas as mulheres procuram um homem que seja tonto e eu digo, quando um tipo como eu vos abandona, vocês gritam ai ai, para onde vai a barca. Nessa altura ele não vos poderá atender, porque separando o todo, como Ronaldo na bola, já não terá tempo para vós. Tolerância e muita, mas muita paciência, mas tudo bem, restrinjo-me aos cargos diretivos porque nem vocês me podem dar o que pretendo e somente uma coisa pedi. Insistirei nisso? Facilmente teria largado os propósitos e sonhado criar literariamente diversos personagens, de tanto semeei nesta terra que me roubaram todos os frutos dela. Roubado? Sim, sobretudo em termos de propriedade intelectual, neste país que adoram tanto e que eu, por isso ou por mim mesmo, acabo por adorar. Podem-me acusar de ser uma espécie de asno. Pois então, enquanto vocês pensam como grupo, eu penso pelo grupo, sobretudo quando falo de mim. Serei Legião, o demónio? Todos os escritores, mesmo os mais sacrossantos, o são, porque risca no ar oxigenado a sua tinta ou oprimem dolorosamente contra si as teclas de uma máquina de escrever ou de um computador.

Estaria eu além do pensamento, já além de mim mesmo, da minha representação social, e como poderia ajustar o que era na verdade, muito mais do que parecia ser (aos outros)? Depois, eu escrevo livros, é o que sei fazer, o que faço profissionalmente. Hoje em dia o autor tem de pagar a sua obra para a ver publicada, não precisa de andar atrás das editoras, elas é que o procuram para que este adquira uma certa quantidade de livros na impressão, pois precisam de fazer dinheiro. Eu não sou parvo a esse ponto, sei gerir muito bem a minha obra e não tenho muita pressa de sucesso editorial, pois conheço algo do ambiente editorial, que é como o ambiente das artes e do cinema, sete cães a um osso, sete mata sete. Mas bom, isto foi só um àparte.

Ainda assim, não conseguia deixar de pensar nelas as duas, que me parecia terem-me esquecido, sim, iria mais dali a pouco ao café, a ver se a veria, ainda desempregado e sem ela, teria inêxito no meu desejo de ir à cidade, perto da praia, ver a outra. Uma era Brígida, a outra era Meme, não pensava assim tanto nelas, talvez estivessem fora do pensamento e eu teria de caminhar para tal, para fora de mim mesmo, para os meus pensamentos inúteis onde o meu corpo habitava como gigante e que talvez fossem a minha salvação moral de uma mente atormentada e genialmente desesperada... Sim, a minha americanização fazia tão mal quanto bem, talvez tivesse de nunca abdicar da minha tríplice herança; se juntasse uma quarta, uma quinta, tal como acrónimos pessoas, o meu Eu, em sua identidade fraccionária, segmentar-se-ia, estatelar-se-ia, num teto que desabava sobre o meu corpo e os diversos corpos da minha complexa mente. Tobias, por seu lado, quando o encontrei num destes dias junto à fonte, onde parei no meio de uma corrida de cinco quilómetros, havia

escolhido a via do vinho, do absinto e da caçarola, ou seja, tornar-se alcoólatra porque estava farto de um mundo desigual, mesmo atormentado pela sua sobrinha que sempre puxara por ele. Ao menos era feliz, conseguissem muitos de nós tomar essa *decisão*: abandonar o mundo e dedicar-se a um mundo próprio, pelo de imaginação, autonomia, criatividade e felicidade.

Sim, a felicidade estava sempre à porta, uma vez, mais e mais, basta sentires-se calado e expectante uns segundos, respirar fundo e ela aí está, batendo de novo à porta da tua e alma e do teu coração. E a cantora lírica teve um orgasmo a cantar. Sem dúvida, a felicidade é uma certa forma de contentamento, um contentamento descontente, por estarmos con-dicionados a um determinado ecossistema de sentimento. Contentamo-nos com o que temos, com o que fazemos, não ambicionamos muito mais, pois a ambição é a maior traição ao andamento das nossas disposições volitivas quotidianas. Sim, contentamento vem de contente, de algum modo cedendo a alguma coisa ou muita coisa, estamos assumindo outras, bem mais importantes, como por exemplo, diria a minha amiga Agneta, o "importante é estarmos vivos". Daí pode acontecer qualquer coisa, ainda que diversa daquela que esperamos que aconteça. Sim, desejava Agneta. Mas não a podia trair ficando com ela, pois estava com um dos meus amigos. Seria feliz só de pensar que poderia ter uma mulher como ela, das primeiras que leu o meu *Caderno de Encargos*, já traduzido para língua espanhola. De modo que, nestas como noutras coisas, prefiro a expressão "Além do Pensamento" do que aquela "Para Fora do Pensamento", pois o pensamento é qualquer coisa de aberto, como certos mundos que inventamos na circunstância do Estar, não é algo de "contenido", conteúdo, contido no Vão da existência, embora, ciclicamente tenha de o Ser...

Miguel, eu? Deves estar a sonhar pá. Não entro nesse sonho, pá. Nesse dia, por aquele dia adentro, que já entrava a noite, a saturação voltava, muita gente pensava que era gay ou bi, mas era bem macho. Mais tarde iria ver Brígida ao café, já nem me apetecia ler, encontrava-me à deriva, com vários livros dentro do meu barco a apodrecerem, Danny parecia-me pior, ainda competente academicamente, um pouco vazio, mas bem, pronto a tornar-se um sucessor do seu pai nos astros estelares. Sim, a minha participação na ILGA havia arruinado a minha carreira e a minha imagem social, mais do que ao Miguel, mais do que ao Ricardo, mas eu continuava, apetecia-me sair dali mas não podia, tinha os meus pais, portanto a ida para a América era mais do que necessária, não urgente, mas necessária. E, ainda que não fosse, ainda que fosse e voltasse ou ainda que fosse e lá ficasse, tudo permaneceria na mesma, em ataraxia, em paz, em domínio... Esta da rádio vem com uma de inteligência relacional, grande avaria, estou acima e dentro, há vários anos que descobri que a realidade é relacional, seja nos termos da perceção humana seja nos termos das relações humanas... Nesse dia, oiço "The Boatman's Call", para mim o melhor do som de Nick Cave. Foi, na realidade, o melhor CD que alguma vez já comprei, foi mesmo o primeiro CD que comprei junto ao DISCMAN, fiz uma cópia há alguns meses e oiço-o agora. "Into My Arms" é um tema belíssimo, ao mesmo tempo grave e cristalino, branco como o gelo do pólo norte em pleno dia, povoado de focas e ursos pardos, de noite iluminado pela lua, enquanto os homens se aventuras, o psiquismo tem destas coisas, os burros estão agarrados aos seus princípios e não desistem, se a nação tem Miguel por

referência, porque me hei-de eu chatear? Há cinco meses que não estou com uma mulher, que devo fazer da minha vida quando esta desaparecer e se misturar, de algum modo, com outras formas de existência, total ou parcialmente alheias a este pastar de solimpicos magalipos saltimbancos de nincompopos em que andamos, como se fosse um filme de Kusturica... Sim, Nick Cave é parecido com o meu irmão legítimo, Fenor, ou ele é parecido com Nick Cave, não sei como hei-de pôr a coisa, aquela forma de olhar, o rosto, o nariz, enquanto penso em Tom Jones ou mesmo Tom Wolfe, o escritor, e Tom Waits, talvez, ao lado de Nick, o melhor de todos, fantasiante, delirante, exato no sentimento e no dizer. Sim, eu não estava perceber nada, custava-me assumir um romance, uma ligação, um entrecruzamento dos corpos, eu queria um corpo feminino mas os machos da terra queriam o meu corpo masculino, com protuberâncias e redundâncias, na existência consistente do porvir assinalado nas fráguas da mera existência. Sim, arrisco-me a dizer neste palco uma afirmação que pode parecer escandalosa mas que não andará muito fora da verdade, quando é fora, muito além do pensamento: este álbum de Nick Cave será um dos melhores de toda a história, não digo do pop, que tem de resto várias expressões, mas de toda a música pop. Na minha modesta opinião. Fez-me bem, mais do que um mero cigarro e um Martini, mais do que vinte sessões de yoga, mais do que sexo, mais do que tudo...

Podia ficar por aqui, duma assentada. Escrever, deitar para o mar das letras, uma frase por dia, talvez, umas seiscentas páginas chegavam até ao fim da minha vida, não tinha de me esforçar muito, afinal, o Cabo das Tormentas está praticamente passado. Estou em Riachos uns dias, sem companhia a não ser dos meus pais e sobrinhos, claro que podia estar pensando na carreira, mas prefiro assim, cuido da minha mãe, mesmo que ela esteja mal-disposta todo o tempo, afinal muitos filhos tratam dos pais, como Amélie Poulain, com doenças severas, até do sistema nervoso. Nem sequer vivo em Riachos, não é já a minha aldeia nem a do meu pai, é uma aldeia modelo, as pessoas são sisudas, na sua maior parte, mas raramente há conflitos, criticam-se umas às outras, quem faz mais mel do que bem, que não faz o bem, mas raramente a polícia passa por cá. Sim, eu podia candidatar-me a Presidente da Junta, mesmo com o PS talvez ganhasse, mas aí teria de me haver com os maus amigos, suas oposições e comentários, pelo que prefiro deixar a coisa andar e apontar um ou dois sujeitos capazes de levar a cabo tal tarefa, como por exemplo, elevar Riachos a vila. E eu, como estava eu? Estava sofrendo de uma espécie de síndrome gay, quando pensamos no rabo, no pensamento dos fundilhos, que não me largava, que me cansava e deixava inutilmente prostrado. È claro que eu não era gay, talvez o tivesse sido, talvez o fosse naquele momento da minha vida, mas por sistema, não era. Procurava raparigas, não rapazes. Sim, era uma espécie de síndrome gay da cultura, da criação literária, como se essa porção "suja" (excremental) da nossa alma fosse produto de inspiração e sugestão para verdadeiras obras de arte literárias. Sim, eu já havia saído do armário, já para lá havia voltado, revoltado e voltara a sair, não era de uma masculinidade protuberante, mas discreta e sigilosa e nisto não conseguia deixar de pensar em Brígida, por detrás

do balcão, com os seios redondos e grandes, sufocados, as mãos de trabalho que eu queria lambe e passar pelas costas, a cara invulgarmente bonita...sim, queria estar com ela, mais dali a pouco iria beber um café, talvez calhasse um Martini ...com tempo e oportunidade lhe faria um convite, tipo, "espero-te às duas ao pé da escola". Puxa...Sim, este estúdio de onde escrevia era meu, ao mesmo tempo que do meu pai, queria talvez estar noutra aldeia, noutra cidade, mas isso nem sequer seria uma premissa antropológica, mesmo sabendo que quando estamos demasiado tempo num lugar podemos acabar por nos tornar, no mínimo sedentários, no máximo, paneleiros. Estranhava, além disso, a falta de convites por parte de Lisboa ou daqui perto, para uma ou outra coisa. Que se lixe, ao menos era filósofo, era feliz. Sim, estava procurando ser feliz e era-o em todas as suas redundâncias. Muitos, com menos mérito e currículo, ocupavam lugares distintos na sociedade portuguesa, mas eu teimava em ficar abstraído de tudo isso, ao lado disso, De alguma maneira, estava fora e a escrita era o maior escape num tubo de escape que bulia a todo o vapor, industrial, pode dizer-se. Concorrera a um emprego em Coimbra, falara abertamente estas coisas com a minha mãe com o meu pai a escutar a média-distância, entre as flores. Não tinha sinais de baixar a guarda. O meu espírito continuava altivo e ainda que tivesse a tese pronta há dois anos, iria concorrer de novo ao doutoramento, que me poderia dar acesso a uma bolsa, e a uma possível classificação de Bom com Distinção e Louvor. Estava entrando de novo na filosofia? Era um sofrimento incomensurável, do tamanho do mundo, no último lugar onde poderia estar, onde de facto estava, onde talvez nunca tivesse estado...

Desisti, fui desistindo, de diversas coisas, talvez porque estivesse puxando as coisas (do coração, nomeadamente) fora dos limites exigíveis, isto até porque tinha pessoas a cargo e tinha de cuidar delas. Claro que gostaria de um pouco de sexo, inclusivé da parte de Brígida, talvez fosse mais dali a pouco ao seu local de trabalho convidá-la para ir até à praia, mas ela tinha um filhote e teria de ter calma. Talvez pudesse equacionar uma relação de maior nível, enquanto os adolescentes se divertiam, enfim, seria um patenteamento destes tempos de livre associação...Um tipo como eu, na filosofia, não tinha convite para nenhuma coisa nesse âmbito, era coisa superiormente suspeita e estranha... Era caso para deitar tudo por terra, abandonar a atenção ao Outro? Sim, era absolutamente desesperante um sujeito como eu não ter uma universidade para ensinar, estava perdendo todo o fulgor até no meu papel social enquanto antropólogo, apetecia-me desistir, como notava em parte em Danny, deixar tudo às urtigas, mas não o podia fazer, a minha jornada havia sido cruel demais para o fazer. Eram onze e meia, pensava ainda em Brígida, no café. Iria mais dali a pouco até lá acima, nem a civilização dava por isso, ninguém realmente se importava. Se sentisse espaço para um convite, fá-lo-ia, apetecia-me muito beijar uma mulher, conversar com ela, ir até à praia. Que se danasse tudo os resto, o meu rosto não estava nem feio nem estragado, bem como o resto do meu corpo. Parece estranho ou ofensivo dizê-lo, mas eu livrara-me praticamente da minha doença, não só devido ao meu método, que gerava e girava a consciência como elemento metafísico da superação de si mesmo, mas diminuindo a medicação, alimentando-me melhor, fazendo desporto e bebendo um ou dois uísquis, pode parecer loucura, mas sentia-me melhor, mais são e genuíno, sobretudo com um outro elemento, ou seja, o diálogo com os

outros, mesmo que parecesse ser maluquinho, mas bem, há sempre quem se acha na razão de julgar o outro como maluco, sendo ele próprio mais maluco do que ele, ehehheh....Pensava a todo o momento em sexo e suspeitava que a filosofia me tirava disso tudo, me mergulhava nisso tudo. Estava perfeitamente lixado e esperava que a morte dos meus pais iria solucionar alguma coisa, neste caminho de *rittornello* perpétuo entre a capital e a aldeia. E meu pai nada dizia. Estava farto, no meio da noite, uma coruja passava e piava, uma sardanisca subia a escada há algumas horas, eu adiava uma ida à cama até que tivesse mentalmente exausto. Depois, descobri na minha consciência: era o corpo dela, os lábios e o rosto, de resto, que me atraíam. Devia ter seios bem bonitos, redondos, espetados, jeitosos, a ratinha havia de ser peluda e bem amparada por um conjunto de belos quadris...puxa, como gostaria de estar com ela, fôsgase, ia até lá, bebia um café e logo se veria, se ela me desse alguma chance, eu far-lhe-ia um convite para irmos até beira-mar, o que seriam apenas duas dezenas de quilómetros... Sim, fui até lá acima e experimentei não a rejeição por parte de Brígida, mas outro tipo de sentimento, o assentimento, talvez para a minha função de macho, ou seja, mais umas vezes no café e decerto estaria com ela, poderia ver o seu corpo, diacho, estava me transformando num bicho sexual, mas nem isso me interessava senão as suas palavras, o seu som e sentido calmo das emoções, o seu coração a bater dor detrás da mama, o seu corpo definido e bem delineado, sim, poderia ser um imponente professor de Filosofia, tendo ou não tendo alunas, afinal, o que seria amor nestes sentidos sem sentido, estava mais que pronto para mais uma noite de solidão, lembrava-me do meu sobrinho e esquecia Lavínia, deixava-a ir à sua vida, talvez para se encontrar com outro, nesta noite inconsolável, era, nisto tudo, meio russo meio americano, não queria tanto a dureza dos russo nem a lascívia dos americanos, o que mais me importava é que os meus pais estavam ainda vivos e vivia eu próprio a imanência e eminência de

conseguir grandes coisas em suas vidas, o que me consolava, vendo-os consolados, sobretudo o meu pai, pois minha mãe conhecia-me o suficiente para me amar em surdina... Fora ao café e estivera com um primo, talvez fosse até mais daqui a pouco ter com Lavínia, mas a coisa perdera o encanto quando um ou dois se haviam metido nas minhas intenções, disputando uma espécie de território para com uma miúda que trabalhava, ainda para mais tendo um filhote. Mas sabia que haveria de estar com ela um dia, ela veria decerto o meu corpo nú, bem feito e bem delineado e tal significaria muito mais do que alguma vez poderia ter parecido...

Sim, poderia ter tido ou poderia ainda ter uma carreira acadêmica e literária de sucesso, mas teria de trabalhar por isso, aqui nem amigos nem Bairro Alto, nem Luz nem TVI, aqui trabalho árduo e dor de pensamento e América daqui a uns tempos, não estava disposto a dar aulas numa qualquer cidade europeia, sentia que ficando por aqui, mesmo um pouco ao sul, estava mais perto da América, da felicidade e da realização e isso me encantava...Quando tinha a oportunidade de estar com esta e aquela, pensava no meu irmão, não sabia se ele era promíscuo ou uma espécie de animal sexual como eu, mas pensava nela como um Ser cumprido, e como avançava este livros, em dois dias havia feito mais de vinte páginas, não conseguia dormir, não me conseguia deitar, para trás haviam ficado *O Homem com Qualidades, Transe, Transis, Se um Nome Bastasse...*O medo, afinal, era uma condição do deixar de existir e isso não aconteceria mais comigo, mais nenhuma vez, sentia que nada me atemorizava, que não tinha medo de ninguém, sim, talvez fosse bastante temível o Rei de Lisboa, o espanhol...nas ruas como nos estúdios de TV... Sim, estava bastante perto da América, talvez um pouco mais adiante enquanto mais-que-americano. Este livro não é uma obra de auto-ajuda, mas há várias considerações que gostaria de deixar registadas. O OCD tem essencialmente a ver com a relação entre a cultura e a natureza, presente no Homem e na Mulher, evidentemente. A vida e os sucessos são feitos de passos, passo a passo, calmamente, com alguma insistência, paciência q.b., vontade de penetrar numa dimensão de bem-estar. Este autor, este Taigen, por exemplo: podia estar perfeitamente inserido no meio cultural de Lisboa, no meio artístico. Mas não aconteceu, para bem do literário das suas obras. Sente necessidade de produzir e apercebe-se

que a vida sem OCD ou com OCD é quase a mesma coisa, porque convém não dar muita importância à doença, é como se ela estivesse lá, martelando, mas também como se não existisse. No fundo, é como se o distúrbio funcionasse como um travão na mente contra a maluquice das festas sociais e do beber nos levasse a outros lugares da consciência, para uma consciência maior, no risco de pensar a terra, condicionar o Estar face aos outros e a si mesmo. De certa maneira, isso é uma forma de viver, tal como outras correntes, uma forma de ser feliz, de saber viver. Estava nesses tempos saturado demais do meio em que me movia, mas continuava com objetivos pessoais rolando, sabia que era uma injustiça ainda não ter dinheiro para discutir a tese, mais, que era uma injustiça não ter um lugar de professor no ensino superior, de tão saturado estava que fui perdendo a vontade de contribuir para debater intelectuais, queria concentrar-me no meu trabalho, a escrita, que metia uma certa dose de filosofia e empenhar-me numa possível relação com alguém, uma mulher, obviamente. Muitos romances, ou simplesmente livros, refletem a vida social e amorosa de diversos intervenientes. Os meus também, e não estou farto de dar a minha luz ótica sobre o mundo, os outros, mim mesmo ou uma simples formiguinha no pé esquerdo de um elefante, as palavras seguem-se uma após outra de modo mais literal, literato, doce ou amargo. Pego no copo de Ballantines e acaricio as bordas, com suavidade e delicadeza, como se fosse o sexo de uma mulher. Depois levo à boca e sorvo esse pequeno líquido agreste, agridoce, como se sentisse um bebé do outro lado ou a potenciação do meu sémen dentro dela, beijando-a ardentemente ao mesmo tempo que amparo um dos seus seios com a minha mão, sentindo um ardor e um à-vontade na minha glândula...

E a história continua. Cristina Ferreira sente falta de ter alguém e eu vou até lá acima, em Riachos, onde vejo o corpo jeitoso de Priscila, a loirinha cujos pais não conheço, afinal estou bem disposto e bem conservado para a idade, se me tivesse instalado num qualquer nicho cinematográfico talvez estivesse bem mais velho e gasto... E os Mission continuam a tocar, abro um maço de Camel e ponho-me a fumar, pensando de como tão bonito sou e provavelmente entregar o meu corpo a Brígida mais logo. Pensava para comigo mesmo, "porra, devia ter dado outro nome a este livro". Sim, talvez qualquer como como *Destino Oblíquo*, como quem corre para algum objetivo que se traça em si mesmo grandioso, ao mesmo tempo que deixa um destino para trás, que foi o seu verdadeiro destino.

Sim, devia, tal como Ester, dar mais atenção ao que tinha do que ao que não tinha. O Verão estava aí e a vontade de filosofar decrescia, eu nunca tinha tido muita sorte com amores de Verão, haviam na sua grande parte sido desamores de Verão. Estava carente e confuso, depois de seis meses sem tocar num corpo que não o meu. Era triste, mas ao mesmo tempo maravilhoso, o mundo, o meu mundo, estava prenhe de dores de parto...

Nesse fim de tarde, em pleno mês de Julho, depois do 14, dia da França, sentia-me especialmente quente, excitado, pleno de tensão erótica, que tanto estava no ar como dentro de mim. Meme, depois de quatro dias sem falar, voltou a dizer alguma coisa, desta feita pelo facebook, ideia dela de ir a Lisboa segundo meu convite, mesmo que não tivesse grande dinheiro. Sim, sentira-me tenso e pronto a entregar-me a qualquer uma durante a noite anterior e até ver as palavras de Meme pela forte atração que sentia por Priscila, será que iria estar com as duas, separadamente, claro, se bem que quisesse estar com as duas fisicamente, ao mesmo tempo, aí seria o ideal. Doía-me um pouco a barriga, deixava-me estar vendo televisão ao mesmo tempo que lia um pouco de "Justine", de Durrel. Nada de especial, quando me deixava ir abaixo tinha fortes e violentos impulsos para a frente, de sobrevivência de resistência e coragem. Anoitecimento na aldeia, sempre quase sempre os mesmo personagens, não sei bem se estou dentro do pensamento se fora, o meu amor projeta-se para Meme e Priscila, podia ter as duas, esta é mais nova e tem um filho adolescente, aquela minha antiga colega de escola, também, mas é dois anos mais velha. Custa-me viver assim, sem realizar a minha paixão, mas aventuro-me a resistir, a persistir e afinal a

felicidade será um compósito de todas estas coisas, saudade e sofrimento misturados com prazer, iluminação e êxtase. Sim, a felicidade não é o bem-estar pleno, mas a transição entre um espaço de diminuição, de apoucamento, do Ser para um estado de defesa de uma plenitude no quotidiano, digamos assim.

A náusea sartreana ou de outra ordem que não sei bem escrutinar, abatia-se sobre a minha alma, sobre o meu estômago. Era antropólogo, tinha o dever de saber e saber fazer melhor do que os outros, do ponto de vista colonizador das coisas. Fui até ao café, procurando entrever Priscila, para eventualmente combinar um encontro, uma saída, amor na praia, à noite, coisa e tal, mas ao mesmo tempo pensava na pessoa que amara todos estes anos que foram passando na minha vida, Meme... Estava às voltas comigo mesmo, procurando fazer sentido, mas não com muito afã: sim, talvez fosse isso, talvez a eventual queca com Priscila fosse a seu proveito a fim de cheirar o meu perfume e suor, seria uma espécie de despedida de solteiro face a um eventual encontro com Meme em Lisboa. Por isso tudo, na eminência de algum contacto, não ousava descer a mão abaixo da cintura, por isso o que sentia era tão forte e tensional que quase insuportável, como o mundo estivesse prenhe em mim e eu fosse até artolas em sofrer tanto, mas sabia que estava no caminho certo, mais uma vez o *déjà-vu*, ou seja, escrevi enquanto desejava, muito próximo das teclas estava o corpo que eu haveria de possuir, mas que talvez não possuísse...Estava com saudades de Lisboa, nestas terras só por poder se podem ter as mulheres, não há grande sentido ético da coisa, estava quase maluquinho, porém, uma certa força me animava, lembrando o que fora feito do meu Macintosh, o terceiro da marca em Portugal desde sempre...

Acordo. Estou no meio de um tufão que desanda ao contrário. Ainda que esteja muito próximo do meu pai, não dá sinais de comunicar alguma coisa comigo. É confrangedor, estranho, revoltante.

Fim de noite, quase madrugada. Bebi dois uísquis, um ou dois cafés, fui a um dos café da aldeia para me encontrar com Brígida, mas a coisa não deu em nada, ela, nova que é, estava numa conversa de velhos onde um deles era maria-rapaz, de modo que tomei uma decisão decente e acabou por beber civilizada e sossegadamente o meu café e regressar a casa. O meu café...tinha uma gota em cima do balcão, tal com aquela que encontrei a seguir ao almoço quando conversava com Antenor, que me disse ter um problema no osso da anca, prestes a ser operado e ainda por cima tinha de levar umas injeções de Curtizonol em Lesbos. Escrevo, não escrevo, o dia passa-se, gostaria de evitar que este ponto 16. fosse um registo diarístico, mas vai saindo um pouco de tudo, aqui e ali. A casa está mais animada, mas permaneço sem trazer ao meu estúdio na Casa do Jardim qualquer pessoa. Talvez Meme venha cá um dia, ela finalmente, como já dissera porventura acima, resolveu voltar a comunicar, aparentemente procurou um certo dinheiro para ir comigo a Lisboa para entrevermos a hipótese (romântica, ainda "amor e uma cabana") de vivermos juntos por lá, terei de arranjar um emprego certo, não posso para já contar com bolsa alguma, diacho, não estava nada inspirado nesse fim de noite, não posso estar muito tempo em Riachos, acho além disso que a sesta me faz mal, mas puxa!, como estava cansado!....

O que mais me anima e excita é que estou realmente, tirando o trabalho, conseguindo alguma coisa e a cada recesso momentâneo a minha força de vontade e sede de vingar faz-me elevar e enlevar o espírito para diante, como se fosse um cavalo com a crista no ar, insistente, como se fosse no correr bem ao estilo de Paula Rush, a campeã inglesa de maratona. Sinto-me menos pressionado mas ainda tenso, eu sou mesmo assim, nervo, mas que não é à flor da pele, mas por dentro, e o indício de tudo pode ver-se pela barriguinha que tenho quando estou mais descontraído e os pensamentos sexuais de “cobrição” de todo o género atravessam a minha cabeça de um lado para o outro saindo de cada um dos ouvidos como um pífaro, numa plena analogia a dois canos e canais penianos, um de cada lado da cabeça de lado, um em cada ouvido, portanto, por forma a entubar o pensamento e a industrializá-lo. Por outro lado, encontrava em Danny um homem nunca conformado, procurava sempre alguma coisa nova, mesmo que esta se manifestasse, como a mim, enquanto uma pequena perceção, uma disposição do/no mundo que alterava o desenrolar de certo modo linear do pensamento, mesmo que isto acontecesse no pleno plano de uma aldeia a que eu um dia dera o nome de Riachos. Sim, tinha uma especial relação com Danny: por um lado invejava o seu trabalho e sua inteligência, sua relatividade e distanciação face a certos tópicos da vida, social e profissional, o seu sentido político; por outro, tinha com ele uma certa dose de competitividade que embicava numa certa atração social/sexual, que creio ele também sentia por mim, por ser devidamente também algo sagaz e divertido e certamente bem apresentado. Mas agora o meu amor era outro, sentia-me já tocando o corpo nú de Meme, não sei se tal aconteceria, mas percebia, pelo que havia já falado com ela, que teria de a proteger, de exercer o meu sentido masculino protetor, ao mesmo tempo que podia ter com ela conversas antropológicas e filosóficas assaz iluminadas. Ela tinha um filho, casara já por duas vezes,

tinha portanto ao contrário de mim, várias experiências de vida a dois, no mesmo teto. Mas eu também tinha tido diversas relações e não era verde no assunto. Talvez tivessem acabado os meus dias de solidão, não sabia o que escrever, escrevia desalmadamente sobre estas questões e temas...Mas Meme...bem, Meme me faria esquecer Danny, ir a decerto (ou não, aumentando) o seu lugar, Meme já estava na minha sintonia e ainda não tendo estado com ela pessoalmente, procurava ampliar essa sintonia de modo a torná-la numa sinfonia.

Falta de inspiração, deixo passar o tempo, aqui e ali algum desalento por não ter com quem falar, mas aguardo e preparo-me para a ver, desejo beijá-la, acho que ela vai gostar de mim e eu dela, o meu pensamento ainda está disperso por outras, ela tem de certo de me agarrar e eu de me dedicar a ela. Simplesmente estava um pouco chateado, bastante até: precisava de ir ter com Meme e não tinha carro, era impossível o meu pai emprestar-me um dos dele, nem que fosse por poucas horas. Pensei em ir de bicicleta ou socapar a moto do meu cunhado, mas Meme preferia adiar o encontro dizendo que tinha várias coisas para fazer. Ansiava por estar com ela, sentir o calor do seu corpo, os lábios, tudo o mais, levá-la até à casa de Lisboa e estar uns dias com ela, só os dois, a que se seguiria o miúdo, tinha de arrumar o quarto para ele lá dormir. Em tudo isto, pensava: bem, que esperou tanto tempo, em nome da filosofia, do amor, do dinheiro que é preciso para viver, do futuro, de uma vida em comum, pode esperar muito mais, pelo menos mais um, dois dias no máximo. E estava ali, preso àquela geografia, talvez apenas por ser filósofo, ninguém me dirigia a palavra, já não dizia para ajudar, mas simplesmente para falar, nem sequer no principal café da aldeia, notava nas pessoas serem profundamente egoístas e críticas de tudo e todos, exigentes, poucas se contentavam com sua sorte, como eu, e nada faziam para sair do atoleiro senti-mental-social em que se encontravam. Não aguentava muito mais, tinha de estar com Meme, ela queria segunda-feira, mas suponho que se arranjasse nesse mesmo dia, nesse sábado, maneira de ir ter com ela, ela não se importaria e em nada afetaria o que iria acontecer na segunda seguinte. Deixava passar o tempo e o tempo passava, não via ninguém preocupado em pensar, em refletir alguma coisa, a televisão era a maior bolsa falsamente feliz que

alguma vez houvera: fogos, drogados para um lado e o outro, crime, novelas, laços, relações, coisas sem jeito algum, era raro encontrar um programa em condições no meio do lixo que se projetava além do ecrã. Mas esses programas apareciam, só que como eram raros ninguém lhes ligava, não queriam perder tempo, todos queriam ser felizes e alegres, alegremente felizes e, de algum modo, poucos tinha a consciência da sua finitude, de onde advém a maior sagacidade no viver, de experiência feito, porventura feito também no gosto da transmissão aos mais pequenos de um certo saber, sendo certo que os adultos deixavam, sim, os pais, adultos, deixavam essa tarefa para a escola e ainda a criticavam, pois eles andavam demasiado ocupados em festas de verão e tarefas sociais e paroquiais....no fundo em ser felizes, só que na verdade isso não resultava de esforço algum, se lhes caísse uma bomba a dois metros então veriam e atestariam da fragilidades das suas vidas maior ou menos urgência de fazer algum coisa de válido com suas vidas, pois todos queriam ser famosos, conhecidos, estrelas, socialmente importantes. Num cemitério, todos estão arrimados, próximos uns dos outros, porém, não se podem falar ou comunicar...Fosga-se.

Tarde um pouco triste até que levanto a cabeça e não perco a cabeça, não desisto de Meme. Esteve sem dormir procurando uma forma de como fazer dinheiro. O nosso país está assim para nós, para a nossa geração foi decerto bastante ingrato, como o foi comigo, pois vi muitos oportunistas passando à minha frente. Depois lembro-me da forma como os japoneses se aproximam das portas de entrada do metro. Mas consigo viver com isso, por isso, também por isso, a minha escrita é, relativamente, diarística, para além de tirar notas e manter um registo quase diário do que me acontece e vai acontecendo ao redor...

Mas pronto, tinha um encontro com ela no dia seguinte, um desvio ao meu regresso a Lisboa. Talvez ela se mostrasse fria, daí eu insistiria mais e mais-que-americano, mais e mais, procurando uma coisa ou outra, uma pontinha no diálogo para a poder beijar e abraçar, sentir o corpo que eu sempre desejava junto ao meu, desde a escola secundária. No fundo, creio que quem resgata a humanidade das suas mazelas sociais e até mentais, não é tanto a religião, mas mais a arte e uma certa *artesanía* da vida e do quotidiano... Ou seja, enquanto a religião é uma figa estática e extática, dado que favorece o êxito, ela não preenche todos os requisitos do que a alma humana é e representa no cosmo, enquanto a arte é como que um espelho, uma replicação da realidade, que funciona para nós como um meio alternativo, aleatório, sempre disponível, de evasão e logo descanso mental. Sim, por enquanto estou não *Álem do Pensamento*, mas *Àquem*. Deixem-me estar mais um bocadinho que sabe bem...

Fim de tarde. Apenas falei pelo Messenger hoje de manhã com Meme, escrevi-lhe uma série de coisas, mas ela parece não estar interessada, ou está mesmo a considerar "coisa" mais seriamente e aceitar as minha aproximação. Amanhã vou à cidade mais próxima encontrar-me com ela, não vou esmorecer por enquanto, mesmo que não tenha grande feedback. Descobri no Facebook a história daquele a que chamam o homem mais solitário do mundo e percebi que a conceção ocidental de estar só é estar fisicamente só... Pobre conceção. E os eremitas? Por muito menos, digamos, isolam-se, precisamente para descobrir mais acerca deles mesmos e do grupo. Quando estive num convento, descobri mais sobre o meu grupo, a minha cultura, do que em anos e anos vivendo imerso nela. Portanto não há aqui nenhum reconhecimento da memória, seja cultural seja filosófica, ou meramente social, ou a evidência de ele ter sido injustiçado, ora para estudo, ora simplesmente não é evoluído. Mas esse é, surpreendentemente, o verdadeiro homem, com quem tanto o psicólogo social como o antropólogo ou mesmo o filósofo, gostaria de falar (Marcel Griaule já o fez com Ogotomméli)... Eu iria até à Amazónia, se ele falasse português, se tivesse conhecimentos e subvenção para tal, nem que fosse em português...

Achei por bem desistir de Meme, o meu interesse parece estar a funcionar ao contrário, disse-me qualquer coisa de manhã e eu, como não tive com quem falar a não ser a minha mãe, acabei por perceber que ela não está interessada e isto pelo mesmo motivo de sempre e que move a maior parte dos homens e das mulheres: emprego, carro, dinheiro, fama. Tudo bem, entendo, ainda está marcado o encontro, descubro que algumas pessoas me ridicularizam e há em mim uma força maior para continuar, porventura *Além do Pensamento*. Estou num país em que dei tudo à antropologia, a minha vida, o meu sentimento, continuo a dar à filosofia e estas ciências (ou artes) estão afoitas a feudos universitários, donde decorrem ramagens, árvores genealógicas que são famílias, nobres ou burguesas que sempre fizeram o mesmo, eu continuarei (ou não, por outra via) a fazer o mesmo, *au-delà* deles próprios que parece nunca simpatizaram comigo, porque a certo momento, sabendo muito mais do que eles, resolver trilhar um caminho solitário e aventureiro. Okay, eu estou fadado para ir longe e bem vistas as coisas vou divertir-me muito mais do que alguma vez pensaria fazê-lo. O meu caminho é, nesse sentido, muito americano...

Tal era a solidão do meu coração que não me apetecia meramente escrever, pois que a minha literatura também não era, ela mesma, apreciada, por mais brilhante e inovativa que fosse. Apetecia-me sair, pegar num carro e viajar, toda a gente se estava a cagar para o que eu fazia ou deixava de fazer. Danny, normalmente, nestas circunstâncias, não aparecia nem telefonava, tal como eu não aparecera no funeral do pai dele. O meu ignorava-me absolutamente. Mesmo estando próximo dele a ver televisão, a jantar, era como se não tivesse ninguém e na maior parte dos casos achava, por sistema, que falar era dar parte de fraco enquanto homem. Mas, quem o poderia mudar? Sim, dava-me vontade de não cumprir a vontade dele, que eu não sabia, aliás, o que seria: casar com uma mulher da terra, trabalhar, ter filhos? Há muitos tontos assim, que se julgam valentes e dos sentimentos, onde está a força, não passam de franganitos. Eu sabia bem o que se estava a passar: esquecimento da academia, da sociedade em geral. Como poderia dar a volta a isto tudo? Tornando-me duro, não quebrar, representar os meus interesses, que mais era que os daqueles que deixara para trás e o de muitas instituições por onde passara. Esta seria um altura boa para emigrar, afinal chegar ao fim o capítulo do livro em que o antropólogo, de tanto observador, vira observado, primeiro e, depois, em última instância, esquecido... Sim, tornava-me numa homem duro e ao mesmo tempo sensível, num homem invulgar que tinha ousado ir além e tinha regressado: mas isso nada dizia aos homens, queria apenas festivais de Verão e talvez quisessem extirpar mais e mais palavras do meu espírito, mas eu já não estava aí, pois estava profundamente magoado pelas mulheres, que haviam passado pelos meus braços, porque ora me chamavam vagabundo, ora pedófilo, tarado. Sim, talvez estivesse afoito e destinado para sofrer e ainda ser gozado por isso, embora houvesse no sofrimento uma certa forma de sabedoria e "savoir-vivre". Afinal, como poderia um escritor escrever sobre os outros estando só? Não o faria, mesmo que estivesse na Amazónia 22 anos só,

fisicamente só. Sim, eu perdi uma ligação com Meme, como se me tivessem cortado um cabo de borracha que me ligava a ela. Estive mais fraco, nesse Domingo, à beira do *crack*, da contagem decrescente para desaparecer. Mas, ao invés, qualquer coisa de muito importante me prendia à vida e à sua continuação. Talvez desse demasiada importância ao amor e às amizades...

A chave que tudo se resolveria pela escrita. E resolve. Quando escrevo, crio mundo, faço elidir transgressões e solipsismos, daí a escrita sair melhor e mais bem feita, elaborada num sentido em que a propulsão do motor dela mesma acaba por aplacar um desgosto amoroso, uma coerência de carícias. Queria desligar tudo, o pc, as luzes, a rádio. Mas assim perco o jogo e eu aprendi nos hospitais a nunca desligar totalmente o sistema... Sim, poderia desistir da escrita, da vida, é um registo para muitos, desistir para sobreviver e de certo modo vingar qualquer coisa, um aspeto da (sua) verdade ou idiossincrasia. Mas eu não sou desse. Talvez por isso seja mais-que-americano... Chegada a Lisboa. Prometia a mim mesmo levar a minha vida cómoda e seguramente, mas logo que chego, começam os vizinhos a falar. Pessoalmente não conheço quase nenhuns, mas eles falam e falam. Acabo por não me importar, estou calmo... Talvez pensasse que *Além do Pensamento* iria prosseguir em Nova Iorque, porque essa cidade estava, para mim, tão além quanto àquem, ou seja, dava valor ao que se passava por aqui, imenso valor, ao ponto de me gozarem à força toda, chamando-me desde pedófilo a deficiente, entre outras coisa. Talvez fosse por não ser de cá. Olha, os turistas davam valor a isto, a este país; enquanto muito poucos se importavam seriamente, como o meu irmão e o meu cunhado, a minha irmã e a minha cunhada, outros tratavam a sua terra abaixo de cão, fazendo mil e uma tropelias de todo o género. Dois dias passaram e Meme nada me disse, tínhamos um encontro alinhavado, eu quase desisti e ela apareceu. De modo que decidi manter a minha atenção face a ela e à possibilidade de ela vir viver comigo e fazermos vida em comum. Depois, descobri a solução para o caso dos CD's da Tina, que me perguntou se eu os tinha roubado de um quarto contíguo àquele em que dormir em

Sacars, um localidade próxima de Lisboa onde estivera alojado, a casa era de Manu e recentemente ele viera a desenvolver várias doenças, talvez por ter estado demasiado tempo em África, não sei ao certo, mas poderá ter sido, a saber, cancro e paludismo. Quem ficara com os CD's teria sido o meu amigo do peito Juán, um espanhol que fizera o curso comigo no IULE, uma universidade semi-estatal, nos noventa. Ou então, fora outra pessoa e Tiana teria estado a delirar, como eu por vezes, nestes dias em que começava o verão, por então ainda ameno, mas que prometia ser infernal. Quanto a Danny, investia cada vez menos na amizade que lhe tinha, mesmo apesar de ter morrido o seu pai, porque ele sempre fora essencialmente um oportunista e aproveitador, um tipo com vistas curtas; por uma série de razões decidi deixar de lhe dar confiança e quase fechei o dossiê da nossa amizade. Ai o artista!... Sim, estava todo o tempo preocupado com o tempo presente, o presente da narrativa, ainda não havia conseguido grande coisa, mas talvez tivesse mais respeito e integridade do que muitos outros, por isso não me metia na merda a torto e a direito. Depois, mais adiante, dei mais um tempo a mim mesmo, ainda que a sociedade me estivesse esquecendo, por outro lado estava sendo cada vez mais conhecido, mas de certo modo não sabia gerir tudo isso, a minha imagem e o mais, era absolutamente honesto na minha escrita e para a minha amada Meme, uma luz escura no escuro, uma luz clara na claridade... Antes e depois, como se houvesse uma certa configuração, um sentido social, nacional, comunitário, em tudo isso, no que fazia, no que deixava de fazer, então fui entrando definitivamente no in-consciente coletivo do meu povo, talvez com a ambição de o motivar, fazendo trabalho mais significativo do que muitos médicos e professores universitários, pois a armação teórica de que cuidava tocar os céus e em que medida poderemos ou não entrar em comparsias religiosas? Sim, pode a verdade deve guardar-se do povo, só a arte a revela, mas mesmo assim esconde o artista a verdade, porque tem de fazer trabalhar, comer

pão ou ostras...Por isso, a nossa mente, cabeça, se quisermos dizer, é uma câmara sobre a realidade sobre a qual e através da qual caminhamos.

Mesmo os artistas são distintos dos burocratas porque se regem sobre a beleza (interior/exterior) daqueles que são alvo da sua atenção cinética, cinegética. Sem um alvo, depressa pereceria a sua arte...a não ser que estudassem religião e teologia para criar imagens...De algum modo, eu representava uma influência para muita gente, umas vezes uma má influência, outras uma boa, tudo o que fazia punha, planteava, depunha, a minha família, é certo, como me dissera a minha mãe naqueles dias, mas creio que era, mais ou menos, assim com todos, com todos, tivessem ou não irmãos, legítimos ou ilegítimos. Quando estava no convento e começava a sentir problemas, psíquicos, emocionais, advindos do abandono do meu contexto social de origem, por diversos motivos, sonhei estar fora daquele lugar que aliás, me dera muita felicidade, mas que me causara imenso sofrimento. O facto de ser violento levou-me a respeitar os limites e a conhecer o espaço da cada semelhante. Devido ao facto de eu evitar violência, recebia muita, verbal e quase física. Na sociedade estamos mais seguros, podemos criar uma imagem, uma ilusão para os outros se servirem. Neste livro, falo de mim e dos outros, se não falasse de mim talvez não ficasse feliz e satisfeito comigo mesmo e com os outros, já agora. Portanto, anos depois, estou cá fora, se não soube levar a coisa da melhor maneira na academia, talvez se devesse em grande parte ao facto de ter sofrido de uma intoxicação de santidade. E continuava santo: seis meses sem me atirar a uma mulher, seis meses sem nenhuma se atirar a mim. Estava à espera da certa. E encontrei, não tomo o juízo por absoluto nem relativo em demasia...Depois, ouvia *The Living Years* e lembrava-me quando era pequeno, quando a via a divertir-se com os outros e sofria por dentro por não poder

aproximar-me ela, fui espero ou apenas um obsceno humanista em esperar por ela...Como se fosse a minha avó materna com os pés cheios de calos mergulhados numa bacia de água a ferver.. Deixa ver com a coisa corre, diz uma pessoa que me é cara. Lá estava, então, com a minha avó, pela qual também tive desejo em pequeno, tanta, tanta mulher que desejei e afinal, como diz a dona do café por baixo, foi apenas jogar para fora, mas eu não estou tão convencido disso, muito foi para dentro, pode dizer-se, tive seis, sete namoradas, tantas quantos o internamentos no hospital. No outro dia, regresssei lá, podia ser um político, já que não vendo nada enquanto escritor, bebi um Ballantines na última semana e cervejas com álcool e há pouco, quando vinha regressando a casa, um vodka *Split*, uma garrafinha, pensando ainda porque não fazia parte da comunidade dos antropólogos e porque os filósofos eram tão tontos que nem de mim queriam saber...Conclusão: havia uma associação e uma sociedade mas, tal como os sociólogos, disso me atestava Danny, não queriam saber uns dos outros, sim, não havia uma estratégia nacional em filosofia, pelo menos, e em antropologia, eu estava disso longe e queria afastar-me cada vez mais. Outra conclusão: para quem se havia afastado do mundo por alguns anos, eu tinha demasiado interesse nele, parecia até suspeito como sendo algo do FBI ou da CIA... Depois, estava sempre pensando no que iria fazer a seguir, não tanto fazendo, simplesmente, como se tivesse receio da vida...mas estava certo, a minha mente batia certo, tão certo como o antigo relógio OLMA do meu avô...lá, no monte sobranceiro a Riachos.

Já não tinha para comigo mesmo, sobretudo para com os outros, o dever de continuar. Na verdade, a regra que havia descoberto de criar sentido onde já não o havia parecia ter-se esfumado. Naquele dia, ficara em casa, estático e extático e todos os meus esforços por levar a vida para diante me pareciam desnecessários. Era fim de tarde e eu evitava ir-me deitar antes do tempo. Via um jogo de futebol feminino. E, talvez, pensei que a maior parte das pessoas não dava importância alguma à sexualidade. Estaria eu errado? Por isso me chamavam doente mental, tarado ou perverso? Toda aquela nuvem de ideias parecia ter-se esfumado e o local onde vivia era um antro de perdição, como em *Platoon...* De certo modo, as pessoas, grande parte das pessoas, não se atrevia a fazer-me mal diretamente, mas pode trás, mesmo por vezes por detrás da câmara, crucificavam-me, a mim, que não era Cristo nem santo. Pela indiferença, por tudo. E minhas forças estavam a esgotar-se e, curiosamente, deixei de sentir qualquer coisa de bom por Meme.

Não estava velho, mas fui-me recusando a viver, as interrogações surgiam a propósito de tudo e todos, bem como as imprecações e maledicências. Mas haveria de continuar, com as forças que tinha. Esta é minha história, aquela que contei nos meus livros. Conte também histórias dos outros, de outros personagens. Depois, percebi que não podia vencer o sistema e de que não me iria juntar a ela, nem por sombras. Continuava correndo por fora, a meu contento, talvez suspendendo os projetos pessoais e reacerar o dínamo da minha percepção. Adorava tanto mulheres que pouca sorte tinha tido com elas, quando a maior parte só quer dinheiro e outras coisas que têm a ver com a situação, com situações diversas, Desejá-las causava-me ansiedade,

pulsação, volição, possuí-las causava-me prazer e alegria. Afinal de contas, naquele fim de tarde, depois do jogo de futebol eu era apenas mais um leão descansado no meu quartel. Tendo chegado longe, só por pura teimosia e loucura iria mais longe. Mas eu negava, não era tarado nem louco. Sabia bem o que fazia e o que não fazia. A vida social perdia-se e eu vivia aqui como em Nova Iorque, só, sempre esperando qualquer coisa donde nada pode sair. De modo que, após hesitações e desculpas das mais diversas, decidi avançar, tinha certa vontade de ir até Oriente ou ao Marques, ou mesmo ao Aeroporto, mas pensei „tenho de descansar“ e até acabar este livro. Nunca havia feito grandes declarações de amor, mas, nesses dias, tudo saiu direito a Meme, como diria Cristiano Ronaldo após meter meia dúzia de golos numa só partida. Telefonei a Danny e ele pareceu-me bem, aconselhei-o a arranjar não uma companhia, mas um amor, a fim de ao menos enquanto velho, ver os olhos da pessoa amada em antes de os fechar, decerto que a mim mesmo me aconteceria o mesmo...

Evitava que a minha escrita parecesse uma náusea, embora muitos vivessem sobre esse regime, deixaria de estar só certamente e talvez deixasse de escrever, talvez não escrevesse nunca mais, a fim de viver um amor que chegou tarde, mas sempre apareceu.

Se eu pretendia ir, estar, além do pensamento, teria de procurar o que seriamente seria o pensamento, além do cérebro, além da especulação. Regresso a Riachos, o meu sobrinho está ocupado com os jogos e delirante, a minha mãe está com ele e chama-me maluco, o meu pai não liga nada, nem sequer está aí, não alcança. Dá-me ideia de que estou num deserto de gente no meio da nada e meus sonhos amplificam-se. Só a América e o êxito me poderão resgatar- Aumenta a vontade de ir, não tenho pachorra para com Lisboa, muito me desiludiu ao longo de trinta anos. Mas não tenho dinheiro, nem possibilidades de uma carreira lá fora, por isso vou sofrendo por isso, com nenhum elogio a nada e agora macera-me e chateia-me menos a crítica dos outros sob diversas formas. Por isso, podemos dizer que a vida, de certo modo, é injusta, por mais complacentes bens que extraíamos dela. Andamos toda uma vida tentando aprender, procurando uma forma de sermos imortais e antes que essa descoberta chegue, a via extingue-se, como uma vela da Igreja... Pensei em continuar os meus *Estudos sobre o Tempo* quando percebi que o tempo biológico podia ser infinitamente estendido, dependendo da percepção do sujeito, como o era, por exemplo, para a formiga, ou seja, ela caminha, caminha face ao universo e à sua pequenez, ela é imensamente infinita, pois não procura ser grande senão em relação com a sua espécie, ou seja, as outras formigas. Sentia que, de certo modo, já vivia uma certa América, a minha América, mesmo que tivesse por três vezes ir com subvenção do estado, não me tinham dado essa oportunidade, mas a minha esperança não quebrava, continuava arranjar inclusivé maneira de ir o mais breve possível, antes que meus pais se fossem, pois tinha uma tese e uma obra para publicar em inglês, numa editora, visitar certas

igrejas, visitar a *New School* para prepara de certo modo uma via de dar por lá uns colóquios, umas aulas. Não, não estava sendo torpe nem dando chances a outros, isso já fizera muita vez por cá, de certo modo continuaria a fazê-lo, pois essa a minha política de tolerância, d a tolerância. O meu espírito assumia mais e mais, reparava que o homem não existe, de certa maneira, existe o meio, ele é assimilado pelo meio e assimilado o meio, ele é o meio... É pá, eu devo ser um grande escritor que escreve sob a saraivada e chuva de críticos, de ofensas e impropérios, devo ser bastante bom sobretudo a escrever sem inspiração, sina de todo o escritor, se não escreve sob pouca inspiração, não escreve sob muita.

Depois, quando voltava a Riachos, tinha um ambiente saturado e crítico, não via espécie alguma de agrado, sobretudo por parte daqueles que não grande coisa haviam feito na vida. Eu, depois de ter passado pela psiquiatria, com baixios bastante graves, conseguira levar para diante disso e minha vida e havia retomado a pesquisa filosófica, tendo produzido vários livros de ficção, tendo produzido uma tese de doutoramento cuja discussão apenas dependia de dinheiro e havia mexido com muita coisa que diz respeito à condição humana, coisas que geralmente ninguém coloca, ou se coloca, de modo que continuava indo com um certo à-vontade pelos dias, quando a minha mãe, decerto ataçada pelo meu pai e pela minha irmã, me apontava ódios a atitudes, que fiz eu para merecer isto? Teria de ter um trabalho, quando sei que em Lisboa, com a minha idade e condição, e com falta daqueles amigos que nos arranjam tachos, é bem complicado...Depois, comprovei, depois de ter perguntado ao taxista, que era ainda Quarta-Feira, em vez de Quinta. Mais um dia, mais um aventura. Depois, dos meus pais eu não queria extrair nada, o meu pai não me ajudara em nada e não era agora, depois de velho, que o iria fazer, mas talvez com a intenção de que eu cuidasse deles. Gostaria de saber a opinião da minha irmã a este repito, sim, a

pessoa que me dava dinheiro para me manter em Lisboa, mas nem essa já queria conversa comigo, bem como o meu irmão, que estava sempre a corrigir-me. Vivia uma situação absolutamente sartreana: sentava-me na sanita, nada saía, deixava-me estar, acendendo um cigarro, como fazia ou meu amigo angolano Benedito e o meu tio materno, já ido, Valdemir. À minha frente, um pouco em baixo, por detrás da porta estava uma pena suspensa numa teia de aranha quase invisível. Deixei-me estar a pensar, mas a situação não me amedrontou, esqueci, era mais uma imagem do meu estado, larvar ou potenciamente extraordinário face à sociedade. Tomava um banho e dirigia-me para perto do café, onde esperava que o autocarro me levasse à cidade mais próxima para me encontrar com Meme... Sim, estive com ela, é maravilhosa, ouve bastante bem e chega a ser rocambolescamente brilhante. Sim, procurava não pensar demasiado no presente, fugir ao romance autobiográfico, por vezes sentia que tudo isso ia por água abaixo, depois fazia um esforço e lá conseguia viver o dia, os dias, uns após os outros, numa certa fenomenologia do social, entre medos, ofensas, sorrisos e narizes torcidos, talvez fosse esse o jogo do social, o de estar vivo, o que quer que fosse.

Falei toda a tarde com Meme, sim, finalmente conseguira encontrar-me com ela, estava nervoso mas senti-me bem e acho que estive bem, para um primeiro encontro. Houve logo uma certa química, pedi-lhe que fosse minha namorada, sempre ponderando prós e contras, estou esperando que me diga alguma coisa. Gostei de Leiria, muita gente junto ao rio, correndo, caminhando, muitos jovens. Sim, talvez tivesse encontrado o amor, depois de o ter procurado infinitivamente em Lisboa, um amor moderado, maduro, verdadeiro. Podia ir até ao café, de carro, sonhava ter no dia seguinte algum dinheiro para ir ter com ela, mas iria apenas até perto da mãe ver um pouco de novela e depois regressaria à cama. Os indícios de alguma homossexualidade faziam-se sentir, mas eu

sempre, quase sempre, preferira as miúdas. Digamos que era um romântico discreto, para todos os efeitos, tivera pouco convívio com miúdas na adolescência e juventude e havia em mim como que um buraco negro que eu agora procurava tapar. Quando tinha motivos e me apetecia falar com este aquele, deixava-me estar, resignado, à felicidade que havia encontrado.... Sim, teria decerto havido química, pelo menos atração houve, que eu senti uma dura e manifesta erecção, meus pensamentos libidinosos percorriam o meu cérebro de um lado para o outro e quando percebi que ela me queria, agarrando-me ora a mãe ora o braço, encostada a mim como uma cana de bambu junto ao rio, fiquei mais solto e descontraído. Poderia ter ficado, poderíamos, ou não ter feito amor, mas eu regresssei e chegando a casa bebi um pouco e não esperei muito mais daquela noite. Mas pronto, fiquei a conhecer como Meme actuava, o que pensava e sentia, a sua forma de ver o mundo farto de estar em Riachos e não fazer nada de verdadeiramente social, farto de esperar alguma coisa de Lisboa, decidi tomar um caminho mais brando, menos agressivo, ia uma ou duas vezes ao café e procurava inventar sempre qualquer coisa para mim numa terra que já nada me dizia e talvez fosse esse o ponto em que me distinguia dos outros, uma certa imaginação sociológica, literária e filosófica. Aprendia ser mais brando e mais inteligente, mais sábio, a relativizar, pois no dia seguinte podia estar tanto em Lisboa como em Nova Iorque e regressar apenas com uma dor de cabeça e montões de letras escritas. Tinha a vantagem de não me levarem a sério e era aí que eu era genial, onde todos os outros iam logo a correr para editoras, jornais, realizadores de filmes e academias, eu permanecia invólvel, pensando, construindo teoria e narrativa, como um deus que jamais existiu. De modo que, sem grandes parangonas mentais ou desculpas, decidi voltar à filosofia, pois o conhecimento do senso-comum não me satisfazia e, tendo um emprego em vista em Coimbra, poderia obter algum rendimento para viver com

Meme em Lisboa, se ela estivesse disposta a isso, de modo que também tinha de pôr de lado a discussão pública e a ida para a América. Tudo isso dependia do dinheiro que tinha, ou não tinha. Sentia que tinha ido bastante longe nos meus escritos e especulações, estava inclusive traduzindo parte da obra em inglês e espanhol. Faltava o francês, o hindi e o mandarim.

Bom fim-de-semana etse. Pus em dia a conversa altamente filosófica e sociológica com o meu irmão, que parti para mais uma corrida, desta feita do Bodo de Pombal, a minha mãe foi às compras com a minha irmã e a pequena, um vizinho foi assaltado, supõe-se que pelo casal vizinho, habitando na mesma moradia. Sinto que o meu pai sente a minha indignação, à medida que envelhece torna-se mais lúcido e mais me aproxima dele, enquanto a minha mãe está melhor do sistema nervoso. Sinto-me bem aqui em Riachos, vou até ao café, não há grandes confusões, levo as coisas menos a sério, sei que um destes dias estarei em Nova Iorque e mais cedo ou mais tarde em Lisboa, com ou sem Meme. Vi Brígida no café, parecia-me alegre e bem-disposta. Sinto menos indignação face ao meu cunhado e de certa maneira tento entrar na sua pele. O pequenito está nos computadores, é a vida dele, por enquanto. A minha quase que se resume a isto que escrevo. Gostei da conversa com o meu irmão, está-me sempre a desmontar, mas eu dou réplica e ele reconhece.

Eu estava mantido em Portugal em geral e em Lisboa em particular devido essencialmente às mulheres e ao café, não que fosse bastante bem sucedido, mas essencialmente para mim a Pátria era Mãtria, uma mulher, de pernas abertas, como que parindo e tendo amplexo, de seios bastos e destapados. De modo que as coisas aconteciam não como eu queria, haviam passado dois anos e a tese permanecia na gaveta e, eventualmente, no site academia, eu tinha consciência de que havia chegado a um ponto a que nenhum tinha chegado em Portugal, no entanto, tanta filosofia para ler e fazer, tanta pesquisa fenomenológica, tanta escrita para verter... Sim, continuava falando sobre mim mesmo, conquanto me sentia injustiçado e nem me preocupava com os adversários, potenciais ou efectivos, como Moita Flores, por exemplo, Joaquim Paes de Brito. Danny era um peão letrado e eu havia experimentado uma forma de academia muito precoce, adolescente, e não gostara particularmente. Talvez devesse optar pelas ruas, por assim dizer, pela via mais difícil. Um dia talvez viesse a dar aulas, caso fosse convidado. Percebi uma certa rebentação nas águas do saber. Quer pelo que era em Riachos, quer pelo que espalhava por Lisboa...

Ligava a Meme e ela não atendia. Naquele fim de tarde, a filosofia não dava rendimento, mas dava sabor, os meus pais estavam em Palumbar, a minha irmã e a miúda também, bem como o meu cunhado, o meu irmão corria como um danado que se gostara de competir, os vizinhos tratavam do bebé e tudo se passava bem, muito melhor e muito pior do que na América, numa realidade mai-do-que-americana. Claro, eu passava mal, havia mais de cinco meses que não estava com uma mulher e não era nenhum sectário, afinal Danny nunca fora grande amigo, havia

uma espécie de cumplicidade académica latente que eu alimentava e à qual ele se resignava. Por vezes odiava-o, simplesmente, como à minha irmã, por outras não podia passar sem ele, sendo que também tinha uma espécie de pena, sendo para ele como que um irmão mais velho que ele, por sua vez, via no meu irmão... Duro ser coerente com princípios, mas talvez fosse isso que nme acordava cada dia do sono erotizado, talvez tivesse sido isso que me levantava e me obrigava a vestir-me, ora tomando banho, ora não... O miúdo continuava a jogar ao PC, naquele jogo ele via o mundo, era esse o seu mundo. Eu, como bom antropólogo, não interferia demasiado, mas por evzes enervava-me, os miúdos gostavam de mim porque eu me entendia com eles entendendo-os- E Luís Quintais grassava na academia sem dizer um aqui-vou-aqui-vai, uma palavra e eu tinha, claro, saudades da academia, saudades do falar sem preconceitos, porque, no fundo, era e sempre fora um intelectual, que lutou contra o sistema e o aperfeiçoou sem ter ganho com isso porque afinal era apenas e tão maravilhosamente um franciscano, simplificava o que outros, por razões políticas, complexificavam... Sim, não era santo, mas há cinco meses que não estava com uma mulher, não podia fazer muito, a perdição era fácil e eu ainda pensava que merecia ao menos uma mulher ilustrada, mas Meme estava bem para mim ou talvez não fosse, estava sempre indeciso porque a esse nível nada tinha a provar aos Outros, ao (Grande) Outro, à sociedade. O facto de não ser a diversos níveis de exposição pública, bem sucedido ia de par com o brilhantismo das minhas ideias. Nunca fora uma vedeta, mas convivia com elas...

Sim, talvez estivesse sendo egoísta, egocentrista e os meus livros não vendessem por isso, além do facto de serem algo elaborados, mas eu pressentia que a minha morte não estava longe da do meu pai e tinha de ter algumas medidas um pouco radicais para não me exceder na bebida e no tabaco. Mas os meus sonhos mantinham-se, traçados que haviam sido desde há alguns meses. O meu irmão corria e eu corria também, via nele um exemplo de conduta e ele via em mim exemplo de uma forma descontraída e diletante de estar na vida. Quanto mais absorvia da vida, mais coisas havia para absorver, quanto mais percebia mais volatilizava e esquecia por instantes a revolta contra as instituições. No fundo, a vida havia sido bastante injusta comigo, eu podia ter aproveitado certas ocasiões mas talvez não o tenha feito porque não me queria comprometer demasiado com coisas que, de certo modo, pouco me diziam. Desde cedo me comprometera com a religião e ela me havia desiludido. Depois disso, podia ter simplesmente ficado por ali, mas fiz muita coisa, entre trabalho a vários cursos, quando ganhei ânimo na ideia de ir aos EUA a minha obra literária ganhou um fôlogo que só sentira, primeiro, aos dezanove, depois aos trinta e cinco, mas o público português parecia não querer saber, nem com actos nem com palavras. Talvez, por mais que me esforçasse, fosse um autor condenado, danado, excomungado, amaldiçoado. Mas eu não acreditava nisso, combatia aliás, isso mesmo com um à-vontade e uma abertura, inclusivé com o estranho, sobretudo com o estranho, que causara imenso espanto. Uma outra coisa me fui apercebendo: enquanto certas mulheres me elogiavam por ser bonito, jeitoso, bem falante, outras, aquelas de que gostava e a quem não negava uma conversa ou algo mais, negavam-me afecto, como que me esqueciam, me ignoravam. Isso doís, porque a maior parte dos intelectuais meus contemporâneos era exibicionista e tinha, na sua maior parte, um lugar na academia para dispôr das suas meninas...claro!... E que queria eu da vida? Nada mais do que umas boas noites dormidas com uma mulher de

sonho com umas valentes mamocas, fantasias algumas, mas queria também o amor e como que a normatividade me estava queimando o meu espírito, como se tivesse de ser normal ou ortodoxo no meu comportamento. Isto era o cerne da maior parte das discussões com o meu irmão, em que eu dava de barato que devia ter um comportamento mais correto. Sim, poderia estar fazendo má literatura, segundo meu tempo e os meus contemporâneos, mas já não tinha praticamente ninguém comigo e tudo isso só aumentava o meu entusiasmo...

O pc ficou ligado toda a noite, a sua luz iluminava meia sala. Quando acordei, mais uma certa e determinada confusão mental acerca de nada, coisas de família. Desligo, a máquina também precisa de descansar. Sim, de um momento em que me estava sentindo bem e sentindo o bem que fazia em meu torno, bloqueei, tornei-me pensativo, como se uma nuvem negra tivesse pousado sobre mim. Adiantava estar pensando em dar aulas na faculdade? Teria de me acalmar e regressar a Lisboa no dia seguinte, com um emprego em Coimbra no pensamento, mais um dia só, a cama vazia, sem grandes relações, talvez por isso com mais (ou menos) ralações. Depois, percebia que o problema, o problema do meu sucesso, não estava em mim, ou inteiramente em mim, eu sempre havia feito as coisas partitamente sozinho e sem grandes apois. É fácil notar que havia como que uma inibição face a isso, desde já da Fulbright, passando pela FLAD e outras diversas instituições às quais havia päsentado projectos, ideias, proposições. Noto que estava perdendo o interesse em ser como era, voluntarioso, uma espécie de bombeiro intelectual, psiquiatra e psicólogo que nada cobra e dá consultas ao ar livre ou no café. Portugal desencantava-me e o meu instinto pedagógico caía sob um manto de deselento, pois outros faziam menos do que era e a eles eram dadas prebendas e benefícios que eu, por carácter, nunca teria. Via ainda que nem sequer tinha emprego. Portugal, país de descobertas e

descobridores, era o país mais primitivo e atrasado que eu havia conhecido. Estávamos num país que tinha uma academia que praticava a humilhação aos seus alunos e candidatos, que depois, chegando a lugares de destaque, faziam o mesmo e todo este cenário se perpetuava indefinidamente, perniciosamente. Eu fugia a tudo isto porque tinha autoridade, autoridade, tanto pelas coisas que tinha escrito como pela minha conduta, mas sobretudo pelas minhas ideias. Sim, o devido emprego nunca mais vinha mesmo sendo eu parcialmente reformado e chamando-me em plena sua desde tarado a deficiente, mas eu continuava a lutar e quanto me oferecessem alguma coisa, eu recusava, pois tinha de ser, para mim, aquilo em que eu melhor desempenho poderia ter. Nas alturas de densidade mental e dor de cabeça, eu não avançava, não colhia o fruto do coqueiro, recuava, preparava-me para outras coisas bem maiores... não sabendo exatamente quais seriam, mas poderiam evidentemente passar pelos EUA. De modo que deixo ao critério do leitor a devida avaliação, o juízo moral, o que quer que seja. Nos meus livros tenho bastantes personagens, enredos, mentais, sentimentais, morais, existenciais, sociais. Sempre procurei o amor, talvez não tenha tido a devida aplicação, pois era grande a pressa para chegar aqui e contar alguma coisa, mas sempre pouca coisa obtive e a solidão acabou por ser a minha companheira. A vida resume-se a um par de coisas repetitivas, exige de quem quer ser exigente, mas quem não está preocupado com outra vida, a vida não exige muita coisa e, quando estamos apaixonados, deixamos de enxergar numa via e passamos a ver demais noutra... Sim, talvez tenha estado a falar todo o tempo sózinho, com razão, e ninguém terá entendido... espero pelo juízo do Tempo... ou o abandono à sua sorte, deixando-o sobrevoar a minha cama, a minha cama, o meu amor?...

Sim, muita confusão havia vivido em Lisboa, talvez por se espontâneo e de certa maneira por estar à vontade para assumir um comportamento que não tem a ver com o aqui, com as coisas e as pessoas daqui. Por isso mesmo, talvez não tenha acometido com firmeza suficiente numa meio em que me movo e que na realidade só me interessa em termos intermediários, com vista a chegar a um cenário maior, mais vasto, mais amplo. Estava bloqueado, com vontade de ir até à disco Alibi, mas não podia, não tinha carro, mais uma noite de sofrimento me esperava entre os lençóis, deixara de pensar em Meme, as últimas mensagens dela tinham sido uma machadada final numa qualquer hipótese de relacionamento. Pensava em Priscila só por pensar, só porque tinha de manter a mente ilusoriamente preenchida com alguma coisa, sabia perfeitamente que não era homem para ela, talvez só quisesse dar uma curva, fazer amor com ela no carro ou coisa assim, eu verdadeiramente não a queria e lembrava-me de susas mãos gretadas, talvez mais fortes que as minhas, de dias e dias a prepara sandes no café e a tirara cafés. Assim, a realidade é da ordem do patente, do que está exposto, enquanto o sono, o sonho e o imaginário são da ordem do escondido, turvo, obnubilado.

Há pessoas, neste mundo, que não fazem intenção de deixar marca alguma neste mundo, mesmo estando atreitos a tarefas práticas. Outros, onde me incluo, fazem tudo para inscrever no Mundo o seu Eu. Há pessoas...há sons que nos atravessam, corpos que se atravessam, como quem pega num violino ou num pedaço de presunto, depende da disposição da alma, do afoitamento do espírito. Assim acontece com o amor, pode estar sempre presente, ou não, pode estar no fundo (de uma garrafa, por exemplo), pode estar à superfície, à flor da pele. Quanto a Meme, estive o fim-de-semana sem nada dizer, Tobias revelou-se curioso sobre a minha vida e Estêvão aprendia a ser homem. Regressei a Lisboa e logo Meme me falou. Dispus-me a acolhê-la em casa, como ao seu filhote, caso venhamos a ter uma relação.

A um certo ponto, percebi que, se os meus me tratavam com desdém, os outros mais não tratariam com a melhor das boas-vontades. Por vezes, queria acreditar que não era verdade, fingia, mesmo, sentir repulsa sobre o modo como me tratavam. Mas acabava por ser realista e perceber em Meme a porta de salvação para os meus anseios, estava farto de acabar só, à noite, no quarto, sem ter com quem falar a não ser conversas de circunstância. Sim, a minha irmã era a mesma desde há dois anos, que arremetera contra mim, estava sempre a pôr-me abaixo, a desconsiderar-me, a maltratar-me. A minha mãe já não dizia coisa com coisa, estava de volta dada à cabeça e na maior parte das vezes implicava comigo, fosse pelo café que bebia, fosse pela cerveja que consumia. Não havia amor, no entanto, eu tinha-o aos rodos e estava sempre disposto a dar, só que não aparecia a tal. Seria alguma vez Meme? O meu pai punha-se deitado em frente da televisão a sorver aquele material televisivo, dizendo uma ou outra imprecação, levantando-se para jantar. Durante o dia estava sempre fora de casa, falando com este e com aquele. Pouco lhe interessava, bem como à minha mãe e à minha irmã, que eu apenas precisava de dinheiro para discutir uma tese em Filosofia e, além do mais, tinha estado de certo modo bastante activo desde 94 escrevendo. Isso não contava para eles, nem para ninguém, nada lhes bastava. Como diz o ditado, casa sem pão todos ralham e ninguém tem razão. O problema é que havia pão. E eu continuava, desta vez inscrito no programa de doutoramento na Faculdade de Letras e na New School, estando em vias de traduzir a tese para inglês. Na realidade, sempre fui uma espécie de guia do meu povo, desde o seminário, desde o convento, desde o ISCTE. Não sei se o facto de não ter namorada certa contribuía para isso, talvez sublimasse o desejo, sei lá. Andei muito tempo só,

sobretudo nestes últimos quatro, cinco anos, desvairado, pondo tudo em causa. Não desdenho esse papel, mas queria levá-lo mais longe, decerto que queria ir a Nova Iorque, Los Angeles, um pouco por toda a América. Mas lá eles levam os direitos de propriedade, incluindo a intelectual, bastante a sério, eu acho alguma piada a isso, quer dizer, de certo modo iria procurar legitimação de onde não a tenho. Mas é já tempo de arranjar a minha miúda, afinal tenho alguma coisa feita que posso cimentar, disseminar... Não sabia bem o que se passava naqueles dias, mas eu estava disposto a aceitar um trabalho em breve, a fim de levar uma vida independente e substituir o tormento de estar com os meus pais, coisa que nem a minha irmã nem o meu irmão fazia, nem sequer o meu meio-irmão, que apenas viria, em seu tempo, fazer a coleta. O erro em que incorrem muitos dos pais é querer estar em estado de comunhão de espírito com os seus filhos e não só para que eles realizem o que eles não realizaram, o filho que quebra, questiona, gesticula, é incómodo, não é visto como um bom filho. Podem muitos pensar que estou maluco, mas eu nem sequer tenho de provar o contrário, a partir da minha existência conuistei o direito tanto de ser vulgar quanto genial, tais foram os maus tratos que me infligiram, podia estar sentado por aqui à luz dos clássicos e dos contemporâneos, mas isso é coisa chata, prefiro eu mesmo ser o que sou, um pós-moderno pós-capitalista. Sim, na época dos meus pais os filhos são um investimento, como o são nesta época, de resto, para cuidar deles na hora da morte...triste sina, mas eu não vou por isso, posso acabar só, posso acabar pateticamente nas mãos da minha amada, posso nem sequer acabar, mas quero fazer qualquer coisa de válido com esta vida, sempre quis, mesmo que esteja numa sala donde ninguém me ouve, só porque ousei desafiar a normalidade, só porque ousei escrever, descrever o meu mundo, transformá-lo.

Sim, pegando no lema dos Monty Python, é preciso pega a vida pelo lado positivo, que bem chega a morte, ou seja, um pouco como o actor italiano, tira o bom do mau e apresentá-lo aos Outros que, mesmo não levando a sério, estarão a dormir, porque poucas sabem das desgraças e do que custa ser palhaço, porque o ser humano, a natureza humana, tende a virar sempre para o gozo e a facilidade quando encontra um obstáculo ou qualquer coisa de verdadeiramente difícil. Pois, eu nunca conseguira deixar de pensar em sexo, mesmo quando estivera no convento; talvez lá pensasse demasiado, em ver, em fazer, em pensar, que a vida por cá, neste mundos disposicional não dá para tudo e por vezes há tantas que não temos que pensar nisso, nessa plétora de sentimentos expressivos ou inexpressivos, tanto faz, o banal reina e o sentido é o sentido que lhes damos. Assim, entenda o leitor estes mais ou menos escritos como qualquer coisa de circunstancial; de certo modo, estou evitando de pensar sozinho, impedido de falar com alguém, como que numa prisão mais ou menos monopólica, em estado de criação contínua e sem o estímulo das luzes de Nova Iorque. Telefonei ao Danny, o carro estava empenado, veículo que ele tinha em estima, valor afectivo, já ninguém dá valor aos carros, ele dá, afinal sempre fora um sujeito de qualidades humanas, posso dizer, um homem com qualidades. A vida é qualquer coisa de não dado e ao mesmo tempo concatenado. E então, a rádio passava Adolfo Luxúria Canibal, depois de António Variações, e eu gostava do meu país, mesmo que poucas amantes me tivesse dado, dado que eu queria fugir tanto disso como do sagrado, ou seja, queria tanto fugir da vida como da morte, sendo que ninguém assume a banalidade, sendo que o dia pertence tanto ao extra-ordinário quanto a ele. Mesmo. Sim, topei que não podia voltar tão cedo ao Alcamen, ao Café do Jardim,

sendo que estava na Casa do Jardim e o meu velho revelava-se irabundo, a minha mãe antipática, complexada, impossível, mas eu era também assim...

Na minha vida, nunca houvera pre-determinação, no sentido kantiano, eu sempre soubera distinguir o que aparecia do que aquilo que desejava fazer. E, como diz a minha mãe, sempre fiz o que quis fazer e o velhote sempre me deu suporte, especialmente na licenciatura, depois fora a minha irmã, para sempre ela velando e zelando por mim nos momentos de doença e afastando-se quando eu me afirmava em tom imprecativo. Isso, não me consigo desligar de mim, como um Super-Homem, sempre ligado a mim, e o que sou eu senão um bando de incoerências e ainda bem, pois há quem seja um senhor publicamente e na intimidade seja um traste, não me lembro de tratar mal uma mulher, dizes tu, ó Tobias, a bem da conservação da espécie.

Bastou-me abrir um livro na página 42 para perceber, mesmo falando noutra assunto, que me queriam mal, desde há muito tempo em Lisboa, a bem dizer a morte física, se é que há outra. Sim, claro, não esperava outra coisa, sendo eu da aldeia pensariam que eu fosse ingénuo para perceber a linguagem do ódio, mesmo de quem é saloio numa orla de terra encostada ao mar. Eu simplesmente não vingara em Lisboa por um motivo de sangue, de raça, de herança cultural. Além do mais, era espanhol e isso causava muito dano e inveja, até em Riachos, de resto. Mas tinha muitos amigos, que não se reduziam a festas sociais em locais diversos, discotecas, étecétera. Ao mesmo tempo, ressitira e, bem no final, levantara-me para fazer duas teses e seis ou sete livros, em pouco mais de dois anos, quando a maior parte está ao sol a tecer os seus belos argumentos ou a tecê-los no sono. Por isso a literatura portuguesa não tem afirmação alguma no mundo, porque não querem sarilhos, porque evitam assuntos criminais e religiosos, atreitos que são aos históricos e biográficos, porque apenas querem chegar a velhos e quem está à espera disso, como Osho, chegam a velhos, mas a velhos tristes e rabugentos. Como muitos dos americanos. Por isso eu sou mais do que americano. Sim, acabavam-se-me os argumentos filosóficos, nunca tivera estabilidade mental e senti-mental para elaborar grandes sistemas, explorar grandes sociedade. No entanto, com mais mérito, fizera-o. Apenas esperava que a minha tese fosse traduzida para inglês. Talvez um dia pudesse dar umas aulas lá fora, em inglês, não me atrapalhava nem um pouco, já que por aqui os concursos tinham vencedores antecipados. Eu tinha uma certa posição de sobrevôo sobre a sociedade portuguesa, decerto que gostava de Portugal e do seu espírito, apesar das maldades que me faziam todos os dias, como se eu fosse um Cristo da

nacionalidade quando apenas queria ter uma miúda com quem curtir, mas não percebiam isso, percebiam muito mais além quando eu, feito para lá estar, queria ficar áquem. No fundo, sou um urso que aqui ando, não estou ligado a nenhuma universidade e faço ciência, escrevo e não tenho editora, no fundo tudo é possível, mas vocês levam as vossas vidas como se fossem as mais importantes, bem remuneradas e com filhos quando eu me preocupo com tudo e ainda me assacam responsabilidades, no fundo tudo se resume, isto da autoridade, ao ter um emprego, um cargo, um encargo, e exercer o seu poder através disso, por isso, eu acho que vocês são todos umas criancinhas mimadas que nem sequer amadureceram, que continuam em tricas de competição, tentando provar que são adultos, pois eu posso fazer isso que vocês fazem e muito mais, sabem porquê? Porque eu não sou daqui e de certa maneira vocês são daqui, estão atreitos ao territórios, ou talvez não estejam, nem sejam nem psicólogos nem filósofos porque, juro, não conheceram a dor nem a solidão e se tivessem conhecido não seriam retorcidos como são, seriam bem mais alegres e bem-dispostos como eu sou. Depois, tudo bem, eu aguentava a privação sexual, sob o lema de diversas parangonas mentais e psicanalíticas, aguentava o ostracismo em Lisboa, a indiferença burocrática da academia, a sombra de Riachos, aguentava os vaipes de Brígida quando eu só queria fazer amor com ela, os comentários desagradados e jocosos de diversa gente, desde pequeno que era assim, ainda que não fosse um *nerd*, mas faltava-me aquela (devida) situação literária genial que iria resgatar a minha obra. Talvez estivesse no fio do tempo, no fim do tempo e essa situação tivesse já acontecido vezes sem conta...

Há já várias semanas que percebia que estava só, entre Riachos e Lisboa e isso, de certo modo, revoltava-me. Mas eu estava só, eventualmente tinha comigo Danny, nem sequer podia contar com a minha irmã, ainda que ela procurasse saber o que eu pensava. O meu cunhado estava sempre em silêncio, mandando umas interjeições diversas, imprecações variadas a propósito de nada de jeito e eu nem sequer queria saber da minha irmã para nada a não ser pagar pelo que me havia feito, nada mais era devido a uma pessoa como ela, mas tinha pena dos miúdos e pensava na minha avó Carolina, tomando uma posição máscula, nem sequer queria saber disso, continuava a dar-lhes o meu tempo e afecto, no fundo era um homem sem tempo, que podia pertencer a qualquer tempo, mas que procurava apenas cumprir, fugir do seu papel de actor social para pensar um pouco. Talvez tenha estado desligado, esse é o problema e ande aqui às voltas quando ninguém me dá atenção, talvez seja isso a loucura, talvez seja apenas normalidade, na verdade, possuo uma chave para tudo e mais alguma coisa, e isto é subversivo, para aliviar a consciência, ou seja, simplesmente o pornô me trouxe conhecimento, uma forma retraída de entender tudo, sob uma certa perspectiva, ao menos sou honesto, tenho desejo, e não guardo rancor especial a alguém, embora seja apelidado de tudo e mais alguma coisa, desde tarado a pedófilo, mas o certo é que continuo sibilinamente com a minha obra, não procuro nenhuma projecção escolástico-medicinal em especial, nda que tenha a ver particularmente com os mais diversos autores da literatura portuguesa, já dei o *salto* há muito tempo, tempo demais para apanhar o primeiro barco para ir daqui pra fora. Oxalá a coisa redunde em muito dinheiro legal.

Mas bom, muitos diriam que são coisas do mundo, só se podem ver ao longe, assumo que as vi ao de perto, sem qualquer mágoa de ressentimento, sem qualquer intenção malévola, se for por isso que tenho de pagar, seja, pagar um desemprego e uma reforma reformada, uma reforma mais protestante do que católica, porque desde cedo me fascina a vida e foi isso que eu vi, a vida e a morte, as mortes pequenas e estou pagando com cada qualidade do meu pensar, por isso, e se sem isso teria alguma intenção de progredir no conhecimento, com isso tenho mais, pois me dá propulsão e vontade, talvez seja apenas devido ao difusionismo cultural, mais do que contágio mais ou menos médico e psicológico. No fundo, gosto apenas de Michel Serres. Persisto. Já não vou ao café, ainda não careci de entendimento com Priscila, bem gostaria de ver seus seios hoje, mas sinto que não é possível, prefiro sofrer só na cama, e estou falando de mim, há muito que deveria de ter descolado para outras histórias. Foda-se. O meu amigo morreu há um ano, fui visitá-lo no cemitério com Danny e lá estava a sua campa, espero bem que esteja melhor do que eu, que me farto de meter pívias, mas talvez esteja bem melhor deste lado, sempre é uma segurança. Depois, antes de entrar no meu estúdio, olhava para a janela de luz acesa do vizinho, é certo que eu roubara livros, mas eles roubara toda a espécie de trabalha de vários sítios e tinha um ferro velho em frente à porta e depois talvez tivesse assaltado o próprio vizinho, isto nesta rua havia-se juntado uma corja triste a que talvez apenas eu escapasse, juntamente com o pequeno e os meus pais, sendo que os outros vizinhos não faziam mais nada senão rirem-se. Estamos numa condição em que se exige segurança, mas os atropelos à lei são perfeitamente legais, para gáudio da plebe. Depois, descobri que os pequenos criminosos vizinhos, a quem eu tanta confiança

dera, estavam ligados à polícia, que não ousara prendê-los, a pretexto de eu ter roubado livros, quando eles deveriam estar presos, tinha apenas pena do garoto que, ou não, tinha culpa alguma. “Esta aqui um venho a incomodar-te”-dizia a garota nervosa cujo marido havia feito assaltos de vulto em várias casas. “Vais ver o que o velho vai fazer” -dizia Porfírio, a morte estava longe, cada vez mais longe, ele prometera a si mesmo denunciar este casal com um filho nos braços, mas não ousara concretizar o seu intento. Continuei, assim, entre filosofia, literatura e senso-comum. Todos vivem do senso-comum até se aperceberem que nada de jeito fizeram na e da vida, até que é tarde demais, aquele que foi gozado e troçado todo o tempo venceu e, de alguma maneira, representa toda a sociedade a que pertenceu. De certa maneira, não é do seu tempo, precisando ainda assim de viver o seu tempo. Merda para isto.

Levanto-me, depois de ter sido acordado pela minha mãe, o Tio Tobias parece precisar de mim, enquanto o meu pai vê um pouco de televisão. Sinto essa necessidade de ir para Lisboa, mas não há dinheiro, a minha mente está embrulhada numa conjunção, numa equação do tirar e do pôr, julgo que outros também. Procuro não ser oportunista e levar a coisa com calma. Pensei nisto e no facto de que a filosofia não estuda nem se debruça sobre, por exemplo, fenómenos de possessão, que têm a ver com a relação entre a mente e o corpo. De facto, o discurso filosófico da modernidade (Habermas) tem muito a ver com algo desligado dos fenómenos da mente quanto ligados aos do corpo e trata de forma discricionária as várias geografias do saber conquanto seja ligado à terra, ao território. Enquanto reconhece certas formas de sentir (sensações do sentir), a filosofia desprende-se de tudo e de todos. De quem é afinal o discurso filosófico? A quem pertence? Não sente, antes de mais, a filosofia, um clima de deserto, árido e despovoado, onde o filósofo caminha errante, desiludido da sociedade e incapaz de a transformar?

Não é, antes de mais, a filosofia, qualquer coisa de essencialmente racionalista, porque antes de tudo ocidental, qualquer coisa pertencente ao cânone e que cada jovem filósofo adopta no seu íntimo ruminar como seu discurso para a vida, por exemplo?

A fantasia de todo o homem comum tem a ver com ter a segurança de imaginar que, depois do trabalho, tem uma mulher em casa para essencialmente cuidar dele. O desejo do homem é foucaultiano, põe em *display* uma relação do corpo da mulher com o mundo nas suas potencialidades político-existenciais. Assim, o desejo aceso e reacendido é o lenitivo não só para dar sentido à existência mas tampouco para o Ser se situação enquanto existente (Lévinas). O homem, usando do sexo, evita a loucura, mas corre também o risco de enlouquecer, pelo que o jogo social, não o reduzindo ao desejo, é um jogo de bate e choca, para além de o ser em termos de sedução. Na verdade, enquanto proeminência, no sexo ninguém se importa e o que fica de fora é o denso e estressado. Assim, o verdadeiro filósofo paga um preço caro, abdicar da vida comum e dos prazeres da vida, um preço que o religioso não paga, pois tem um preço a pagar, i.e., compromete-se com o transcendente que lhe dá segurança moral e existencial, razão de viver, um sentido, porventura. A vida do filósofo é errante, não tem destino, não tem caminho, é insegura como na selva, fazendo viagens *philosophicas* de descobertas várias, cúmulo do altruísmo, nunca se assegurando de nada num terreno acidentado e movediço e se tivesse dama consigo seria poeta, como Dante... Sim, os males do espírito são essencialmente males do coração. De modo que o que dizem ser os meus adversários uma metodologia, eu prevejo ser uma forma de descortinar a realidade sobre mim e os outros, pois que vemos sempre a realidade através dos nossos olhos, senão estamos pura e simplesmente alienados, não é fácil continuar, sem os itens já assinalados, mas vamos em frente, progredindo sempre um pouco mais, como se estivéssemos na selva e tivéssemos de afastar as

folhas da cara e os ramos com uma catana, como se tivéssemos de ter cuidado onde pisar. Sim, o sujeito que usa as novas tecnologias, seja criança seja adulto, adquiriu uma espécie de poder, mais simbólico do que efectivo, talvez por isso mais efectivo...o poder de influenciar tudo e todos na rede, causando cataclismos não somente políticos mas também existenciais. Não é preciso um curso de uma universidade para se ser blogger, vlogger, no entanto essas pessoas influenciam muitas mais do que muitos professores catedráticos em suas escolas e os alunos apenas chegam para aprofundar certos assuntos de uma certa e determinada curiosidade histórica, num sentido de missão que faz lembrar os cruzados, por exemplo. Em tudo isto, fazia grande calor, a minha mãe descansava, alterada da cabeça, os miúdos discutiam e eu ainda procurava um emprego, principalmente como professor de Filosofia, mas não havia trazido o pc para concorrer a vagas do *eracareers*, a minha mãe tinha já uma doença nervosa à pala disto tudo, ou seja, sentia comigo o ardor e desconforto de não ter emprego, mesmo depois das coisas que havia publicado. É que nem uma menção, nem um convite, nem uma observação...nada, absolutamente nada, era como se eu não existisse, como se não escrevesse, não falasse, não reflectisse. Que dizer deste povo? Que dizer dos responsáveis deste povo que às claras pregavam bons costumes e pela calada mordiam que nem tubarões? Depois, eu não estava num *standpoint* filosófico, precisando a toda a hora de estar a justificar-me, apenas via a investigação literária associada à criação como algo fundamental e essencialmente saudável na minha vida. Não procurava já seguir demasiados autores, citar, ser citado, nem sequer estava lendo nada de especial, perdera a calma para a leitura, a escrita não era um desassossego, antes uma instância, um lugar onde me sentia bem. No meu estúdio não entrava absolutamente ninguém, por vezes nem sequer a minha mãe, que apenas fazia a limpeza do WC quando eu me ia para Lisboa e a cama do quarto, caso a deixasse desfeita. Decerto

não era exibicionista, antes um tímido genialmente comprimido que quando se dobrava, como uma mola, fazia bastantes estragos, sobretudo nos corações. De modo que estava numa fase algo existencial, mas não levava as coisas a sérios. Há alguns anos reformado, notava que quase não tinha amigos, em Lisboa nem um sequer, passando grande parte do tempo em casa. Por Riachos, o meu pai continuava sem me falar e não ajudava em nada, a minha irmã lá falava de quando em vez, acossada do seu exigente trabalho, a minha mãe estava melhor depois de dormir um pouco...

Na conjunção destas coisas, destas ideias, eu procurava seguir mais ou menos brando, mais ou menos coerente, sendo que tinha grande desejo por miúdas, mas como não tinha carro, não podia dar grande volta e mesmo que Danny aparecesse não creio que tivesse disposição para passear comigo, digamos assim. Portanto, comecei a fazer planos para vir a ganhar algum dinheiro e a não estar dependente dos outros para fazer a minha vida, mesmo que isso significasse maior solidão, pois a relação de dependência que eu tinha essencialmente com a minha irmã permitia a manutenção da relação, coisa que eu queria quebrar mantendo a relação, obviamente. Podia perfeitamente pensar que tinha algum tipo de inabilidade social, dado não ter uma vida autónoma e profissional, podia pensar muita coisa e muita coisa havia por se cumprir na minha atribulada existência, eu pressentia que, com mais ou menos problemas, tudo podia eclodir em termos da sua realização, embora sentisse que estava ficando tarde demais para isso acontecer. A certa respeitabilidade que rodeava a minha pessoa em Lisboa seria uma ponta por onde pegar, de certo modo eu tinha chegado a um pique a esta idade e continuava a grassar, mas para eles, os Outros, nada chegava e o facto de estar só, ter estado só a maior parte do tempo, queria dizer muita coisa, antes de mais que eu, embora estudasse a sociedade, não servia para viver nela. Aí se explica a minha ida para a religião, como uma fuga e um regresso abrupto e repentino a ela, com os estudos de antropologia e uma certa sublimação e superação com a filosofia. Esta sociedade, como outras, funcionava assim mesmo: para a termos na mão, precisamos de abdicar do sexo, senão é um inferno, estamos no pleno vulcão das pulsões individuais e colectivas. Eu tinha como que uma solução de compromisso que me metia nervos, por isso queria tanto a América, sentia dentro de

mim, para mim mesmo, que já tinha passado do zénite em termos de realização, mais intelectual do que pessoal e sabia que iria continuar pois não era miúdo para estar quieto. Curioso, continuo falando de mim e sinto-me bem neste registo, talvez outros personagens apareçam e me venham fazer companhia neste universo multiplanetário que é a minha imaginação. Sim, podia ver a minha aldeia como uma Pequena Nova-Iorque, onde a vida é dura e acontecem coisas mais ou menos maravilhosas. Mas não era. Mas eu podia fingir. Podia até ficar cá para sempre e ser enterrado no cemitério da aldeia, um dia mais tarde, como os meus amigos de infância. Podia. Claro que podia. Podia ir a Palm Bar e Leiris, as duas cidades mais próximas, fazer uma de passeante solitário que vem da civilização, ainda que de Sul. Podia mesmo. Na verdade, estava difícil arranjar trabalho em Lisboa. Não sabia o que pensar; depois de dormir um pouco e de jantar, dava voltas ao meu destino na cabeça como se ele fosse uma equação. Tinhas pretensões bastante altas e legítimas até, mas teria de ter calma e ir passo a passo. A noite caía e eu encontrava na escrita a única forma de perpetuação e sublimação dos meus sentimentos, os meus talvez fossem a Lisboa, a minha mãe já se mostrava antipática comigo, isso acontecia sempre que elas iam a Lisboa, como se se açambarcassem de um território que pretensamente não era o seu. Estava escurecido e eu naquela aldeia, a mesma de sempre, com os mesmo e repetidos motivos para fazer as coisas, como que procurando inventar a alegria, não ia já para a cama, ia ver Priscila, alimentava uma ideia vaga, mais ou menos física, de me misturar com ela, mas estava à espera que ela desse o primeiro passo, coisa que sabia ela nunca faria. Parvo, era afinal um parvo, estudara um pouco de filosofia e outras ciências, nem sequer havia feito literatura e julgava-me um grande escritor, com grande implantação na sociedade, literária ou não! Não passava de um esperto! Nem casa tinha, davam-me a volta de uma maneira que eu não precisaria nunca de fazer nada, bastava-me vestir

bem e com este figurão tinha tudo o que queria. Mas não, compliquei tudo, resolvi estudar, aprofundar, escrever, dialogar, apostas na paz. Mas talvez tivesse sido isso que me tivesse salvo e que, apesar de alguns motivos, me mantinha à tona em termos sociais, vivo, activo, atractivo. Para quê então a América? Por causa dos inimigos? Não sei, talvez fizesse por lá em menos tempo muitos mais...

Eu tinha de avançar nas minhas explorações mentais. A vida não se poderia nunca resumir a uns tantos ou quantos estados mentais, isso seria empobrecê-la. Que era então a vida, que significava? O que é que dava significado à vida? Os rituais (nascimento, casamento, morte)? Não sei o acto de dar à vida (mais) vida? Havia ali qualquer coisa, mais adiante, dali a pouco...mais à frente, onde encontrava um sentido particular no sentido de reafirmação da vida por ela mesma, sim, isso poderia vencer a ideia de finitude que na maior parte das vezes nos tolhia os movimentos, os pensamentos, as asserções, ali ficamos mais um pouco e dali partimos para a ideia de o conhecimento é uma aventura frutífera umas vezes, outras não conduz a lado algum, veja-se Heidegger, por exemplo, talvez a afirmação da vida a ela mesma seja a afirmação do sujeito por meio do Outro. Sim, a equação é sempre a mesma e eu estava percebendo que o texto da minha tese era como uma obra de carpintaria que se torneava, se aperfeiçoava, talvez como uma escultura que se aperfeiçoava pelas mãos do artista, não seria um deambular contínuo e contíguo ao sujeito errante nas noites cacafónicas pelo nevoeiro dos sonhos mais profundos... E ali, no meu enésimo livro, iria ficar, entre pensamentos, ideias, proliferações mentais, mais uma vez sozinho, naquela sala quente, transcendente, transpirando, andando de um lado para o outro, de copo de Grant's na mão. Desde que havia começado a beber a minha situação melhorara, em termos criativos, mas mantinha poucos e bons amigos, nada de muito espampanante e perfumado. Estaria em vias de estar derrotado? Procurava parar, congelar o tempo, mas estava calor e as ideias disseminavam-se como ondas... Sim, talvez buscasse a perfeição das coisas e não conseguindo, dada a multiplicidade do mundo, me perdesse num beco na noite...Decidi, face ao marasmo

geral, avançar por mim mesmo, mesmo procurando não investir demasiado numa hipótese de trabalho em Lisboa com acesso a uma remuneração de professor, mesmo considerando que poderia nem sequer ir a Nova Iorque. Decerto que poderia gozar o resto da vida por aqui, mas ou teria, mais cedo ou mais tarde, um êxito retumbante e absurdo, dada a extensividade e amplitude da minha obra, ou continuaria esquecido, a produzir, sempre a produzir. Eu esforçava-me, escrevia, falava com este e com aquele, mas parecia que nada chegava. Devia, supostamente desistir de um lugar de professor, se era isso que queria? Havia saído de um universidade e entrado na universidade da vida? Aquilo que eu queria muitos o haviam conseguido aos 25 anos, porém eu havia dado uma volta mais larga, mais sábia, talvez aquilo que eu sabia não coubesse na pré-determinada academia...Não, não acreditava nisso, tinha tod o resto da minha vida para ensinar, as coisa haveriam de mudar, eu haveria de conseguir, porque, antes de mais, não me via a desistir, a desistir de nada e quanto entrasse na academia haveria de ensinar alunos e professores...Mas nem mesmo isso seria necessário, crucial, imprescindível, eu nem disso precisava, se fosse a ver as coisas em termos franciscanos, mas se fosse a ver em termos platonianos, dominicanos, talvez tivesse isso e muito mais, muito mais terreno para grassar...

Não sabia mais o que te dizer. Mas tu pedes-me que continue e se nas palavras não há saturação de sentido, eu continuo, que a vida continua, decerto, comigo ou sem mim, como no último sonho. Sim, talvez a vida seja apenas um sonho, ou um filme, ou as duas coisas seguidas e o escritor precise de passar sem mulher para escrever a sua obra-prima. Por um momento ou outro, quase desistia dos meus intentos académicos, aqueles que estavam na academia queriam estar cá fora, pois a esses eu diziam que também podia ter tido uma vida de padre e prescindira disso, andara procurando a academia todo o tempo mas a academia mostrava-se indiferente, isto era uma batalha desigual, um sujeito contra a academia de Lisboa quando naturalmente, por boa vontade, lá teria entrado logo em 95, pelo que só descobria razões políticas nisto tudo, mais razões simplesmente racistas e existenciais, de má índole para com a minha pessoa, pois bem, sou dogmático mas nem tanto, prefiro fazer outra coisa, as coisas que sempre fiz, do que estar perdendo o meu tempo alimentando esperanças face a filhos dos outros que nem da vida querem saber, quanto mais de mim mesmo. Tiraram-me a paciência a olho, mas eu não desisto, não sou gajo de desistir de nada, seja da Universidade de Lisboa seja da FCSH, seja da Católica, do ISCTE ou da New School. Pá. Seja cá ou seja lá, pá, por cá ainda amoucho um bocadinho, por lá é que não, pá. Tás a ver? É que eu sou gajo para virar Lisboa do avesso, já o fiz e posso voltar a fazê-lo, pá, tás a ver pá?

Sim, é duro. Sei que não estiveram comigo. Provavelmente também não estiveram com eles. Eles. Eles quem? Isso é o que mais me intriga e até indigna, não saber quem, perder o rasto dos meus dias, não apontar ninguém pelos meus recessos, alguns deles, não apontar culpados, perder o rasto, compreender tudo como quem olha por via dos olhos de um aguia, por um drone. Temos um presidente simpático. Mas a realidade social revolta-me; não sei se deva ajudar se deva fugir daqui. Portanto, a humanidade, incluindo as mulheres, andará na maior parte do seu tempo, obcecada entre normal e patológico, entre Bem e Mal, entre masculino e feminino, ora admitindo, ora confundindo géneros, jeitos e trejeitos de um e outro mais ou menos socialmente reconhecido, enquanto alguns, fazendo-se de sábios, acabam por explorar as virtualidades da humana natureza, não sei nem quero saber com que fim, afinal descubro na continuidade e na contiguidade das coisas uma forma de perpetuação e equilíbrio, com vista a uma vida longe e rica. Na verdade, mesmo o menino mais pequeno, ainda que não sabendo como, quer o poder, todos o queremos, o pior ou o melhor é o que fazemos com isso enquanto tal, sendo que a via está não na religião nem na política, a via para o poder, mas na filosofia, pois só ao deserto se segue a abundância das chuvas.

Sim, estava chateado, procurava até, por meio de obsessões diversas, disfarçar a minha chatice, procurava ocupar o tempo, porventura não pensar que era o melhor, na verdade a tristeza é o deslocamento de um fotograma, apenas de uma fracção do que se vê. Porventura, a verdade é o que não se vê, quiçá o obscuro, que cega e mata por dentro, consome, consome-nos a verdade, não é já como noutros tempos em que o individual correspondia fatalmente ao social e a felicidade era não plástica como é hoje, provisória, absoluta, mas metálica, colhia em seu seio a crítica e o sarcasmo. Disposições de espírito, ciência social, literatura, para mim é tudo um pouco o mesmo, é claro que ninguém faz ciência sem financiamento, sobretudo porque é coisa estatal, mas haverá uma forma determinada de ciência na escolástica do quotidiano, numa pose mais ou menos certa, determinística face aos acontecimentos e às opiniões. É claro que o desacerto de certos jovens tem a ver connosco, com o boom dos anos 80, com a consideração plástica da plástica da sociedade e o plástico não dá senão mais plástico sendo alimento para o fogo e ainda assim não muito, ou seja, os materiais com que se faz a indústria visual do quotidiano têm a ver com a forma de uma abstracção concretizada não apenas no corpo, no nosso corpo, mas em todos os corpos da terra, ou seja, tem a ver com a forma como lidamos essa abstracção concretizada que é o Tempo. Porque o espaço é mais ou menos redundante, ao invés de ser combinado com ele, o lucro, o acrescento, advém sobretudo da arte de combinar as duas coisas com os mais diversos materiais.

A minha esperança de encontrar o amor estava-se esboroando, caindo enquanto eu caía também e me levantava, a todo o singular ou banal momento. O meu pai diria „dinheiro para gastar com mulheres“, eu dava-lhe razão face à única mulher que ele conheceria, seja, a minha mãe, porque um anterior acidente talvez não o tivesse afectado muito na sua conduta. Sabia que, até ao fim, não podia contar com ele, mas talvez logo no dia seguinte, se deitasse fora, iria estar a seu lado. Talvez a maior parte dos homens apenas queiram ter descanso e elas não deixem, sempre com as suas trigas e queixas. Talvez por isso alguns homens nunca estão perto das mulheres, mesmo na amamentação, entre homens e mulheres não sei bem escolher, que se entendam uns aos outros, não tenho eu, que não tenho mulher, de entender tudo isso, afinal sou apenas um reformado que acordou tarde.

Na verdade, escrever é uma forma de não saber, a escrita sibilina e certa está no viver, no acontecer, no penetrar no vento, no explodir ante a escuridão e a maresia, na poesia, obviamente, mas também no sacrifício, porque somos felizes quando não somos, porque somos testemunhas politicamente correctas. A palavra não descreve um som, ante a bêbeda infinidade, os personagens escapam-se-nos quando tentamos dizer tudo sob uma perspectiva pedagógica e isso é muito europeu e ao mesmo tempo bastante americano, como o sonho, o sono descansado, a remissão a antigos dogmas e vitupérios, sob o efeito de uma certa substância, o ponto de equilibrio do mundo social ante nossos olhos não nos beneficia nem nos prejudica enquanto sujeitos de um mundo filosófico, fenomenológico, útil e proveitoso. Não será a vida apenas um medo da morte, nesse impulso de a evitar? Sendo, em minha consideração, o objectivo do homem, da vida humana, ser feliz, esta felicidade depende do manuseamento que o homem faz da relação tempo espaço num contexto doméstico, ele procura sempre a dómus, a zona de conforto, sendo que sai dela apenas para caçar e apanhar amoras. A mente precisa de ser disciplinada, pois gera os mais diversos impropérios e vestibulações, no fundo é o organismo tentando reagir à ameaça da morte individual ou eminência da morte do grupo sobre si. Isto são algumas noções de psicologia social e antropologia primitiva. O homem tem na sua génese e continência cultural a agressividade que ora o faz reter, ora o faz ir mais longe, na conquista de parceiras como que se satisfaça na ausência de Deus, na constituição do seu grupo. Deus não manda fazer tudo, porém, o homem indisciplinado faz tudo porque anda à toa no mundo, descobrindo qualquer coisa e agarrando-se a isso, quando na verdade nada há para descobrir, o caminho é o caminho, nada mais. As grandes barreiras, morais e sexuais, é o sujeito que as cria e quando as estilhaça, o

grupo prende-o a elas, mas também o pode libertar se o sujeito estiver pre-disposto a mudar, porque sem essa predisposição e, digamos, preparação à mudança, nada pode ser feito e o sujeito radica na sua existência a mais forte melancolia e depressividade. E assim, nestas considerações andava eu, retido voluntariamente em Riachos, com o espírito mais elevado do que encoberto pela sombra da dúvida, a que somara algumas certezas, ainda que não completas nem permanentes: a certeza de continuar a viver mais um par de dias, se algo de extraordinário não me acontece, como a alguns amigos meus acontecera, cancros e depressões de vária ordem. Pensava nestes dias não somente do mais adequado a pensar, em termos de higienização da mente, mas era certamente (uma mente), um ser espontâneo, vivendo no meio da família, com duas pessoas mais velhas e duas mais novas. Eram as férias e a pequenita tomava banho na piscina, onde haviam ficado duas pequenas bonecas e pé, dentro da água, como se tivessem a pontificar qualquer estatuto sobre os humanos que as olhavam. Fui até lá acima, ao café da Igreja, nem sequer comprei tabaco, havia comprado um no café da antipática na estação do Entroncamento, dá-me a ideia de que quanto mais gente desgosta de nós mais aqueles que gostam de nós gostam mesmo. O casal vizinho continuava tentando criar a criança, fazer face a qualquer coisa, ou não fazer de todo, como eu mesmo. Estaria a procrastinar, como se diz agora. Sim, estaria, talvez, numa relação mental, senti-mental, entre controlo e ausência dele. Enquanto isso, fazia alguma filosofia e o meu velhote consertava o telhado e a chaminé da Casa Velha. De certa maneira, todas as minhas pesquisas apontam no sentido de uma estética do actor, ou seja, um estudo do desempenho do actor/actriz enquanto revelador não só da sua (humana) natureza, mas da sua capacidade de improvisação e de se projectar além de si mesmo num terreno que lhe é adverso. Nesse sentido, o actor, português, por exemplo, ou o mesmo se poderia dizer do espanhol e em certo sentido do

italiano, são conquistadores, colonizadores a partir de uma certa e determinada herança genética. Talvez a maior felicidade do ser humano consista, na verdade, em ser feliz fazendo o outro ser feliz e isso o faz feliz, ou seja, o romantismo não é, estereotipadamente, uma atitude passiva, mas bastante activa, que implica espera, avanços, recuos e todo o género de gestão de expectativas e emoções; é um trabalho, uma relação dá trabalho, por isso é compensadora. É, em certo sentido, um investimento. Não, não estou falando de mim, mas dos que me rodeiam, incluindo o Bill e algumas pessoas a quem retirei amizade no facebook, coisas estúpidas que fazem as pessoas sózinhas, duvidam de tudo e todos e nem uma única relação de geito conseguem criar, no afã de se tornarem os melhores, os mais conhecidos, os mais populares. Por exemplo, eu, quando me sobe a tampa, não dou nenhum passeio filosófico nem me enfronho em livros, não telefono a ninguém, mas enfim, talvez tenha sido por isso, por não pedir grandes ajudas nem comunicar demasiado os meus sentimentos que me tornei um autor tão prolífico, o que talvez até não seja problemático. Tendo a ver nas constrições da minha mãe aos pequenos aquelas mesmas que ela usava a todo o tempo comigo. Muitos jovens se deparam com isso, com pais exigentes que depois acabam por estragar tudo, como foi comigo, ainda ando a tentar arranjar uma companhia e passo horrores sem o carinho de uma mulher, sem trabalho e sem dinheiro e o diálogo com a única pessoa que me poderia ajudar nem sequer existe, pelo que dá para calcular como me tenho sentido nestes últimos anos, sem dúvida alguma que mereço toda a felicidade do mundo, isto sou eu a falar mas que tenho razão, tenho. E paciência também tenho muita. Os meus últimos livros, quando não a grande parte deles mesmos, foram escritos sob o efeito de muito criticismo e maledicência a meu respeito, questioneei muita coisa, se tivesse entrado de rompante no campo da filosofia, desprotegido como estava, teria de certo cometido qualquer acto menos respeitoso para comigo mesmo. A

criatividade extrema dá para isto, lá estou eu a vangloriar-me, ou apenas a pensar comigo mesmo. Além do mais, o problema da felicidade tem a ver com a relação entre a forma como somos vistos e como nos vemos a nós próprios. É difícil encontrar o devido equilíbrio, a devida sustentação dos diversos pontos de vida, num mundo em que nem todos querem quebrar laços e enfrentar a metafísica, a fenomenologia, o transcendente, talvez por não terem coragem para estarem sós. São formas de querer, de crer, de acreditar. Há na nossa sociedade, coisa que vou defendendo onde posso, mas infelizmente nem um lugar de professor ou um convite para alguma coisa tenho, uma tentação da centralidade nos costumes na conduta, coisa que tem vindo a melhorar, mas creio que tal tem a ver com todas as sociedades, todos os grupos, se é que ainda se aplica o conceito de grupo às associações de sujeitos mais ou menos diversos, ou seja, a reiteração de um comportamento heterossexual e hegemónico, muito favorecido pela indústria do cinema e também da pornográfica, já agora, mas também na imprensa, na literatura, na música. Normalmente, o heterossexual não consegue compreender o homo ou o bi, mas o inverso também é verdade, a cada um sua natureza, que vai mudando, desde papéis mais activos a mais passivos, desde miúdas que gostam deles agressivos como se precisassem a todo o momento de defesa territorial. Podemos, esquematicamente dizer que uma mulher não é nunca cem por cento mulher, nem um homem cem por cento homem. E o que é ser homem? O que é ser mulher? Eu não sei, quando vejo andróginos percebo que a natureza humana é do mais belo que é, pois o ser humano pode não ser somente fisicamente belo, mas ainda mais belo usando a linguagem, a arte, o simbolismo. Nisto está a riqueza e a eternidade do mundo... Sim, ainda há amor para a humanidade e cada vez mais para a família, pois juntei e acumulei muitos equívocos e má vontade de que me tento agora desfazer a todo o momento e como precisaria ou mesmo não de estar em Nova Iorque pois não consigo

chorar aqui, preciso de me pacificar e fazer o resto da jornada. Rejeitado por muitas mulheres, teria dado um bom marido, mas prossigo, sempre aberto para o amor... Depois fiquei pensando nela e adormeci na cama do tempo, sentindo a sua corporeidade e seu espírito experiente, habituado a lidar com situações difíceis, como os meus velhotes, a vida é assim, um presente embrulhado, tal como os nossos pensamentos em época mais ou menos balnear, *au-delà* de uma certa filosofia. Um destes dias, vou fugir para dentro de alguém e não quero mais saber de nada. Sim, queria rasgar daqui de onde estou, deste cenário, mas quanto mais penso nisso mais a minha cabeça anda à toa, de modo que me vou vingando em certas e pequenas coisas, sem chatear muita gente, prossigo a minha caminhada e afinal, de uma maneira ou de outra, com ou sem trabalho, constituo um esquecimento da memória, e prossigo singrando. De modo que andava assim no quotidiano, entre uma música dos Ace of Base e a proliferação mental ante um copo de Grants, um pouco ansioso, porque queria e sentia que podia, dar mais, mesmo depois de a pequena me ter aplicado um corretivo. Mantinha a minha tese relativamente “exposta” num site académico, recolhia os meus cinco exemplares da minha “Antropologia Filosófica” e o sentir, o sentimento, da filosofia, ajudava-me a sentir-me bem, ainda que ligeiramente tivesse de postergar certas coisas, de modo que não tinha absoluta pressa, como antes, de entrar de novo no mundo académico, inscrevi-me de novo na faculdade de Letras e mantinha a minha inscrição na New School. Já tinha um título para o novo livro, o que não era comum em mim. Seria “Baixar o Céu”...Depois, salta-me a tampa: como é que sustentei toda esta situação durante tanto tempo? Como é que, apesar do mérito, continuo falido? Poucos antropólogos teriam ingressado na psiquiatria na qualidade de doentes e poucos teriam passado o que eu passei, cá e em França. Isto é um grito de angústia? Não, de revolta, porque na realidade não vejo nada, tudo me puxa para trabalhar quando se calhar não tenho mais forças, de tanto dar, gaijas

doidas e eles pior ainda, mais o filho do Tomaso que se julga bom, e que tem a seu lado uma loira burra, como o são a maioria das mulheres, só respondem pelo dinheiro e pelo camandro, esta geração de emigrantes está doida, muito mais doida do que a Filomena Cautela e o Alvim, mais doida que o ratinho do segundo esquerdo. A maioria das pessoas que têm trabalho estão maradas da cabeça, esforçaram-se para provar ante a sociedade que são bem sucedidos e agora passavam a vida a chatear os outros, estão com a neura, a minha irmã é uma delas, juntando o seu querido marido moderno, porque sobretudo a vida de escritor (artista) exige a maleabilidade mental e sentimental que muitos não têm, passar fome, estar sem dinheiro, e ainda por cima ter criatividade para criar uma obra artística, não é para poucos. Pessoalmente, tenho obra, talvez não devidamente reconhecida, tenho uma tese e o que não tenho é dinheiro, mas solidão tenho muita e isso inspira-me cada vez mais e ainda quero ser professor de Filosofia (cosmo-lógica) e ir a Nova Iorque, pouco mais quero, mas mesmo que isso não aconteça não me chateio muito, continuo a produzir, embora a vergonha seja cada vez maior, não minha, mas de muitos que andam aí. Há algum destino nisto tudo? Eu vejo são movimentos aleatórios de corpos que se chocam, cruzam, entrecruzam, e cada vez mais bobice e poucos pensam devidamente e os que o fazem talvez nem devidamente o façam, porque, em minha opinião, também estão cegos, como Saramago dizia...

Mas sim, não tenho aqui patenteada nenhuma verdadeira história, nem uns tantos ou quantos personagens, talvez apenas responda ao apela da realidade, da minha realidade, desenraizado na minha própria terra, entre mais um café no Alcamen ou no Jardim, entre uma fracção de tempo e um instante de raiva provindo de alguém que vejo, um antropólogo retido numa aldeia e ainda com vontade de conhecer o mundo, agregado a um pai que não quer saber e a uma mãe que o contraria a todo o tempo. Ainda que tivesse passado uma vida a ler, não terei perdido a vida, creio que uma experiência da vida ao lado de outra não é assim tão diferente, há os mesmos sentimentos, as mesmas impressões, os mesmos magmas espirituais ou ontológicos. Não creio que a vida se reduza ao Nada, segundo a mensagem de Nietzsche, nem creio que o problema do homem seja o suicídio, acredito em algo mais que está à frente e nos puxa Além... Depois, violência não se combate com mais violência. Isto a propósito do excesso de certas telenovelas de agora. Muitos actores e produtores, bem como guionistas, continuam a insistir num registo que acentua o posso-querer-e-mando nas relações, eu sei que é para criar intriga, mas as pessoas levam o caso para a realidade, nisto não há pedagogia nenhuma, só se acentua a burrice e a ideia de que vale tudo na vida de modo a singrar, a constituir carreira, a ideia genérica de que o Outro nada vale e deve ser abatido, a ideia de vertigem e de espiral sem sentido algum que a lado algum conduz. Era noite, o café estava cheio, passei ao largo e fui ao outro, onde bebi uma soda a uma antipática *waitress*, um homem sem perna fumava um cigarro e dali a pouco a gasolina começou a arder... Sim, estarei desvelando, descobrindo, a minha vida, enquanto procuro fazer alguma coisa em relação a alguma coisa. Em tudo isto, nada, nem uma menção, um convite para alguma

coisa...nada, e talvez não valha a pena esperar por isso ou fazer algo contando com isso. Na verdade, estava a acondicionar um espaço que não era meu, que não me pertencia e ao qual não sei se alguma vez iria pertencer. Daí o meu incômodo, a minha inquietação. Ainda assim, tentava algum tipo de comunicação com o meu pai e tomava uma pose de protector, ainda que ninguém me havia pedido para o fazer. Entretanto, quase me deito, estou cansado de todas estas coisas que me afligem, das críticas, ofensas, discussões, a minha irmã quer esquecer-me à força, acha que nada vale manter a amizade comigo, a relação de irmão, eu não discuto isso demasiado, vejo nela um olhar e um tom frio, bem como na minha mãe, como se não gostasse mais de mim, ligo ao meu irmão para falar um pouco com ele e vem com um discurso corretivo que não me agrada, enquanto o meu sobrinho está desde as dez da manhã a jogar no computador. A vizinha chama-me tarado, passo pela frente do outro vizinho e chama-me também qualquer coisa, páro e sigo caminho. Depois, pensei, a meio da noite, que não queria ser conhecido, que poderia compor as diversas peças do meu pensamento a meu bel-prazer entre Riachos e Lisboa e via nisso uma forma suprema de prazer e felicidade.

Chegava mais uma vez a Lisboa. Tentava anular qualquer forma de mimetismo no meu olhar, arrependia-me de certas coisas que havia dito, ou não, talvez isso tivesse modificado a realidade no bom sentido, em certo sentido a meu favor, pois então, que a minha irmã já me estava mordendo os calcanhares há bastante tempo e, de uma maneira ou de outra, encontrei-me solto da antropologia e ciência social e entregue à mais pura forma de literatura, em certos de contenção, ao exercício de escrita mais ou menos diletante e divertido e ainda assim, pensei qual seria o registo próprio do antropólogo, que muito abjetavam e a quem não eram capazes de oferecer uma mulher, talvez fosse por ele estar na sua própria sociedade...Sim, o que seria ser antropólogo, quando os

filósofos faziam um sem número de exercícios mentais, pelo menos os portugueses, que pareciam levar a nada e que talvez fossem apenas exercícios, nada mais, nada...mais...A questão é que eu não tinha que saber tudo, nem sequer queria saber tudo, apenas acabar este livro e prosseguir a minha aventura que, nada mais era do que literária. As minhas pretensões de arranjar miúda no meio caminho entre Lisboa e Riachos estavam goradas há bastantes anos. Lisboa desiludia-me, sabia que as coisas passavam de boca em boca e eu nunca era bafejado com sorte ou alguma devoção, sem no Alto de São João, nem na Expo, tem tão pouco aqui, suponho que seria em parte por andar só, por não ter a inspiração à superfície da pela, por simplesmente ser o melhor, no mais diversos campos em que estendia a minha santa sapiência. Era terrível, chegar a casa e estar todo o tempo a falar sozinho, a pensar sozinho, não ter com quem ir até ao Lux, ao Bairro Alto, às Docas...Falo com o meu irmão e isso preenche-me o vazio deixado pela solidão. Sei que poderia perfeitamente ser professor de Filosofia no ensino superior, mas por uma razão ou outra tal ainda não aconteceu. Talvez, para mal ou bem da sociedade, isso nunca venha a acontecer. Talvez isso reflita apenas uma maneira de ver a Filosofia ou de ver a sociedade, ou de nos vermos a nós mesmos, abertos e tanta porcaria e no fundo pouco cientes de nós mesmos...

Acordo, posso dar ou não valor às vozes, mas o certo é que não gostam de mim por aqui, por isso estou na situação em que estou, com necessidade de me safar todos os dias, de lutar todos os dias. Depois de tanto sofrimento, ainda tenho de trabalhar, ao contrário do que pensei, as pessoas não vêm nada de especial em mim, a minha imagem decaiu porque não só não cumpri certas coisas como também o meu comportamento não alinha com o dos demais. Uma situação contra a qual lutar não parece ser a melhor solução, esquecer, distrair de toda a situação e continuar a viver, sobreviver, triunfar, como se não fosse nada comigo. Lá na aldeia via-me a braços com situações cada vez mais ridículas, tendo que me implicar com certas pessoas que me desconsideravam, mas isso também era culpa do meu pai e dos seus amigos, tendo de reafirmar a todo o momento a minha posição. Saía de casa e ia até ao café e pouca gente se metia comigo, a não ser uma ou outra, como Amélia, que sempre perguntava por mim. Quando me manifestava mais veemente apareciam logo dois ou três coelhos saídos da toca. Não conseguia deixar de pensar na aldeia, nem seria bom que o fizesse, enquanto em Lisboa, prosseguia com os meus dias, na qualidade de certo incómoda de psíquico, médium ou coisa parecida, que eu podia usar a meu favor, coisa que não fazia, pois tinha força física bastante para me defender de qualquer ataque ou ofensa, como acontecia quase diariamente. Em outros tempos, Lisboa era uma cidade mais acolhedora, sabíamos ao certo que nos iria ou não acontecer. Hoje em dia, está cheia de gansos, garotada que aparece de lado nenhum e transforma a cidade numa feira, eu em certo sentido até acho piada a isso, mas por outro lado não, de maneira nenhuma. Por vezes escrevo o que me agrada, e tal distingue o bom do mau escritor, outras vezes fico pensando se a

independência de pensamento, o pensar pela minha cabeça, tem qualquer coisa como uma consequência que seja o ostracismo e o abandono, isso acontece comigo. Por um lado, na minha vida, eu representaria a nação, a portugalidade, e todos olhariam para mim como se fosse uma referência, mas, por outro, deixam-me ao abandono, simbolizando um Portugal abandonado. Estranho povo e sangue este, que anda aos magotes, que não dá valor às letras senão depois da morte e que é fundamentalmente sanguíneo, as pessoas não têm o hábito de pensar, isso é mau, recebem todas as influências do ser americano e brasileiro e do inglês, e do francês, mas não se concentram neles mesmos, no valor que tenham, que eu sei que têm, no facto de serem, de sermos, um povo singular, com uma história única e nem sequer reivindicamos isso como valor intrínseco, como que o vendendo aos turistas...

No fundo, acho que a minha obra é bastante importante, não somente no contexto da literatura portuguesa, mas anglo-saxónica e francesa, sobretudo porque não é seu cariz intrínseco impôr, mas passa despercebida. Enquanto uns estão descaradamente abusando de toda a espécie de direitos em termos digitais, metendo a carroça à frente dos bois, outros procuram fazer as coisas correctas, escolhendo um caminho, mesmo que esse seja o mais vagaroso. Numa corrida, nem sempre os mais rápidos vencer, especialmente numa de dez quilómetros ou numa meia maratona. Com as mulheres é o mesmo, os mais ansiosos e juvenis tremem em seu frémido sexual, apanham as primeiras, que são as piores, mas não apanham as últimas que são as melhores. Os velhos corruptos apanham as melhores putas mas não apanham as mais novas, porque a mais nova quer compromisso e entendimento, quer perceber até onde o homem pode chegar. No fundo, a gaja, como o gajo, não gostam da perfeição, abominam-na, gostam da decidívia, do enagno, da ilusão. Assim são a maior parte das pessoas, quanto à crença e ao conhecimento de si mesmos e dos outros, não pesquisam, porque esse caminho é para poucos e cheio de privações, preferem a ilusão e o obscurantismo. Muitos turistas vêm até nós antes de rebentarem das costuras mentais, não aguentam mais nos seus países, numa lógica do lucro e do ganho, vêm descobrir se há mais alguma coisa para além disso, do capitalismo liberal, seja, mas não há, pois os daqui procuram ir pra lá e o meu caso é disso exemplificativo, ou pensas que eu ia a Nova Iorque para conhecer os locais. Cheguei ao fim da tarde, o jogo do Benfica estava empatado, com saldo positivo do meu clube na eliminatória, estava com fome, tinha comido um pastel de nata e duas bananas, havia ido correr, por momentos deixei de pensar na falta de emprego, de carro e de mulher e

deixei-me adormecer na cama. Por vezes pensava que estava puxando demasiado por mim e pelos outros, nomeadamente a minha família, quero dizer, em nome da filosofia e da antropologia, mas creio que os meus contemporâneos e conterrâneos não esperariam outra coisa de mim. E sentia-me bem em Lisboa, nunca tinha arranjado grandes problemas por lá, nem sequer muitas chatices, sempre houvera trabalho e se eu não o tivesse consigo talvez tenha sido por opção, pela minha atitude um pouco indomável, indomesticada. Sim, decerto que a minha personalidade era bipolar e eu mesmo não estivesse vencendo uma situação de certo modo adversa. Que fazer nestas situações? Que farão outras pessoas quando perdem um ente querido do qual dependiam? Quando contraem uma doença grave como o cancro, quando são atropeladas, quando as suas casas estão incendiadas por um fogo atroz? De algum modo, não somente a sede de realização, mas o modo de vista liberal capitalista, acaba por nos retirar espaços de respiração, como acontece também nas economias colectivistas. Tem de ser o governo, os representantes políticos, a gerir tudo isso e não vejo mal que sejam muito bem pagos, por outra a tarefa não seria nobre. Não concordo com o tipo de governo dos países nórdicos, onde tudo é experimental, digamos, face ao género humano, tudo previsível, até as vitórias do futebol, como aconteceu com a Dinamarca creio em 92... Até a diferença é policitamente combinada.

Talvez não tivesse todas essas coisas, mas tinha algo de muito mais valioso, a vida e o espírito crítico, vira na tarde o Salvador, aquele jovem que se ocupava de obras beneméreas e não me parecia zangado, vira um rapaz maneta do lado direito e pensei „não se pode estimular“, tem de usar os pés, como aqueles artistas que pintam com os pés, por pouco tempo esqueci a aldeia onde ainda gostava de viver, depois de ter discutido com o sobrinho e com o inquilino do prédio, bem, talvez fosse tudo (apenas), uma questão de hormonas, talvez merecesse de facto discutir a minha tese na New School, ou não merecesse, mas continuava a esforçar-me, entre merda e respiração, como se estivesse na tropa dentro de uma fossa séptica tentando respirar, saltar dali para fora. Mas não estava, estava tudo mais ou menos controlado, estava numa condição em que podia ter tudo o que queria, como dizia a minha mãe. Mas mesmo não tendo, teria. E não tendo isso, teria muito mais, uns olhos, um rosto bonito, um sorriso, um andar, um correr, um escrever, uma forma de fazer as coisas que ia aperfeiçoando a pouco e pouco e, talvez, amigos, bastantes mais do que os meus detratores julgasse, daqueles aos quais não precisamos de prestar contas para que nos acompanhem a um lado ou outro. A polícia e as ambulâncias continuavam a ecoar por entre os prédios, miúdas e rapazes saíam das esquinas e procuravam, como eu enquanto ainda praticante da adolescência, agradava-me o facto de ser uma referência, embora não me chateasse muito com isso, era apenas um papel como aquele do americano que vira à entrada do metro. Por vezes, pensava que as pessoas, nomeadamente as miúdas, tinham medo de mim, que eu as assustava, decerto estava ficando desactualizado, toda uma energia societal se libertara com o governo do socialista Costa e com a maneira de ser do Presidente Marcelo e, depois de pensar que seria a vez

da direita fechar a comporta da barragem, percebi que nós, socialistas, percebíamos melhor do assunto, evocando uma dualidade entre direita e esquerda em termos da repartição de cientistas sociais. Sim, pressentia e creio não estar errado, que as universidades mandavam cada vez mais e isso não só era ótimo como se aproximava do ideal. Mas, estando com imensa fome e sendo ainda nove e meia da noite, não conseguia dormir e tudo isso legitimava o modo como eu vira Lisboa mudar nos últimos vinte e nove anos, muita gente nova e velha que faz o que bem lhe apetece, trabalhando ou não e mesmo na vida escolar e literária, vidas sem firmamento e sedução, emsombreadas por referências a que se agancham, em o mínimo de reflexão e ponderação, talvez por isso precisem de viver em grupo, para se enconstarem uns aos outros quando o pássaro anuncia mais uma morte no horizonte e a igreja toca o seu sino, se o houver.

Depois descobri outra coisa acerca da inteligência dos ocidentais e seu pretensão racionalismo. Einstein dizia que só ocupamos noventa por cento do „espaço“ do nosso cérebro. Ainda bem, diria eu, quero dizer, essa parte não está „desocupada“, lá estão os nossos sonhos e a maior parte das nossas estruturas mentais que nos permitem sobreviver. Einstein não conheceu senão a vida académica e a sociedade, felizmente, não está dividida entre académicos e não académicos, é na vida banal, no quotidiano, que se descobrem os matizes admiráveis da natureza humana e, digamos, mais, convenhamos, a antropologia faz isso como ninguém. Fosse como fosse, não conseguia dormir e enquanto tinha estes pensamentos bem vivos no meu espírito, acabei por sair da cama, onde não conseguia dormir, depois de o Benfica ter passado mais uma eliminatória na Liga dos Campeões, com golo de Eddison, para preparar um arroz, depois de ter tentado as panquecas com a farinha que tinha, que não conseguia fazer pois elas saem boas apenas com leite, sim, a culinária sempre fora o meu maior lado de artista, não a literatura. Acreditar, acreditar muito e a todo o momento, os nossos sonhos podem realizar-se, disso não há dúvida alguma, procurar uma luz dentro do nosso espírito para conseguir ter aquele *boost*, o *push* que nos leva mais adiante. Cansativo? Penoso? Cruel? Sim, mas ninguém nos pediu para nascer, nem os nossos pais, embora tenho contribuído para tal, nem os outros têm culpa de termos nascido (olho para o jovem de baixo que repete sempre as mesmas palavras acimético de uma grave doença) e nenhum mal vem ao mundo haver pessoas diferentes, muito pelo contrário, é toda a questão que eu falo desde 95 da diferença cultural e psicológicas nos humanos.

Talvez, devido à nossa a-tenção face ao sexo, nos preocupemos menos com os outros, ou então a nossa preocupação com os outros passa única e exclusivamente pelo sexo. Sexo é como a fome, como a comida, precisamos dele. Por mim, já vai em seis meses sem conhecer mulher, suspeito que me estou tornando agressivo devido a isso e, em certo sentido, essa forma de *non-accomplishment* importa aos meus pais, que queriam merecendo ver mais festa, mais alegria, mais celebração. É vítreo então o meu olhar, o meu jogo, por vezes perco a esperança e penso-me vagueando num bote em alto-mar sem amor, sem o amor de que preciso para continuar...e então a minha atenção passa para a juventude, os alguns amores que tive, a paciência e chatice em ganhar dinheiro, mesmo tendo trabalhado, em Lisboa, inclusivé, toda esta forma de superar a solidão que é a escrita. Como, então um pouco de arroz, ponho piri-piri para lhe dar sabor e fico com a boca a arder, penso numa e noutra coisa, tenho a televisão ligada, dói-me a cabeça e só a ideia de ir dormir me incomoda, mais ainda, mas a minha esperança tem sido inabalável e na verdade acredito nessas coisas cósmicas e do *karma*, alguma coisa vai acontecer e eu procuro nem sequer saber ou prever o que será...Talvez, entre nós, não demos a devida atenção ao sexo e como com ele poderíamos encontrar porventura a felicidade e nisso a resolução de muitos dos problemas que nos apoquentam, talvez porque o sexo se tornou banal muitas pessoas se desinteressaram dele, mas é tácito para todos o seu valor na busca de bem-estar, dignidade e felicidade. Muitos são considerados tarados, segundo as diversas sociedades, outros desprezam e humilham as mulheres porque não sabem enfrentar um macho à altura e inclusivé devido à sua homossexualidade latente. Todo

o motor do cinema americano sempre foi a sedução, o sexo, mais ou menos velado e talvez tenha sido esse investimento na emoção (porque o sexo é emoção) que terá guindado essa sociedade capitalista para o predomínio mundial. Porém, nisso os portugueses foram melhores, porque conheciam os locais, foram inclusive melhores do que os ingleses. O segredo da sobrevivência de qualquer humano está na sua adaptabilidade, mais do que na força ou na inteligência, muitos são camaleões e embora pareçam chineses, por exemplo, são na verdade americanos ou timorenses. A própria identidade nacional vai fluindo, tal devido aos movimentos migratórios... Para além da injustiça de que era alvo, por opções ético-ontológicas de várias ordens, tentava levar o dia-a-dia conforme podia, era feriado e havia falado com o meu irmão, no fundo percebia que o que me tinha levado à religião era o mesmo que me detinha aqui, enquanto antropólogo, enquanto testemunha de uma vida mais ou menos animada, mais ou menos mimada, mais ou menos minada. É certo que não tinha conhecido ainda nenhuma miúda desde há seis meses e vivia um pouco clandestinamente, cansado do meu pai, cansado de muita coisa, mas procurando lutar, sabendo que na vida nem sempre estamos lúcidos, precisamos inclusive de estar bêbados para nos regularmos e eu ia até ao aeroporto como visão de futuros dias na América, disso era mais do que certo, e o meu pai não me deserdasse.

Pouco a pouco, nesses dias, fui-me acomodando a ideia de que teria de arranjar emprego, de modo que fui continuando a procurar, ao invés de ir todos os dias sacrificado a pé desde o Saldanha até ao Terreiro do Paço. Decidi não investir muito mais na ideia de América, até porque não tinha emprego e não podia fazer depender essa ideia e os meus projectos de uma eventual futura morte de um dos meus pais, simplesmente não queria isso. Ainda assim, continuava a respirar com o dinheiro da minha irmã. Sentia que tinha ido bastante longe nos meus pensamentos, mesmo depois de fazer a barba de cinco dias que tinha deixado acontecer, com o cabelo grisalho um pouco acastanhado, o que por um lado me dava um ar atraente, por outro me poderia fazer parecer um tarado. Eu procurava resistir às críticas, ainda que só, mil e uma ideias povoavam o meu espírito e ainda que tivesse caído nessa noite, levantara-me, como me levantara sempre. Mas não podia confiar nessa ideia e nessa vontade, apenas fazia o que fazia a cada momento. Convites, observações, muito poucas, o povo de Lisboa revelava-se invejoso, hipercrítico e hiperexigente e não tinha absolutas razões para tal. De certo modo, eu percebia perfeitamente a cultura chinesa e os chineses, embora menos bem os japoneses e coreanos, do norte demais para mim. O meu espírito era, de algum modo minucioso sem ser criminal, eu como que me divertia com os tempos que estava passando por ali, em Moscavide e com a falta de sorte dos meus diversos livros desde há dois anos. Sabia que um escritor tinha de correr riscos, de suar, eu fora antropólogo, sabia disso perfeitamente, por vezes as pessoas, as culturas, quando procuramos a certa antropocena, pregam-nos partidas, ora pelo que somos ora pelo nosso comportamento, no desvio algo esquizóide para uma lateralidade visível da natureza humana. Depois, numa desses dias,

em pleno fogo na mata de Oeiras, percebi que o jovem escritor e sua musa não mais haviam aparecido no prédio da frente. Eu via-o sempre a trabalhar desde há dois meses e a persiana estava baixada. Mas, bom, ante a multiplicidade da multiplicação dos factores de observação, temos uma dificuldade em encontrar critério, como no futebol, na verdade, pensei, talvez fosse mais antropólogo nesses dias do que aqueles que haviam estudado o Rossio como zona „densa de tensão“, publicado na Análise Social, porém, não me movia nenhum espécie de sentimento de vendetta face a revistas ou academias, fossem antropológicas, fossem sociológicas. Apenas fazia alguma prosa e talvez quisesse fazer apenas isso ao longo da minha vida, pois estava ficando sem corpo para viagens etnológicas, além do mais, esquecera a academia de uma vez, ainda que tivesse um grau, mas opções existenciais e epistemológicas haviam-me guindado para ser o que sentia ser...o melhor escritor português vivo.

A meio da tarde, tinha uma relação bipolar para com a minha cidade: por um lado, gostava dela como de uma noiva, por outro, odiava-a por me ter traído, por não andar no meu artil e porque é que temos sempre de ser inventivos e não podemos tomar uma posição de força? Porque é que não podemos ser ditatoriais de vez em quando, porque é que temos de andar sempre com o semblante leve, em vez de carregado com as responsabilidades teóricas da possibilidade de ser humano? O carro da polícia passava, ou de uma ambulância, não sei bem, perdeu-se muito espírito de comunitarismo nesta Portugal globalizado, abrimo-nos demasiado neste últimos dois anos de governo socialistas, há muita produção literária e científica, liberalização dos costumes, os padres podem ter filhos, os ex-seminaristas podem fazer *gangband*, este livre arbítrio da sociedade capitalista é uma forma de ditadura? Uma forma de admitirmos que nem dEUS nos pode valer ante a contingência humana? Quero não acreditar que seja preciso tomar droga para se ser grande escritor, tomei uma mais fortes, a religião e a antropologia. Procuro não me defender, dizer apenas o que sinto e penso nos correr dos dias. Aqui e ali, em nome da antiguidade e do classicismo, esquece-se e esconde-se muita coisa, coisa que não faz sentido esconder num século XXI. Estaremos a regredir? Sim, por outro lado, muitas coisas se desvelam, o espírito humano, coisa mais ciclópica e insidiosa, coisa nada surpreendente pois se promove pelo egoísmo em todos os organismos...Os dias e as pessoas não me tiravam a alegria de viver...mas eu pensava....isto é que é um país inclusivo? Um país onde estou desempregado desde os trinta e cinco anos e que não me dá emprego? Um país que vive de cunhas e favorecimentos, que é praticamente uma aldeia, onde toda a gente se conhece, onde uns e outros se encontram a uns e outros, haverá filosofia

que resiste? Sim, porque a filosofia, mesmo a da técnica, é feita por famílias privilegiadas de Cascais, de casais mais ou menos conservadores que obedecem a tudo o que os autores dizem e que nada de criativo imprimem nesse território, de escrita, de reflexão, de diálogo.

As pessoas com quem nos cruzamos na vida têm sempre alguma coisa a ver com o que somos. Não peças demais, pede mais. Deixei a televisão ligada e fui para a cama, o pc também ficou ligado para o caso de me querer levantar para pontuar aqui uma ou outra ideia. É uma estratagemas meus, deixar-me adormecer um pouco e acordar logo de seguida. Costumo ter as minhas melhores ideias nesses momentos. O meu coração encontrava-se numa certa estância lodonal de onde só podia sair quando franqueasse a entrada da porta de casa, havia dias que ninguém me telefonava, bastantes mais que ninguém entrava em casa senão eu. Mesmo que estivesse ali há pouco mais de um ano, mesmo que me expusesse, mesmo que andasse pelas ruas e fizesse algum alarido no facebook. Nada parecia chegar, no entanto eu continuava a esforçar-me. A minha falta de êxito tinha a ver talvez pelo facto de ser diferente, talvez pelo facto de ensaiar uma certa ideia de América, talvez pelo facto de não haver sequer uma razão para estar sózinho, mesmo que estivesse mais uns dias em Lisboa do que o previsto. Seria estigma, como dizia o meu irmão? Isso só me dava autoridade, adorava o jogo das falsidades sociais porque me levavam a perceber como não só as pessoas se comportavam, mas o seu discurso, numa oscilação teórica entre escolas americana e europeia. A minha doença atacava segundo os dias e eu sentia-me, mais do rejeitado, ostracizado, por uma vez que fosse queria a fama para deitar tudo cá para fora, para virar a cidade do avesso e ir em minha justiça...

Depois, percebi que a arte não chegava, estando eu dentro ou fora da doença, seria preciso arte com desporto, porque normalmente o artista procura uma certa forma de perpetuidade de si mesmo enquanto génio, onde o desportista, não sendo profissional, não procura. Depois, no metro conheci os meus algozes, aqueles que em solo americano me iam supostamente tratar da saúde. Eu sabia que, quando lá chegasse, estivesse o tempo que estivesse em solo americano, teria de falar o menos possível, o que não seria fácil pois eu sempre fora um expansivo. Acontece que no metro comecei a falar com dois jovens franceses, em inglês e o tipo ouviu-me e disse que eu podia ser morto, tanto aqui como lá e desatou, com o tipo que estava com ele, a ligar para não sei onde. Sim, a coisa estava a ficar pior, a minha mãe não me queria em Riachos, ainda falava com o meu irmão e mais um pouco com a minha irmã. Mas estava consciente de que corria perigo. Que havia de fazer, se não era um espião, se não tinha interesse monetário naquilo que andava fazendo, se tudo isto não era apenas um livro. Depois pensei que seria uma armadilha de tipas, de muitas tipas contra mim e o facto de não arranjar miúda comprovaria facilmente isso. Estava isolado, tinha a minha escrita e a minha escrita tinha-me a mim. Procurava viver o quotidiano da forma mais saudável, escorreita e descontraída que sabia. Muitos e durante muito tempo haviam gozado comigo, da minha impossibilidade de viajar inclusivé, do meu á-vontade, da minha maneira de ser. A coisa não iria demorar muito tempo. O verniz ia estalar. Depois, tudo caiu, como se o real fosse uma encenação, como se a realidade se msiturasse com o âmago do meu pensamento. Há três dias que ligava para Manu e ele não respondia, pensei, podia estar morto, pensei em ligar ao meu sobrinho, pensei que ele era de boa cepa e estava em negócios com um e outro,

depois pensei em não ligar a ninguém e vi que estava a ser absurdamente burro, estúpido, inócuo, nem uma miúda nem emprego conseguia arranjar, já não falo do automóvel. Não me sentia nada antropólogo, dentro do metro ou no aeroporto, senti-me pequenino, sózinho e observado por todos, numa brincadeira de criança, quando nos roubam qualquer coisa nossa, um brinquedo e se fecham em copas, não a querendo dar. Havia qualquer coisa de halo nisto tudo que descrevo, quando temos um calafrio na espinha, talvez andasse assim toda o resto da minha vida escrevendo... De certa maneira, tornava-me previsível, estúpido, para poder encontrar a felicidade, se bem que, a meu entender, a felicidade não tem nada de estúpido. Não perguntem porquê: acontece que fui escrevendo, escrevendo, escrevendo, e não preparei o futuro, sempre esperei que o amor surgisse ao virar da esquina, por assim dizer, mas tal, quando aconteceu, revelou-se um flop, depois persegui-o com ardor e parece que me escapou, embora o desejo sempre persistisse. Fui ao café e vi logo o olhar de ódio de dois cromos que estavam ao canto. Não têm nada, se calhar é inveja, só pode ser, enquanto as pessoas insistirem na competição, como é apanágio de algumas sociedades, não vamos longe, ficamos a meio caminho, mas talvez o ideal seja um sistema misto, porque todo o homem gosta de uma boa resinga, especialmente aqueles mais agarotados de nariz pontiagudo. Depois, percebi que passaria mais um dia e uma noite com fome; almoçara no Burger King e não tinha nem dinheiro para comprar uma lata de atum para fazer um arroz para noite, de modo que nem sequer sairia de casa nesse dia, pelo que as considerações filosóficas não seria nada mais do que alucinações extemporâneas. É a vida, diz-se.

A minha vida estava se tornando uma total seca, e o problema não era a filosofia, o facto de estar sempre a escrever. O frigorífico estava sempre vazio, havia dias que passava fome, sede nunca. Tinha sempre algum tabaco, dispunha o dinheiro que a minha irmã ainda me dava de uma forma um pouco arbitrária, gastava-o em cafés e bolos um pouco por toda a cidade, talvez como estratégia para meter conversa com as pessoas. Talvez essa situação de carencia de relações fosse o reflexo de algo mais profundo, que de uma forma ou outra eu descreveria, talvez fosse uma forma de esquecimento ou ostracismo, talvez. Mas eu não levava isso a sério, onde muitos faziam guerra, eu retirava-se e ficava em casa, pegando num ou noutra livro, vendo algo útil na televisão. Considerava ainda, que a antropologia seria um caminho para se ser feliz, embora nem todos os antropólogos, a ser verdadeira esta minha asserção, tivessem consciência disso. De modo que descrevia o que me acontecia e não acontecia, ganhando cada vez mais vontade de ser discreto e compassar com o andar do mundo, pois ganhava consciência de um certo número de coisas anquilosadas e outras novas que decobria a cada momento. Ainda que a minha percepção estivesse por vezes afectada pelo meu percurso psíquico, a minha identidade cultural também sofria mutações, eu adoptando uma atitude ora mais americana ora mais brejeira, no sentido português, mas creio que ambas as posições me faziam sentir muito bem, ainda que saísse em prejuízo das relações com os meus, ainda que alguns me chamassem de tarado, paranóico, e várias outras coisas. Em muitos meses, nem uma relação, nem um incentivo, mesmo da família, em dois anos de produção literária e científica, onde a minha coragem tinha sido posta à prova talvez mais por autoimposição do que por conselho dos outros, para me tornar o escritor profissional que sou todavia. Depois, talvez finalmente ao fim de tantos anos percebi

que os filhos talvez tenham o dever para com os pais de mostrar serviço, ou seja, de certa maneira, ideia talvez bastante reaccionária, têm de lhes dar contas do investimento que são. Sabia que mais tarde, mais cedo ou mais tarde, iria concluir isto mesmo, antes ou depois de os meus partirem, via na cooperação e na competição duas formas de o ser (humano) se realizar, ou seja, talvez estivesse finalmente entrando no espírito de Laín Entralgo ou de Zubiri, ou mesmo de Ayer ou Adler, mas também de Erich Fromm. As minhas obras não conheciam sucesso, naqueles tempos a leitura, como a escrita, era resultado de modas, como tudo na vida que vale a pena, por isso também a minha condição de user da mão direita talvez fosse apenas uma moda, ou seja, uma coisa que vai e vem, enquanto o pau vai e vem folgam as costas, digamos assim. Havia na atitude de certo português uma forma de despreendimento de tudo o que é cultural, mais, intelectual, esforçado, enquanto que o americano estava sempre à procura do furo e da excitação, de ser o melhor; eu preocupava-me com o quadro de vida da minha existência, os meus, os meus amigos, um tanto ou quanto de gente que me era cara, não tinha de lutar muito mais para fazer história, seria talvez no final uma bela e feliz história, bastante triste pelo meio, mas eu não podia fugir disso, como no sonho. Hoje em dia, a miúda quem o homem pelo dinheiro que tem, pelo carro, pela maneira de falar, não tanto quanto pelo que diz, há sempre alternativa à americanização, claro, pois é um modo de vida em termos de poço sem fundo, a meu ver, deste lado do Atlântico.

Por vezes tenho um tal vislumbre das coisas que me assusto, sou demasiado fenomenológico (logo, não compatível com o meu pai Escorpião), por isso prefiro estar um pouco a ver parvamente televisão. Bebo um café deslava, com umas pontinhas de açúcar, vejo „Isto é Arte“, que fala da forma como uma moça arranjou de superar o seu OCD, pintando o mundo com as bolinhas que via na sua cabeça o mundo em redor. Está, neste momento, numa instituição, eu não estou, por isso dou-me feliz com o comprazimento na vida que tenho, podendo sair para passear, eventualmente trabalhar, estar aqui a escrever, ver televisão, fumar um cigarro, muito à custa da minha irmã, por isso cada vez mais me calo e procuro ser feliz interiormente na minha vida. Amanhã é dia de limpeza geral progressiva, desde as retretes à cozinha, até debaixo desta mesa sob a qual escrevo, passando pelo quarto, que está um ninho-nicho, até à sala, cujo tapete acumular gérmens e substâncias cancerígenas, disso sabe a meninda chinesa que passou por debaixo da porta enquanto esta em casa, sim, ainda me chamam pedófilo, mas eu não desisto dos pequenos, pois eles são o futuro, todos aqueles que procuram referência e orientação deveriam virar-se para os mais muito com a minha sobrinha, gostava até que fosse antropóloga como Margaret Mead. O jovem escritor e sua musa ainda não tinham aparecido, a persiana estava fechada, lembro-me de diversas coisas, da minha extrema necessidade de sexo, sempre, da forma como me entrego exigentemente à escrita, da forma como admiro e imito em geral todos os actores, da forma como evito realizar um filme porno, da forma como meu pai aparece e me surpreende masturbando-me em pequeno, da forma como nunca sentia desejo pela minha irmã, no entanto sentindo sempre, na forma como lido com o meu irmão-quadrado, nas crianças e no seu mundo, na marginalização dos antropólogos portugueses, não da sua

antropologia, que me influencia, da Igreja, da economia, da troca e do simbólico, de tudo e mais alguma coisa passando por dentro de uma ampulheta que se chama Tempo. A pouco e pouco, embora com sono e cansado, fui desistindo de insistir, „mudar de vida“, como diz a canção e comecei a perspectivar os meus dias de outra maneira, eventualmente deixar Lisboa, não sabia ainda sob que forma nem para onde, teria de pensar um pouco, talvez uma oportunidade de trabalho noutra lugar e deixar a casa na cidade para toda a família usar, quem sabe o meu sobrinho, esquecer a Baixa, o Oriente, mesmo que ainda estivesse à espera do resultado de duas ofertas de emprego, sim, parecia um chinês em plena praia ocidental, o preço de me abstrair de certas coisas era pago como troça e solidão e, de algum modo, eu queria fazer face a isso, muitos portugueses não me tinham dado amizade por simplesmente não concordar, não alinhar com ele. Com o facebook desactivado podia dedicar-me a pesquisar e aprender mais sobre a música, eventualmente sair mais de casa, deixar de ver o mundo através do sofá da sala...dedicar-me um pouco à escrita, à filosofia, à reflexão, ao universo da inteligência. Talvez devido à minha condição de cientista social, ignorado pela academia, mesmo por aquela que pratica a filosofia, a minha mãe e a minha família era alvo de troça, como se eu não tivesse nem pejo nem subjectividade. Isso não era novo para mim, em Riachos haviam-me feito várias macaquices, o meu pai não me admirava particularmente por isso, ou por outra coisa qualquer, a minha mãe não percebia a extensão dos meus sentimentos por ela e para com os outros, é claro que odiava alguns sujeitos e sujeitas, mas o mundo estava assim, muito sexo e pouco juízo. Inevitavelmente, os mais ajuizados estava, pasme-se, fora do circo, fora da sociedade, nos conventos, nos manicómios, nas prisões. E em mais alguns outros lugares, como festivais de verão. Mas o que é normal e o que é patológico? Ninguém sabe, ninguém algum dia saberá cabalmente, julgo. O enigma do futuro

do homem talvez resida no universo do mental, na forma como uns homens se julgam hiperinfluenciadores e outros se julgam burros, na forma de ver o que o homem fez daquilo que o distingue dos restantes seres vivos, a inteligência, sendo que na maior parte dos casos anda meio mundo a tentar convencer o outro meio mundo de que está certo, de que é essa (a sua) a forma de se comportar, de pensar, de falar. Será que, como autor, como actor, social ou artístico, havia saído da realidade? Será que estava fora da realidade? Estaria alienado, finalmente, para evitar sofrer devido a alguma tragédia, própria ou alheia? Um interrogação que me faz lembrar o jovem filósofo com quem me cruzava na Expo, depois de ter visto o segurança que andava sempre atrás de mim no Pingo Doce.

Podia rebelar contra a cidade devido à minha falta de correspondência nos amores, podia inserir-me num grupo, dado o sentimento misto de impotência e revolta, via as coisas acontecerem ao contrário do que desejava e tudo por uma certa reputação criada ao longo dos anos, mas não podia nem iria levar as coisas a sério, tinha obviamente inimigos figadais, tal como Asdrúbal, em Riachos, mas, numa certa instância do pensamento, eu eliminava-os. Acho, por outro lado, por ser quem era, tanto em termos profissionais como de origem, enervava alguma gente e o facto de escrever, somente o som das teclas através da janela entreaberta, punha em pulgas muitos deles, alguns jovens, a maior parte dandys que odiavam a escola ou qualquer coisa séria que não fosse circular pela cidade e alguma música ou bola. Para eles, a maior parte filhos de papés ricos que nunca quiseram estudar, a vida não era para ser tomada a sério, não havia, muito em parte por culpa dos políticos, objectivos de vida, porque essencialmente não estavam dispostos a ouvir ou a baixar a guarda, para muitos deles a vida simplesmente era uma coisa estranha, poucos familiar. O ambiente hostil e agressivo persistia em torno de minha casa. Podia ouvir os vizinhos, velhotes ou não, falarem de mim dia e parte da noite e sabia que falavam de mim nos cafés, especialmente dois ou três, enfim, o que eu escrevia cumpria-se, mais cedo ou mais tarde, o que eu pensava, realizava-se, mais cedo ou mais tarde, na verdade enervava-os, homens de meia idade ou velhotes, conforme pudessem ou não ouvir, o simples bater nas teclas, como se não houvesse liberdade de expressão, como se estivesse a fazer algo de subversivo, e enfim, percebia que o meu cuidado com a limpeza do corpo, as obsessões quase mortais, o medo de sair de casa, tinha em tudo a ver com isso, com a falta de familiaridade, de amigos no local em

que vivia. Simplesmente me mudaram para aqui, havia aguentado muita coisa, só faltava agredirem-me fisicamente e não duvidamente que eles estavam à espera de um deslize meu para o fazer, pior, para me prender ou mandar para um hospital. Pois bem, isso não iria acontecer, porque, para além de haver gente como eu, eu tinha amigos, não estava só, e não eram virtuais e depois havia uma coisa chamada lei e comunicação social, a que eu podia sempre apelar.

Ao mesmo tempo, reparei, enquanto antropólogo, dono de uma fina percepção para as coisas dos genes culturais, que estavam a gozar comigo. E não era de agora, era coisa de há muito tempo. Senão, como ainda não tinha emprego? Namorada? Uma palavra directa de apoio, de ajuda sobre alguma coisa, em vez de críticas e mais críticas, de observações? Eu tinha posto muita coisa em causa, minha e dos outros, e não via isso como um mal, afinal estávamos em 2018, não em 1288, depois percebi que estas coisas do humano são cíclicas e talvez se eu jejuasse conseguiria alguma coisa, talvez de descesse mais ao nível moral conseguiria alguma consideração. Mas eu não estava para isso, queria prosseguir a minha jornada, ainda que árdua e difícil e a realidade cambiava cada vez que eu começava a teclar, de modo que andava imbuído de novos argumentos, histórias e personagens para chegar a outros lugares senti-mentais...Percebia, de uma maneira ou de outra, o trabalho do filósofo como qualquer coisa como uma projecção sobre a (sua) morte, uma luz sobre a eternidade, ao mesmo tempo que reconhecia a via erudita a única forma de felicidade sobre a terra, ou seja, não só a leitura e o estudo, fosse de que autor fosse, mas o comprometimento para com ideias numa universo cósmico espartilhado, no âmbito de uma subjectividade espartilhava, onde tanto se concordava com tudo em termos de moda, passageira ou não, ou se discordava, mas tal fazia, evidentemente, parte do jogo democrático numa sociedade virtualmente tendente para o *dasein* dos sujeitos em êxtase e desaveio existencial. Quanto mais desejava menos tinha, quer fosse o sucesso literário quer fosse uma mulher ou um emprego, outro teria, em pouco tempo e percepção, zarpado daqui para fora em dois tempos para Espanha. Eu continuava por aqui, como que estando à espera do lixo feminino dos

outros. Rascos, estes humanos, de tanto pensar bem deles acabaram por fazer merda da grossa comigo, julgam que não me sinto revoltado? Claro, mas encaro cada dia como uma nova aventura, enquanto vós fugis como coelhos ou moscas sempre à procura do que é mais excitante. A minha história pode ser triste, mas nunca será trágica, eu conto estar a contá-los um por um, uma por uma, com os meus dedos, no final, na maior história novelesca não premiada. A Ideia do Bem como retemperamento das esperanças perdidas e do Mal enquanto *tecné* (Augé, *Génie du Paganisme*) na domesticação do real. Ideia para uma tese de doutoramento em ciências sociais e/ou filosofia. Podia ficar por aqui nesta obra com uma única sentença: quando somos jovens, elas aproximam-se e esfregam-se a nós, quando somos velhos, fazemos tudo e mais alguma coisa para captar a sua atenção, como fio de água que foge entre os dedos de uma conversa. Em certo sentido, o amor físico é pagão, a espiritualidade, ligada a uma ideia católica de universalidade é sacral, mas... não será o amor, ou o acto sexual, algo de sagrado, em certo sentido algo a que damos valor? Não será esse acto a reiteração frequente do sacrifício de Cristo? Não me atrevo a pensar isto, mas faz algum sentido, o amor como qualquer coisa de importante, o sexo como qualquer coisa que desvela a nossa atenção para o corpo do outro, para a misteriosidade do desejo e seu efeito retemperador das loucuras, herdadas ou adquiridas... Neste ou noutro sentido, filosofar é salvar, trazer à consciência modificada das pessoas uma forma reiterada de fixar um objectivo. Quando há múltiplas escolhas e o sistema é americano, há que ser ortodoxo e conservador e escolher uma via rectilínea.

E se fôssemos totalmente alheios ao nosso destino? E se fôssemos nada mais do que papoilas ao vento, inseridas na terra com raízes que são a nossa existência, o nosso património familiar, os nossos antepassados e origens que nos estão cravados no sangue e na maneira de pensar e agir? Muitas vezes queremos sintetizar, em termos de poesia, qualquer coisa como um código da vida, quando acontece uma tragédia as pessoas acordam e tomam por sua a vontade de explicar, em tese, certas explicações para que a vida seja felizmente controlável, segura e previsível. Ora, a vida não é previsível, como o futebol não o é, porque o (ser) humano não o é, embora se reja por um certo padrão de comportamento, alternando fundamentalmente na sua acção ideias de Bem e Mal, de Certo e Errado, quer para consigo mesmo quer para com os outros ou o mundo. De modo que „tudo isto“, além da tecnologia, é certamente muito eladiano, como os vulcões e outros cataclismos, como o amor, o shuttle do aeroporto, a vacina, o golo. Há que fazer o melhor quando temos condição para tal. Por isso nos chamam malucos, doidos, tarados, paranóicos, porque não pensamos só em nós e a felicidade que temos temos vontade de a partilhar e em vez de ficar calado, eu rpefiro deixar um pouco, bom ou mau, para que não fique a ideia de que aqui estive por acaso, fazendo uma espécie de filosofia, porque no fundo sempre fui preparado para fazer fé e ciência...Existe no quotidiano uma ideia corrente de que é o mais esperto que ganha...não é, nem o mais forte, nem aquele que melhor se adapta...nada, nada nos pode livrar de vivermos, provavelmente para sempre, aqui ou noutra lugar. Muitos exigem tanto que acabam por matar os seus filhos de incapacidade e impotência. Para esses homens nada chega, mas eu conheço aí uma nova forma de ser esperto, que está comigo e que jamais passará para os meus

livros. Há certas coisas que têm de ser ditas ou escritas para bem do mundo, quero dizer, não sou jornalista, muitos dos meus colegas nem falam com jornalistas, talvez falem mais agora, que o país evoluiu bastante, mas há uma certa mentalidade retrógada que permanece ainda nos jovens. Muitas coisas, por não serem ditas, acabam perdendo-se no fundo dos tempos, sei o que me custou ser adolescente e jovem, muitos jovens fecham-se em si ou revoltam-se contra o mundo de vida a motivos e problemas fáceis de resolver, basta falar um pouco com eles, muitos vão a psiquiatras que em nada beneficiam o seu estado, ficam, como costume dizer, „entubados“, inanimados, tal mortos-vivos antes do tempo. Falava no metro há algumas horas sobre duas visões completamente opostas de pensar, para além da geograficamente distribuída ocidental/oriental: há uma ideia de liberdade (Stuart Mill), de uma liberdade livre que pode gerar uma prisão na mente do homem e há uma outra visão, a visão do labirinto (de Dédalo, já agora), que tem a ver com uma certa tradição psicanalítica que eu perfilho. A ideia de que se pode ser feliz intra-muros, a ideia de que a vida acabará porque eu sei que acabará e não porque me julgo livremente livre de fazer o que me apetece. É o sacrifício do kamikaze, morrer para dar lugar ao outro, o maior respeito pela vida, ao contrário do atropelo do Outro, muito comum nesta sociedade capitalista, em nome de uma ideia e prática de liberdade individual.

Eu podia estar perigosamente embarcando em qualquer coisa de complicado, pensava quando estava fechado em casa. As ideias esotéricas fazem-nos perder o poder, as seguranças, enquanto asseguramos qualquer coisa por outro lado. O mundo em festa e eu no meu dia-a-dia, ensaiando sair de casa, comprar tabaco, comer um pastel de nata e beber um café. Nisto reside o essencial da vida humana: estamos, de uma maneira ou de outra, condenados a viver uns com os outros, uns pelos outros, uns contra os outros. Há qualquer coisa que nos liga, uns aos outros. Se é Deus, o transcendente, não sei. Por vezes é uma forma maligna, estar ligado nem sempre é bom. Mas estamos condenados a arrastar as nossas enfermidades até não podermos mais, porque, de certa maneira, onde há uma pessoa há sempre esse sentido de uma protensão para a ligação com o outro, seja o próximo, seja o grande Outro. Um sentido para os deuses, de acordo com as nossas várias necessidades, físicas ou espirituais, um sentido de civilidade, de viver na cidade, um sentido de que se por uma razão ou outra nos desligarmos uns dos outros pode ser pior, ou melhor, nunca se sabe, podem surgir novas formas de associação. Sim, não nos suportamos uns aos outros, mas se estivermos sós, fisicamente sós, é bem pior. Ontem fui ao cemitério, lá estava a tumba de Victor Cousin, e a respectiva protuberância entre as pernas, o responsável pelo cemitério permitia visitas regulares de casais ou damas singularmente bem vestidas, Cousin era religioso e promíscuo, heterossexual, mas, como é hábito, os outros, os chamados diferentes, também acorriam. Era uma espécie de santo da sexualidade, coisa rara no ocidente, habituado a canalizar o desejo por canos carnívoros e vozadores relativos ao lucro emocional...Fracá é a sociedade onde não agimos, bem ou mal, sob pena das consequências. È uma sociedade triste, e não estou

sendo conservador, onde todos se olham uns aos outros e nenhum sabe o que fazer. Deste modo, há que escolher entre igualdade, que muitas vezes paralisa as forças sociais e individuais, e democracia, sendo que esta sempre pede líderes. O mundo sempre precisou de líderes, porque a maior parte está ocupada com a sua vida e apenas quer fazer coisas limitadas. Nisto tudo, talvez a minha patologia fosse puramente social, talvez tivesse a ver com uma protensão para com o outro, quando muitos há que vivem centrados em si mesmos, a minha ilusão era agradar ao outro, de modo a conseguir aceitação. Não via mal nenhum nisso e nesse afã acabava por descurar o amor-próprio e quanto mais avançava nesse caminho mais estava fisicamente só, ainda que com a devida razão. Como podia uma patologia ser benéfica? Talvez porque me distraísse das mais variadas ideias de inutilidade que a maior parte das pessoas se ocupa, relacionadas com a auto-realização, o convívio com os outros, sei lá, todas essas coisas. De modo que andávamos aqui tentando agradar uns aos outros e talvez apenas o tivéssemos conseguido a propósito do futebol ou no Meo Sudoeste, no ano passado. No fundo, quando conseguimos estar em harmonia com o mundo, não aproveitamos essa harmonia, não nos deixamos levar e tentemos, como há normal, preservá-la a todo o custo, para, digamos assim, garantir um certo grau de eternidade nesta fugaz passagem por este mundo, como se estivéssemos presos a qualquer coisa de térreo, de chão, desconfiando da eternidade, do etéreo. No fundo, não queremos ser imortais, pois seria uma chatice. A maior parte do tempo, queremos que isto acabe, talvez na esperança de vermos por nós mesmo se há algo mais, algo do outro lado da barricada, coisa de que se tanto se fala por aqui e se tanto se fala é porque, na verdade, a maior parte das pessoas vive ocupada a pensar nisso, talvez a construir planos para essa segunda jornada. Por outra, estamos sós, entregues a nós mesmos, uns agarrados a deuses, outros agarrados ao Diabo, e o maior segredo de uma certa conjunção de forças

cósmicas tem a ver com a forma como nos entendemos uns aos outros, talvez o maior segredo, o maior desafio, esteja aí mesmo, sendo que em certos contextos muitos se entendem uns aos outros, noutros anda às turras dia e noite. Daqui se legitima uma ciência social e se deixa a literatura para que os deprimidos se levantem.

Assim como há Bem e Mal, também a conversa das pessoas tem dois lados, tanto podem estar a dizer bem de nós quanto podem estar a dizer mal. Flávio passava horas a fio frente ao computador, poderia tornar-se dependente de computadores em pouco tempo. Mafalda tinha nos braços um menino de dois anos e não sabia bem o que lhe fazer, passava o dia inteiro no seu quarto andar sem saber bem o que fazer, no entanto censurava o seu vizinho filósofo por estar naquele lugar quando podia viajar por muitos cantos do mundo a toda a hora. Flávio começara a sentir-se revoltado com o filósofo porque este se metia com ele e era como que seu preceptor, mas nunca seria seu confidente, mas mal ele sabia que podia ter nele um grande amigo.

De repente, cai-me tudo em cima, em Lisboa oiçoa vozes a toda a hora, dos vizinhos, da rua, não sei bem, é dia e noite, parece que é apenas o facto de ser notícia, não sei bem porquê, em Riachos só me chateiam, bem, só me falta arrumarem comigo e atirar-me ao rio como um saco de gatos recém-nascidos. Decido ler uns PDF's para desenvolver umas ideias, já que sou barra em grupos e comportamento social, poderei desenvolver essas ideias e é uma ótima forma de rendibilizar tempo livre. E procuro uma editora onde possa publicar toda a minha obra, de uma só vez talvez. Muitos tipo têm profissões diversos, outros nem isso têm, mas garganete têm que chegue, não se sujeitariam nunca ao sofrimento e humilhação que tenho passado, um pouco onde quer que vá, depois ainda por cima batem nelas e elas ficam com eles. *Ironic world, this one.* Claro que gostaria ainda de dar aulas numa contexto académico e desenvolver os meus estudos de antropologia filosófica ou filosofia social, de divulgar a minha obra, tanto gostaria como gostaria de ter sido. Mas há pessoas mais brilhantes, embora nesta área poucas. Deixa-me escrever os meus

livritos e logo se vê. Claro que gostaria de ter feito mais trabalho de campo, bem longe daqui, tudo apontava para isso, mas por diversas razões, antes de mais metodológicas, não aconteceu. A antropologia não me sai da cabeça, talvez tivesse querido ser normal quando sou brilhante e isso não faço mais a mim próprio, enlevado na filosofia vou mais longe, esquecendo-me de um rendimento fixo através de um emprego, aproveitando estar no campo da casa dos pais, enquanto em Lisboa faço exatamente o mesmo, ou seja, trabalho de campo há 29 anos. Estava vendo ontem um jogo de futebol e olhei claramente para este enigma filosófico: um jogador, negro, com o cabelo pintado a água oxigenada. No norte, o ar é mais rarefeito, logo com mais oxigénio do que no sul, onde o ar é mais concentrado mas o oxigénio menos concentrado. Eis o enigma do cabelo oxigenado do negro. Mas não podemos indexar o negro a África, necessariamente ou ao Brasil, onde eles são as classes mais baixas, nem o branco ao norte e centro da Europa. Isso é um erro, sobretudo em termos de migrações, hoje em dia. Ela saiu do site logo que disse o meu nome. Sou conhecido pelas boas ou pelas más razões, ou estarei a alucinar? Por uma razão ou outra, fiquei fascinado pela personalidade de Bruno de Carvalho que, depois de ter saído da presidência do Sporting, com uns 39 anos, ia já na quarta mulher. Ficava pensando na minha irão, que tanto me ajudou para que esta escrita fosse tanta e tão vasta e entendia perfeitamente o seu azedume para comigo que, enquanto antropólogo, que o fora todo este tempo, e um pouco filósofo, não conseguira arranjar situação de autonomia financeira que e deixasse aliviada e a mi autónomo de pensamento. Depois de falar com tanta gente, individualmente, depois de ter desejado ir a Nova Iorque, talvez devesse estar calado um tempo. De mod que eu, tal como Paul Auster, não fazia grandes filosofias, deixava-me estar no meu canto como um gato e se tivesse influencia em alguma coisa talvez a batida das teclas, nada mais, nem queria saber de grande coisa, embora permanesse algo

inquieta, não tanto nos termos de uma inquietação filosófica nem tão pouco no regime do inconsciente colectivo, mas quanto a trabalho. Não tinha carro, estava em Riachos, sabia muita coisa, mas isso talvez me consolasse, sabia que existia, o objectivo Nova Iorque ficava cada vez mais longe à medida que o tempo passava, já tinha passado ao lado de uma grande carreira enquanto antropólogo e nem sequer era verdadeiramente filósofo porque tinha medo do que a filosofia podia aportar de caos para a minha vida... Para continuar a sonhar, temos de abdicar de muitos sonhos, num certo processo de substituição, mas mantém-se o rácio de sonhosa ilimitado. As coisas melhoram: na retrete está um pedaço de merda que não limpo, excreta, tudo se explica antropológicamente, foi preciso um acidente do meu pai para que eu tivesse, com os meus irmãos, uma certa perspectiva do que é ser-se cidadão. Assim, mesmo assim, continuava acalentando vontade de discutir a tese e vir a dar aulas de filosofia ou de ciências sociais, na Clássica no ICS. No fundo, o que é que faziam os cientistas sociais e os filósofos, neste país, onde a filosofia se misturava com tudo e nem todos os que faziam ciências sociais sabiam que tal teria a ver com uma certa perspectiva do que é ser-se humano? Sim, estava farto de mim próprio e talvez estivesse redundantemente errado. No fundo, eu vivia num país ingrato, ninguém de lado nenhum queria saber de mim, o facto de me interessar não tinha nenhuma vantagem e eu não usava os meus conhecimentos da sociedade para meu proveito. Assim, como se não aparecesse miúda alguma, pensei em desistir da filosofia, andar por aí, mas deixei-me estar, bebi mais um whiskey e deixei-me estar perto do passáros, imóvel como eles. O mistério, talvez da estada de Sintra ou de outro lugar, é que há seis meses que nenhuma mulher se aproxima de mim. Não estou impotente, tenho bens, sou umj tipo bastante apresentável, muito mais do que muitos, sou inteligente, uma figura socialo. O que se passará? Pensam que tenho algum mal? Porque estou

indignado? São todos chico-espertos? Acham que vou querer ficar para sempre na mesma aldeia que tenho citado nas minhas obras? Acham que vou ficar para sempre na mesma casa, na mesma cidade que tem sido palco dos meus romances, ainda que não best-sellers, quando nem uma se aproxima? Acham que sou uma espécie de Bruno de Carvalho, que com 36 anos já vai em quatro? Não me devo indignar? Paciência tenho eu muita, e se me revoltar podem-me prender, claro. Claro, mais um discussão com a minha mãe, depois de um senhor procurar por uma solicitadora que toda a gente sabe quem é em Riachos e tinham de perguntar isso a mim? Neste momento, sou o melhor filósofo, cientista social e escritor do país. E não tenho nenhuma filiação institucional. Depois, percebi que diversas pessoas a quem a minha irmã falava pressionavam-na para me tratar mal, porque a minha mãe tratava-me efectivamente mal e não era só da doença. Enquanto isto decorria, nada nem ninguém dizia alguma coisa ou dava algum apoio, a mim ou à minha mãe, que parecia obcecada pela minha irmã e realizada por meu irmão, enquanto eu nada valia. O meu pai pensava que eu queria ficar em Riachos, mas eu não, não queria e a comunidade académica de antropologia, filosofia e literatura, nada dizia, bem como Danny, todos sabendo a obra que eu tinha publicado e a tese e a pósdoc tese, mesmo não tendo trabalho, ninguém dizia nada, quer em Riachos quer em Lisboa, muito menos em Nova Iorque, a quem eu parecia um nerd chato e saloio. Depois, olhei para mim, um miúdo bonito, inteligente, humilde, sofredor e pensei no que havia passado em Lisboa, sabia que merecia uma sorte melhor, talvez Nova Iorque e uma sorte de consagração mundial, muito depois de ter estado no convento, muito depois de antropologias e seus pensamentos, muito depois de perceber que nada se consegue do dia para a noite e estarei entre aqueles que vêm da vida um fogacho e aqueles que não ousam entusiasmar-se. Por isso, ouvia “Don't give Up”, do Peter Gabriel. E isto não é de doidos? Eu acho Portugal um país tristemente

alegre, em paranóia, no caso meu, a especulação de que é feita a filosofia não me serve para dar aulas, nada poderá reparar a mágoa que sinto, a injustiça, a indignação. Os pais cortam os passos aos filhos e esperam que elas façam o quê? Que sigam os seus passos? Assim se percebe que o pai é mais maluco que o filho. Devo eu pensar o quê de um país a quem dei tudo e que nada me deu, sobretudo nem sequer um lugar de professor, quando na América, teoricamente, conseguiria mais? Tenho uma mãe que está sempre contra mim, uma irmã que me contesta a todo o momento, um cunhado que é imparcial, um pai que nada conta. Que devo pensar? Não é isto um *case study*? Eu acho que é, no entanto prossigo sem que nada me ofenda nem condene, porque afinal continuo só, sem uma dama para me consolar. Invocar a Bíblia para quê? Em terra de cegos? Não tenho eu já obra publicada? Não tenho uma tese e uma pós-tese? Muitos nem sequer se preocupam com isso...Acha que eu vou às putas quando nem mulher tenho? Acho que as mulheres daqui não têm tomates. Nem os homens. E tenho um irmão que se julga melhor do que eu e está sempre a massacrar-me, tenho uma sociedade que me oprime só por ser cientista social e filósofo e uma academia que, a esse nível, nada me diz, nada comunica, quando eu continuo a pensar nos seus termos. Cobardes. Muitos jobens, incautos, tomam a opção de optar pelo mundo virtual, esquecendo-se do mundo real, onde poderiam exercer o seu poder, se é que o querem, Irónico destino este, onde aqueles que são acompanhados de damas nada têm, onde aqueles que têm o poder se embebedam por alguma forma de acompanhamento, quando os que estão sós sonham com alguma forma de poder.

Mas eu nunca poderei arranjar uma dama que viva definitivamente comigo, porque estarei sempre entre Riachos e Lisboa, provavelmente irei a Nova Iorque, a vida nunca será muito generoso comigo, porque no fundo eu dou tudo e quem assim faz pouco recebe porque afinal trabalha para os outros, é mais altruísta que egoísta, reconhece que pode haver

mais alegria no outro, no recontro do outro, do que no estar ensimesmado, porque o conhece demais. Tiro a dentadura, supero Jean-Paul Sartre, hoje ouve confusão na rua, como diz Flávio, que nem se atreveu a telefonar-me, talvez esteja mais preocupado com o seu papel social, agora que o seu velho partiu, enquanto eu continuo às turras com o meu e tentando afirmar uma obra visceralmente ligada à maneira de ser daqui, enquanto se mantém o conflito entre os mais novos e os mais velhos, alguns dizem que a humanidade está perdida, eu digo que não, não serei eu parte de uma geração de transição para aquela que aí vem, não mne exalto enm me diminui, nestes termos nem uma dama tenho e isso revolta-me absolutamente. No fundo, não perceberam que está aqui um antropólogo e a coisa pode ficar feita e que o estão a prejudicar, e no fundo são apenas pessoas vulgares e que ele pode bem não se preocupar com isso que vós vos preocupais. Disse adeus a Manu desde o momento em que estava falando com outra pessoa sobre mim na minha presença. Estava criado um mau ambiente naquela rua, problemas e mais problemas, tudo com todos. Andávamos então tentando conhecermo-nos uns aos outros e nem suspeitávamos que a psicologia dizia que o Outro pensa como nós. Esta era uma verdade que retinha daquele dia. Desde que há alguns anos sabia que era filósofo, mas não o tinha assumido porque não tinha apego sentimental com ninguém. Naquele dia, mais um acidente de estrada vitimara um jovem pai de 39 anos, no forte do calor, entre floresta e areia e o concelho também ficara abalado por mais um acidente de mota, enquanto a minha mãe estava ficando cada vez mais surda, ainda no rescaldo da discussão de ontem à noite na rua entre os vizinhos. Eles estavam em casa, talvez dormindo, coitados, cansados e casados, não acertavam uma e eram bastante jovens. Um certo ar de triste alegria, “fadística”, havia naquela aldeia, que alguns consideravam pequena, mas que tinha um certo ar e modo de vida nórdico nas suas gentes, pois nada de grave acontecera nela nos últimos

anos, uma vida exigente, as pessoas não era fáceis, mas talvez não tão viscerais quanto as do norte nem tão sábias e cosmopolitas quanto as do sul. Sim, eu tinha dado demais, tinha ido longe demais, por isso me chamavam de louco e tarado, porventura talvez o fosse apenas por referência a um certo tempo. Bebi um whiskey, havia vomitado bastante na noite anterior, o meu coração quase parara. Bebi agora uma cerveja, depois de ter conversado com Michael no café...

Substituíra em mim a figura de antropólogo mais ou menos viajado, que conquista mundo e se instala num território alheio para desempenhar o seu termo territorial pela de filósofo, ainda que na casa dos pais. Não sei qual das duas era mais difícil e sem proveito algum, com bastantes conflitos com os circunstantes, que desconfiavam sempre de um cientista social, ainda que ele ali tivesse passado a infância e fosse, para todos os efeitos, também ele um local.

Eu estava, falando com minha mãezeta, numa terra, numa aldeia, onde se não me sentia a mais, sentia-me bastante saturado e sentia que dava valor a um Lobo Antunes talvez por ter andado em África, na guerra e consultar malucos em Lisboa, sim, é um pouco de ciúme, às tantas sabia consertar melhor as coisas do que ele e nem psiquiatra seria, se é que o trabalho do psiquiatra seja consertar alguma coisa. Portanto, neste país, eram frequentemente mais criticados os que procuravam fazer alguma coisa e faziam mesmo, que contribuía para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, incluindo saúde mental, do que aqueles que se encostavam a comentar tudo e mais alguma coisa, não quero dizer que fossem sempre os mesmos, mas havia, sem dúvida, essa mentalidade. Mesmo o antropólogo era uma espécie de foragido de uma certa realidade, não digo social, mas de cariz social. A maioria dos filósofos portugueses era tontos, agarrados a autores machistas e ultrapassados, mas as publicações reforçavam essa obsessiva reiteração no mesmo que, a meu ver, não levava a lugar algum. Sim, o filósofo não tinha função social

efectiva nenhuma, a não ser pavonear as suas palavras à tv, dar aulas e participar em colóquios. De modo que pouca gente juntava a ciência social à filosofia, ou seja, pouca gente fazia antropologia ou sociologia filosófica e isso era triste, todos morriam nas estradas ou pelo excesso de droga e tabaco e elas acompanhavam-nos nisso e as telenovelas apenas reflectiam esse excesso de paixão que é próprio do português, do espanhol, do italiano e do grego. Sabia que em África seria bem pior, por isso ainda considerava Portugal um bom país para se viver e, como dissera a um jovem francês no aeroporto, fazer filosofia. Numa canção de JP Simões consegui consolação quase ao fim da noite, quando as festas do Sagrado Coração se iniciavam. Assim, continuava carente, de amor corporal e de afecto, ainda com a aridez da minha mãe e irmã, o meu amor estava errante como eu mesmo, o meu físico e semblante, retido em Riachos por apenas mais dois dias, regressaria a Lisboa e no metro, no Centro Comercial Vasco da Gama, a oportunidade de vir a conhecer alguém, talvez fosse imediato na Faculdade de Letras ou na FCSH, que ainda se encontravam fechadas. Longe estavam os tempos da depressão, estava mais lúcido e enérgico, longe os tempos em que era um autêntico calvário para me levantar, em Riachos ou Lisboa. Estava calor, havia fogos um pouco por todo o lado, as festas na aldeia começavam naquele dia. Sim, um antropólogo fazia de tudo para conseguir uma mulher, uma filosofia da errância, normalmente muitos nem procuravam, elas vinha ter com eles, mas comigo nunca fora assim, nelas e em nada, eu sempre tive, com o meu geniozinho, de agarrar o que procurava, o que aparecia, conforme a ocasião, o meu pai não se descozia em nada, tal como o de Manu, com quem fora no dia anterior a Braga reviver os tempos do colégio de Montariol, tempos imensamente felizes e trágicos, esses. Sim, teria tido uma primeira experiência homossexual em adulto e nunca mais se repetira, porque eu não gostava de homens para uma coisa física...Estava numa coisa certa, no dia anterior havia vomitado tudo de

novos, várias vezes, resultado de dez uísquis que havia bebido durante o dia e o coração voltara a bombar, tinha de ter um certo cuidado, um certo era pouco, falara com o meu irmão e estava nisto, nesta vida doméstica em que o meu pai não se desfazia, bastante dorminhoco e a mãe resmungona, ainda depois do barulho daquela noite com os vizinhos em que o meu pai foi agredido enquanto eu via boxe no canal de combate, os tais vizinhos deve ter-se ausentado, tal a desorientação que acontecera naquela noite em que eu também entrara ao barulho, advertindo o rapaz, coitado é mau mau ou bom que não deixa de ser um delinquente, apenas isso, só de pensar que noutros tempos a rua tinha mais animação e alegria,. Enfim, os tempos são outros, os morados estão quase todos, menos o filho da Raposa e os Ruas, que venderam quase tudo, tirando a Dona Menarda, que se encontra lá em Lisboa perto de mim. Talvez tudo isto nem seja uma etnografia nem um romance, mas um pouco das duas coisas, com um fundo, um ponto de partida, realista, mas com um ponto de chegada, previamente fixado, que é em tudo abstracto, por isso digo Além do Pensamento, ou seja, aquilo que do meu ponto de vista algo antropológico, me é permitido vislumbrar, incluindo as estrelas, como Tycho Brahe há já bastante tempo. O mero índice de que não tinha mulher há seis meses, que em Riachos quer em Lisboa, provavelmente aumentava a minha desconfiança face às pessoas, mas eu continuava a grassar, de um lado para o outro, cumprindo sempre os mesmos rituais sociais, embora por vezes me sentisse a mais, tendo a impressão de ser chato ou inconveniente. Não gostava particularmente de me pavonear nas esplanadas, sabia que nem toda a gente gostava de mim e mandava também as minhas ditas “larachas” ou observações atrevidas sobre um tópico ou outro. Não sabia até que ponto lidar com a situação de que, sendo antropólogo e estando mais que u par de dois na aldeia, teria ou não de ter mulher, talvez não me levassem a sério ou tivesse de ser mais atrevido, mas também não estava em idade para tal. O reconhecimento

do fim, de um fim nas coisas, era também sinal de amadurecimento e de alguma maneira assentimento de que podemos transmitir coisas, ideias e aprendizagens aos mais novos. Como se nos tivessem tirado tudo isto com o empreendimento tecnológico, tínhamos ao menos isso, os nossos pequenos. Isso não era somente sinal dos outros, mas de nós mesmos, pois se um govern, por hipótese, decreta a proibição absoluta e irrevogável de ter filhos, muito mal parado está o caso...

Era tarde. Melhor, era de tarde. Tempo a tempo, o tempo passava. Procurava atenuar o sentimento de algum enfartamento de estar em Riachos, era tempo de voltar a Lisboa, dentro de dois dias, depois lembrei-me de Alvaiázere por causa do meu cunhado, enquanto brincava a qualquer coisa com a pequena e a minha mãe me remendava as calças preferidas. Por vezes procurava uma certa cientificidade nas coisas, nos dias, por vezes ficava vendo televisão, ao acaso, deixando-o modificar a minha vida. Era verão, não adiantava estar com muito stresse nem complicar. Procurei de novo trabalho num portal de emprego científico, mas sem o doutoramento era complicado fazer qualquer coisa. Dentro de quinze dias iria concorrer de novo às bolsas da universidade de Lisboa, podia aceder de novo ao doutoramento, talvez frequentasse algumas aulas e viesse, quem sabe, a conhecer por lá uma miúda interessante. Tinha de pensar que já tinha um trunfo, um tema científico, e grande preparação. Sabia que por vezes temos de saber dar um passo atrás, ou aguardar um pouco por aqueles que não vão tão depressa na corrida. Há muitos inconvenientes em ser mais rápido, ele acaba na grande parte dos casos por ficar só. Isso já me tinha acontecido na escola secundária e na universidade e era uma boa opção a uma decisão de sair lá para fora. De alguma modo, eu nunca fora psiquiatra nem advogado, nem cirurgião, talvez com algum esforço, porque tinha ainda bastante confiança no ser humano e uma específica concepção do que é ser -se normal ou patológico, ou seja, devido ao meu contacto com certas pessoas no âmbito da religião, certas “conjunções metafísicas”, diria Paulo Borges, adquiria um certo poder taumaturgo, em relação a pessoas e animais e isso explica-se naturalmente bem, tem a ver com o contato com as obras de Paulo de Tarso ,sobre quem escrevi uma coisa, e Santo António de Lisboa, figura que sempre me apaixonou, para além de António Vieira e

muitos mais. Raramente um cão me mordida e se atirava a mim e mesmo com as pessoas raramente aconteciam picardias sob a minha presença, como se eu “sugasse” a energia negativa do Outro. De modo que, onde morava, em Lisboa como em Riachos, à medida que os meus velhotes envelheciam e perdiam alguma da sua força, eu sentia-me crescer em importância social, coisa que de certa maneira eu estava a pedir. Não era mais dogmático quanto a uma cadeira académica específica, mais uma vez tinha de me adaptar, eu, que fora muito melhor que muitos colegas que neste momento poderia estar longe, numa tribo qualquer, numa academia qualquer, mas de resto não seriam assim tantos e devido ao facto de eu gostar de literatura e ser, em parte, escritor, contribuía para não fundamentalizar a minha condição de antropólogo, tal como Redinha em África. Eu, que depois de muitos dias trágicos, me queria tornar um expert em relações humanas, como Watslavick e Geertz, Balandia, Augé ou os fundadores da escola de Palo Alto, dava-me agradecido por estar em casa dos meus pais, talvez grato por não ter trabalho, embora quase sempre procurasse, nos entretimentos do entusiasmo da escrita, dava-me feliz por ter uma cama (só para mim), por ter uma irmã que apesar da má-disposição, ainda acreditava em mim, por ter um pai absolutamente isento, uma mãe mal-disposta e hipersensível, um sobrinho barra em jogos de computador, o que não era uma analogia à relação académica e filiar entre Durkheim e Mauss. Isto é só a gente a falar, longe das concatenações convexas de Escher, Iturra, Pais de Brito, Freitas Branco, Almeida, Perez, Verde, Valverde ou Pina-Cabral. E lembrava-me de Portugal como um país ideal para viver, com o tamanho certo, não muito calmo nem muito stressante, sabia que se tivesse ficado em Paris, dado que sou a certas picardias, já algum me tinha limpo o sebo ou estaria com um desenvolvimento maior da minha doença, devido a um desgosto de amor face a um bela francesa, num hospital ou mesmo morto. Por aqui ainda podia dar a minha volta, ir até ao café, ver Virgínia ou Paula ou

mesmo Impropéria, a mais amada de todas, que tinha seios perfeitos e uma bela curvatura nas ancas e com quem tinha uma empatia especial. Tudo isto seriam desafios para mim, por vezes pensava que podia ir até ao Brasil, mas esse país maravilhoso também tem as suas especificidades, culturais e sociais, podia ir até Angola, mas estava medindo as coisas e mesmo não tendo dinheiro para comprar livros, não me atrapalhava mais como antes, talvez por cansaço, talvez pela aquisição de uma certa forma de sabedoria, muito ao jeito Coreano e Japonês. Deste modo, falava sobre mim, não sei porquê, não seria por egocentrismo, apenas não queria esforçar muito a mente como em outros tempos e era essa a forma de confiança que tinha para como a literatura, a demonstração de um ponto de vista confessional-social sobre uma certa realidade, porque embora sendo português, por outro lado não o era, podia estar nas outras duas nações confortavelmente, mas estava por aqui porque ainda tinha condições de liberdade (as mesmas de Gellner) e felicidade, para além de motivos mais que suficientes para este trabalho da escrita. No fundo, eu estava, como outros, a chegar a um fim de ciclo, fugira da sociedade de todos os dias quando fora, não digo para o seminário, mas para o convento, e agora estava adaptado ao mundo sequencial, seguido, linear, ou seja, um dia após outros, tendo evidentemente algumas seguranças, mas sabendo lidar com as fragilidades. Nunca fora muito social, mas, a par disso, sempre fora um miúdo de certo modo “cósmico”, quer dizer, um pouco de bruxo e de místico, médium, psíquico, enquanto tinha sem dúvida também força física e capacidade de combate. Claro que podia estar em Nova Iorque, talvez ficar por lá e encetar uma carreira, mas, de certo modo, isto, os dias que passavam, eram uma certa forma de ser Nova Iorque. Em certa medida, eu era como toda a gente, todos gostam de contemplação e misticismo, até os comunistas, talvez as Igrejas nunca acabarão, como nunca acabarão os cafés, os cemitérios, os jardins, os bares. Sim, o homem é essencialmente um ser social, mas também

simbólico, ele acaba por resolver o problema da agressividade dissertando sobre o mundo e suas infinitas relações, porque há mais relações do que unidades atômicas que são os sujeitos. O futebol no nosso país estava-se tornando mesquinho, quezilento, não apenas por via do caso Bruno de Carvalho. Em Inglaterra e Luanda seria certamente diferente. Enquanto isso, os sucessos no desporto sucediam-se, e continuavam a inspirar-se em algumas das minhas ideias enquanto eu estava ainda falido, enquanto prometiam quase isenção aos emigrantes que pudessem regressar, esquecendo-se que muito tinham ido por livre vontade, muitos para universidades de grande monta e viviam à grande lá por fora. Isto ia conforme as conveniências e via com amargura que o meu partido nada fazia por mim, nem eles nem nenhuma editora se mostrava interessada em publicar a integralidade da minha obra, que contava com mais de trinta títulos, coisa que eu pretendia fazer quando tivesse disponibilidade financeira e mental. Estranhava como podia estar tanto tempo, seriam dois, quase três anos, sem discutir uma tese e a minha revolta advinha em grande parte de ter investido todo o meu dinheiro em estudo, ajudando muita gente com minhas ideias, não podendo por enquanto exercer a profissão de professor, fosse de Antropologia, fosse de Filosofia ou até de Sociologia, porque essencialmente os convites não surgiam. Mas não era pessimista quanto a este teor, não podia era puxar mais intelectualmente por pessoas que, se não se davam mal afectivamente, pois o português, creio, arranjar sempre uma forma de amar, seja fisicamente, seja romanticamente ou até utopicamente, por pessoas a quem lhes falta muitos bens essenciais. De modo que eu compreendia perfeitamente isso e estava disposto a esperar, até porque fora professor e de certa forma levava a vida como somente uma forma de transmissão de ideias, mais ou menos revoltado, entre os mais velhos e os mais novos, uma forma baudrillardiana de entremear símbolos e signos, numa forma de comunicação que se, por um lado

complexifica, por outro revolve muitos conflitos, sociais e familiares. Abria-me cada vez mais aos outros e estava indignado comigo, em primeiro lugar por ter desperdiçado tanto tempo roubado à literatura e antropologia, depois por não estar longe, nos EUA, por exemplo, fazendo um qualquer tipo de actividade universitária, social, cinematográfica. Assim, escrevendo isto, ansiava por ser um velhito a quem ninguém liga porque está demasiado entretido com os seus pensamentos, ir de comboio até Lisboa como se fosse de Delfos para Atenas, embora saiba que não há comboio entre as duas localidades. Depois, comecei a pensar como o meu sobrinho gostava de mim, podia muito bem estar numa festa com amigos nesse verão de 2016, mas estava horas e horas jogando com o seu computador , consola e playstation, eu ia frequentemente, ao longo do dia, ao pequeno escritório onde estava, onde também o velhote tinha uma secretária e os seus papéis, dava-lhe comida e bebida e umas luzes de certo conhecimento, como se fosse uma espécie de preceptor, independentemente do rumo que viesse a seguir mais tarde. A casa de Lisboa também seria para ele e para a pequenita, nem sequer me dava o trabalho de o pôr em meu nome, nem podia, de resto, pois ainda tinha dívidas ao Banco de Portugal. E assim, também eu envelhecia e de certo modo desistia do amor, ou não, esperando sempre encontrar uma mulher em condições, sabia que ainda estava viçoso no aspecto sexual e isso dava-me ao mesmo tempo esperança e desespero, nunca frustração, não via a masturbação como um mal menor mas apenas como mais uma forma que temos de conhecer e lidar com o nosso corpo, nos termos de uma reiteração progressiva entre corpo e mente...

Sempre fora um heterossexual discreto, romântico, utópico até, mas, no tempo em que a minha vida progredia para o fim, mais me atraía a imagem e o símbolo do macho hegemónico, que eu via simbolizar laivos de heroicidade em certas pessoas que conhecia, como Ardiles, pois via isso, essa atitude, não só como um traço de personalidade, mas como o resultado de uma certa forma de esforço, ou até uma homenagem ao Outro, ou seja, por vezes parecer que somos certa coisa acaba por resultar sermos nessa coisa que contrariamos, portanto, a orientação sexual pode variar, evoluir, diversificar-se, eu próprio tive a experiência que falei acima e nunca mais gostei de homens, gosto de quando em vez, mas isso não me causa mais confusão, não quero casar com um homem, mas com uma mulher também não, quero namorar com uma mulher que não seja homem. É complicado, mas a tese pode estar certa: não é a genética que define, em todos os casos, a orientação, mas a forma como evoluímos socialmente na tela do real (social), ou seja, podemos ser gay mas tornar-nos hetero por via de uma aprendizagem, sim, isso terá a ver com uma terapia, mas mais como uma forma de esforço por cumprir qualquer coisa que agrada a quem nos agrada, i.e., as mulheres, sim, sempre gostei de mulheres, muitas vezes zangava-me com elas, nunca tive relações duradoiras, talvez por ter perdido o tino da religião e ainda bem, conheci mais do mundo que muitos, muito mais do que poderia imaginar e prezo-me por transmitir aos outros e os jovens de hoje estão mais receptivos do que no nosso tempo, embora de uma forma distinta, mais ínvia, mais fatal, mais importante, mais actual e universal e psicológica (antropológica e sociológica) ao mesmo tempo... Sim, parecia que tudo me caía em cima, por essa razão me havia afastado, noutra tempo, de muita coisa, mas agora estava habituado e sabia que não podia dar importância a essa crítica social, porque sabia mesmo que seria sempre assim e noutros lugares talvez viesse a ser pior. Entretanto, que fazia um antropólogo numa aldeia como esta, claro que não era no fim do

mundo, as pessoas eram civilizadas. Nesse pensamento, eu pensava: para todos os efeitos, era filósofo, de modo que era como que um camaleão social. Enquanto isso, garantia especial agrado em ver o canal Kombat com o miúdo enfronhado nos jogos e os meus pais a dormir... Sim, não conseguia dormir, porque, entre algumas coisas e ideias mais (ideais também), sentia que alguma coisa de incompleto havia na minha vida, tinha perdido, de uma certa maneira bastante estranha, o contacto com o ISCTE, quando em certo tempo eu teria sido um certo representante simbólico algo bondoso dessa universidade e o facto de me lembrar frequentemente dos vários professores que me influenciaram intelectualmente só me dava mais e mais ideias e de certo modo aplacava o meu ressentimento para mim próprio por não ter conseguido certas coisas. Mas consegui muitas outras, como disse já acima, para além de uma certa legitimação filosófica da antropologia, da antropologia portuguesa, do terreno português, em certos termos. Por isso, nunca seria um grande escritor, nem um grande filósofo, mas seria certamente um razoável antropólogo reformado que tinha uma forma particular de ver o mundo, a biografia, as pessoas. Sim, também nunca falaria em grandes termos de grandes autores, pois ocupara-me numa obra original escrita em mais de vinte cadernos, numa obra de mais de trinta títulos, diversos escritos ainda apenas batidos à máquina, uma tese e vejo que sempre fui editando, divulgando, o que escrevia. Talvez estivesse apenas aguardando uma oportunidade de uma grande editora, enquanto o meu país corria em diversos países, à boca, pela internet ou em certos círculos culturais. O clássico resultou num empate. Sousa Sintra falo bem. Curioso; Jorge Jesus está nas Arábias e treinou os dois clubes, mas não houve grandes problemas de violência na Luz. Folheava umas obras, desde um livro erótico de um autor russo do século dezanove, a uma selecta das obras de Paul Ricoeur e apreciava particularmente os três volumes das obras completas de Montesquieu numa edição antiga. O

rádio tocava, depois do jogo com o Porto, que perdeu e cada vez tinha mais saudades do tempo que estava a viver. Enquanto muitos conterrâneos viam a literatura como uma badalhoquice sem fim, eu fazia tudo sózinho e continuava a produzir tanto como louco quanto como génio, embora tivesse a mais própria ideia de ser certamente um tipo que acertava em realção a muitas coisas, não só disciplinares, mas também em relação às coisas do amor. Isso dava-me imensa alegria e orgulho interior. Pois, estranha um tipo como eu não arranjar mulher, bem-humorado, simpático, bonito, inteligente. Devia ter muitos inimigos entre os homens, talvez eles me tivessem a travar o terreno. Ou teria a ver com a falta de emprego? Não, naqueles anos, entre 2014 e 2018, a mulher portuguesa americanizou-se e era independente, não queria homem careta, como dizia o meu amigo brasileiro, queria homem tolo e rico para poder passear, comprar jóias e frequentar meios sociais e discotecas várias. Mas havia mulheres que pensavam como eu, eu tinha disso a certeza. Nesse dia, as festas decorriam, não sabia se chegaria com forças ao café Jardim, para voltar e me deitar, com um livro de José Damásio à cabeceira...Acordo a meio da noite, acabrunhado, pesnando lunaticamente no que me tem acontecido, no que está para acontecer, oiço uma canção de Falco pelos Wolfgang Press, hesito entre tomar banho e não, mas em tudo isto sinto, estranhamente ou não, sintonia com o meio em que vivo, com as pessoas...